Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly

2 0 0 0

A CONJUNÇÃO DE DOIS PLANOS

PREFÁCIO

Caro leitor:

Este livro traz a chancela do Vale do Amanhecer, e isso significa autenticidade e desmistificação. O leitor que já conhece os livros precedentes, "No Limiar do Terceiro Milênio" e "Sob os Olhos da Clarividente", sabe da nossa preocupação em simplificar, esclarecer e, principalmente, tornar cada assunto acessível a qualquer mente com adequação gradativa. A primeira medida nesse sentido é tornar claro que o concernente ao espírito e ao destino humanos não é aprendido somente pela mente aculturada escolarmente, mas, sim, pela receptividade de outra natureza, do conjunto psicofísico-espiritual, o ser humano tomado no seu todo.

A mente concreta, intelectualizada, é essencialmente transformista, elabora idéias com idéias, muda sempre as formas mas conserva as essências. Porém, a mente espiritualizada é criativa e, na sua elaboração, traz sempre algo novo, não pensado ainda, essencial. É nesse sentido que o Vale do Amanhecer orienta sua mensagem, procurando mostrar que todo ser humano dispõe do mecanismo necessário para saber as coisas fundamentais a seu próprio respeito e do seu destino.

A humanidade sempre se preocupou com sua origem e, mais ainda, com seu destino final. Mas, todos os esforços nesse sentido parecem, sempre, terminar nas incógnitas das revelações imprecisas, sejam elas científicas ou religiosas. Isso tem levado à dúvida, à insegurança e ao desespero finais, tão bem caracterizados neste final de ciclo. A finalidade deste trabalho é trazer um pouco de tranqüilidade e segurança. A retrospectiva de 32 mil anos até nossos dias, com boas possibilidades de serem encontradas provas das afirmações, fornecerá à mente humana abundantes elementos de perspectiva, tanto da visão individual como coletiva. Também, as afirmações do campo psicológico são relativamente fáceis de serem verificadas. Por exemplo: qualquer ser humano, mesmo medíocre nas letras, poderá distinguir, no seu campo de consciência, quando os estímulos de suas ações têm origem no corpo, na alma ou no espírito.

E assim, entregamos ao público mais um trabalho, mais um esforço no alívio da angústia, mais uma mensagem integrante do Planejamento Crístico, cujo principal objeto de cuidados é você, que nos lê.

Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly

MÁRIO SASSI, TRINO TUMUCHY

N E I V A

A porta da casa se abriu e a pessoa que eu havia conduzido fez sinal para que me aproximasse. Saí do carro com má vontade e entrei na casa modesta. Na pequena sala estava sentada uma senhora de uns quarenta anos, modestamente vestida, e em cuja figura se destacavam os cabelos longos e os olhos pretos, penetrantes.

Foi-me apresentada como "dona Neiva" e eu, muito a contragosto, aceitei o cafezinho. Mas não podia despregar os olhos dela. Fez-se silêncio por alguns minutos, e ela ficou me olhando, com ar pensativo. Minha passageira falava sem cessar, elogiando as qualidades da anfitriã, mas eu mal a ouvia. Entre a dona da casa e eu havia se estabelecido um *rapport*, e o mundo cessara momentaneamente de existir. Depois das amenidades de costume, ela me surpreendeu com suas palavras:

- O senhor está sofrendo muito. – disse ela – Será que não poderia voltar aqui para conversarmos ?

- Como é que a senhora sabe? – retruquei – O quê a senhoras está vendo?

- Volte aqui e eu lhe direi. Veja se pode voltar hoje à noite. – respondeu ela – Venha que eu quero ver o seu quadro espiritual.

Despedi-me apressado, meio confuso, e o resto do dia passei mais desligado que de costume. Aquela cena e a figura de dona Neiva persistiam na minha mente e meu coração acelerava quando me lembrava da visita. Tão pronto escureceu, dirigi-me para Taguatinga.

Fui admitido na mesma sala, e desagradou-me o fato de nela existirem outras pessoas. Entrei na conversa banal com relutância. Nesse tempo eu mal tinha a capacidade de ser civil. Dona Neiva conversava com todos, e eu já desanimava da possibilidade de falar com ela a sós. Embora preparado para mais uma decepção, minha curiosidade persistia. Eram quase onze horas da noite quando ficamos relativamente sós. Digo relativamente, porque as pessoas mais íntimas se haviam retirado para a cozinha, em companhia dos familiares da dona da casa.

Ela, sentada com simplicidade, cruzou os braços sobre o busto e perguntou meu nome e idade. Permaneceu em silêncio alguns minutos e, depois, começou a falar.

- Seu Mário, – disse ela – o senhor é uma pessoa insatisfeita, mas tem uma grande missão a cumprir. Sua vida vai mudar completamente, e o senhor irá encontrar a realização que tanto tem procurado. A vida tem sido muito dura com o senhor, mas agora chegou a sua hora. Tire essa idéia de suicídio da cabeça. O senhor tem muito a realizar.

Dito isso, ela calou-se e permaneceu me olhando como se não me visse.

Meio constrangido diante do seu silêncio e descrente do que ouvira, desandei uma torrente de queixas amarguradas, eivadas de ironias, que ela ouviu pacientemente. De vez em quando fazia uma observação, e eu, mais desabafado, fui-me compenetrando de que não estava diante de uma criatura comum. Passado o primeiro momento de surpresa, notei que ela se havia referido a algumas passagens da minha vida íntima, traçando um quadro muito acurado da minha realidade. Isso, sem eu ter dito nada, ou quase nada, além do meu nome e idade!

Era evidente que eu estava diante de um fenômeno novo e com todas as características de autenticidade. Como para dirimir qualquer dúvida, toda vez que ela fazia alguma afirmação, acrescentava: "Digo-lhe em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo".

Nossa conversa foi longa e profunda. Quando deixei a casa, já de madrugada, eu havia penetrado num mundo novo. Minha vida se apresentava, então, com um quadro nítido, com uma explicação para cada fato. De repente, tudo começou a fazer sentido, a ter uma correção lógica. Senti-me invadido por forças desconhecidas e a divisar um mundo acolhedor, no qual havia um lugar para mim!

Passei o resto da noite insone e excitado. No dia seguinte, tão pronto pude livrar-me das obrigações mais prementes, corri para Taguatinga. Isso se repetiu nos dias subsequentes, e, três anos depois, em 1968, mudei-me para lá. Nesse ano, eu passei a ser um Doutrinador, de tempo integral, no modesto Templo da Ordem Espiritualista Cristã.

O que se passou nesse tempo é quase inarrável, pelas características do incomum, do fantástico e do admirável. Na aparência, tanto física como social, o meu novo mundo era

absolutamente vulgar. Esse fato, esse aparente lugar comum, foi o que mais contribuiu para que meus familiares, os colegas e os poucos amigos me julgassem louco. Isso é bem compreensível.

A casa da Clarividente Neiva era um simples barraco alongado, que servia também como abrigo de menores abandonados. Na porta havia uma placa desbotada, com os dizeres: Orfanato Francisco de Assis. O Templo situava-se a três quarteirões de distância, no fim de uma rua sem calçamento. Feito de madeira que já fora usada várias vezes, só se distinguia como templo depois que a gente via seu interior. As pessoas que circulavam entre o Templo e a Casa Grande, como era chamada a casa de Neiva, eram, em sua maioria, de aparência modesta. Mas, havia sempre um ou mais carros vistosos, parados num ou noutro desses locais.

As atividades se concentravam no interior desses dois edifícios – o Templo e a Casa Grande. O freqüentador casual pouco via nessas atividades além do lugar comum. Mas, sob essa aparência casual, vulgar, passavam-se os maiores fenômenos espirituais. Ali se vivia entre dois planos, graças à Clarividente Neiva. Centenas de pessoas tinham suas vidas equacionadas e os mais complicados conflitos humanos tinham solução por seu intermédio. A vida quotidiana era um constante alívio de angústias.

Sem formalidades e com poucas obrigações, as pessoas iam passando por ela, de dia, de noite, nas circunstâncias mais banais, e saindo esperançadas, animadas. Só meu olhos atentos é que registravam o esdrúxulo, o fantástico de tudo aquilo. As próprias pessoas beneficiadas raramente sabiam avaliar devidamente o extraordinário das soluções que lhes aconteciam. Para a maioria, Tia Neiva era apenas uma criatura simples que atendia pacientemente e acalmava qualquer aflição. Poucos percebiam a complexa manipulação de forças que a solução de seus casos exigia.

A maneira casual e simples de Neiva dizer: "Vou pedir a Deus pelo senhor..." ou, então, "Pode deixar que eu vou fazer um trabalho e as coisas vão melhorar!", desarmam a pessoa de tal forma que seu problema já começa a ser resolvido no momento da entrevista. Mesmo na intimidade, nos raros momentos que se ficava só, sem pessoas alheias à casa, a simplicidade e o tom casual continuavam.

Mas, meu espírito já estava desperto para a missão. Dia a dia minha mediunidade se abria e meus sentidos estavam alertas para tudo que acontecia. Pouco a pouco, num paciente e árduo trabalho de escuta e observação, eu colecionava fatos. Naquele ambiente pobre em seu exterior material, aconteciam os mais variados fenômenos mediúnicos. Os mais visíveis eram as incorporações, quase sempre feitas na intimidade, longe de olhos profanos.

As pessoas que viviam em torno de Neiva eram simples, sem escolaridade, e avessas à racionalização. Estavam tão acostumadas com os fenômenos, que nada as espantava. As presenças do mundo espiritual e do etérico invisível eram corriqueiras. Vez por outra, um fato mais contundente chamava a atenção e era comentado durante muitos dias, colorido com lances imaginosos. O que mais me impressionava era a inconsciência humana que cercava Neiva. E assim, com displicência, em meio a uma refeição ou um ato caseiro qualquer, eu colhia respostas de perguntas milenares, de interrogações que os filósofos e os cientistas faziam há muito. Minhas perguntas curiosas logo me granjearam o apelido de "o intelectual".

Mas minha curiosidade era satisfeita com dificuldade. Cedo aprendi que a posição de um ser excepcional, que vive, simultaneamente, no transcendental e no temporal, é complexa e difícil em relação ao meio. Neiva via as coisas como elas realmente eram, mas não podia falar, mal podia comunicar. Tinha ela que se ater à capacidade de cada um e, principalmente, ao estágio evolutivo de cada interlocutor. Jesus definiu bem essa posição quando disse "que não se deve dar pérolas aos porcos"...

Outra coisa, que logo aprendi, é que as revelações não me eram feitas em função da minha capacidade intelectual ou cultural; eu as percebia por um merecimento de outra ordem, um estado sutil, notado apenas de relance. Assim é que entendi aquele máxima iniciática, que diz: "Quando o discípulo está preparado, o mestre aparece!"

Do contraste entre minha maneira de ser e a da Clarividente Neiva é que pude avaliar minhas imperfeições, meu atraso espiritual. Logo perdi as pretensões de ser um iniciado, pois a distância era muito grande. Dolorosamente, dia por dia, fui percebendo a luta que se travava em mim, entre a personalidade transitória e a individualidade transcendental; a luta entre eu e meu espírito; a briga entre Deus e o Diabo. Depressa, desisti de querer me tornar igual à Clarividente, pelo simples fato de ela viver em dois planos ao mesmo tempo.

Sua intimidade com o mundo do espírito, mediante um simples ato de mediunização, obriga-a a dar precedência aos atos do espírito. Eu, como todas as criaturas comuns, sou obrigado a longas lutas para tomar uma decisão e, mesmo assim, às vezes tomo a decisão errada. O ser comum decide por tentativas, erros e acertos. A Clarividente não erra, não pode errar, a não ser nas coisas que se referem a ela mesma. Uma palavra sua constrói ou destrói uma vida.

Eu conhecia alguma coisa do Espiritismo tradicional, principalmente do Kardecismo ortodoxo. Na minha ignorância, atribuía, subjetivamente, poderes extraordinários aos espíritos. Como todos que acreditam na comunicação com eles, eu achava suas palavras como mais credenciadas que as dos seres encarnados. Logo, porém, compreendi a precariedade dessa posição, diante de duas razões fundamentais: a imperfeição nas comunicações e o respeito que os espíritos têm pelo livre arbítrio humano.

A Clarividente Neiva é, também, um caso raro, só dado aos clarividentes, de ser um médium de incorporação inconsciente. Os espíritos que comunicam por seu intermédio o fazem livres de qualquer interferência dela, mas raramente dão conselhos ou orientação que decidam o assunto pela pessoa. Mantêm-se, sempre, no terreno do geral, das profecias que exigem elaboração do interlocutor para serem entendidas. Quando recebiam perguntas de ordem pessoal, davam orientação doutrinária e sugeriam à pessoa que consultasse Neiva, depois.

A Clarividente tem, como os espíritos, acesso ao passado e ao futuro das pessoas. Mas tem, sobre eles, a vantagem da vida humana, de viver quotidianamente e conhecer os valores correntes. Percebi, então, que Neiva não só consultava os espíritos, como era consultada por eles.

E, assim, fui vivendo e aprendendo. O mosaico de meu conhecimento, acrescentado da minha experiência de homem maduro, facilitaram minha “doutrinação” e me permitiram dirigir trabalhos mediúnicos. Aos poucos, tornei-me dirigente, não tanto pelas minhas qualidades, e, sim, pela minha disponibilidade. Eu conseguira, por alto preço, desligar-me das obrigações comuns e, assim, aos poucos, fui-me integrando na minha missão. Na proporção em que ela se delineava, eu compreendia melhor a profundidade da missão de Neiva.

Sua vida é a vivência crística integral, que vive e dá testemunho. É um superser constante, que nunca se cansa, nunca pára, e sua tolerância chega a ser irritante!

Depois de sete anos de vida ao seu lado, compreendi que esse ser representa o Espírito da Verdade, e que sua missão fundamental é nos preparar para o futuro. Entretanto, esse preparo não é feito por uma profecia específica, mas pela sua própria vida profética. A profecia é ela mesma, vivendo as coisas que transmite. E ela, agora, nos traz as notícias dos fatos que irão acontecer nas próximas três décadas, principalmente daqueles que irão ter seu ápice no ano decisivo de 1984!

I N I C I A Ç Ã O

E assim, por três anos, eu acompanhei a Clarividente, à espera da minha iniciação, sempre advertido por ela da visão do meu quadro espiritual.

O trabalho mediúnico era um teste diário. Embora me dedicasse ainda às atividades normais da vida, todo meu tempo livre era empregado no Templo ou junto a ela, à espera de ensinamentos. Essa vida era cheia de imprevistos, de acontecimentos. Nesse tempo, registrei a maioria dos casos pessoais mais marcantes na Doutrina. Começava, então, a me sentir preparado e em melhores condições de assimilar forças espirituais, nos contatos com outros planos.

Um dia, Pai Seta Branca, o supremo dirigente da nossa falange, incorporou em Neiva e fez minha iniciação.

- - Meu filho, – disse ele – você é um missionário de Deus e, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, terá que anunciar as premissas da civilização do III Milênio, recebidas por intermédio desta médium clarividente. Você dará testemunho do Espírito da Verdade, cuja missão é marcar a transição milenar. Os três anos que teve de aprendizado e disciplina seriam poucos se não fosse a grande bagagem de que é portador, pelas vidas que já teve neste planeta. Hoje mesmo, dar-lhe-ei as provas dessas vivências transcendentais. Mas não tente, nunca, ultrapassar a verdade, pois o Homem se alimenta, apenas, daquilo que se pode dar testemunho. A transição real irá começar em 1984, quando Capela, o Planeta Monstro, fizer sentir à Terra sua ação.

Nesse ponto, perguntei a ele se, realmente, tinha condições para essa missão de tanta responsabilidade. Ele, como se não me tivesse ouvido, continuou:

- Abrirei para você um novo mundo, e você escreverá com o Espírito da Verdade. A Clarividente, que coloco à sua disposição, tem seus olhos entregues a Nosso Senhor Jesus Cristo. Também você confiou a Ele sua paz e sua tranqüilidade, cujo penhor é a ausência de qualquer deslize moral. Tudo será feito por amor de um Deus todo poderoso, e estarei aqui sempre que você precisar de alguma afirmação.

Em seguida, ele abandonou o aparelho e Neiva voltou a si, após breves minutos. Tão pronto ela retomou a consciência, contei-lhe o que tinha havido, e ela não demonstrou surpresa. Disse-me, então, que, na madrugada anterior, havia assistido à cerimônia da minha iniciação, numa Casa Transitória.

Diante dessa notícia, pedi a ela que me descrevesse como se transportava para esses contatos com o mundo espiritual. Ela me explicou que o transporte era um precioso instrumento mediúnico, mas que dependia muito de disciplina e treinamento. Contou que, no começo de sua vida mediúnica, era orientada por uma senhora de nome Mãe Nenen, que lhe ajudou nos primeiros transportes com fonia. Esse trabalho tinha duas importantes funções: o reequilíbrio psicofísico de Neiva e o recebimento, por esse meio, de instruções espirituais. Desde então, tenho assistido a transportes com fonia, feitos por ela, e esse mecanismo de contato me fascina e desafia minha atitude científica. Continuando com a explicação, Neiva disse:

“A maior dificuldade de Mãe Nenen comigo era minha rebeldia a qualquer disciplina. Eu era uma simples motorista de caminhão e, na maior parte da vida, eu sempre fora independente economicamente e possuía meus próprios caminhões. Como viúva e mãe de quatro filhos, tinha o duplo papel de pai e mãe, e isso me levou ao hábito de tomar sozinha minhas decisões. Com a abertura das minhas mediunidades e o total desconhecimento do Espiritismo, fiquei na dependência das pessoas que me cercavam, e Mãe Nenen foi providencial.

Embora não fosse uma pessoa de muita escolaridade, Mãe Nenen lia muito, principalmente as obras de Chico Xavier. Com isso, era considerada a maior autoridade doutrinária no nosso meio de gente simples. Ela também vivia independentemente e, sendo mais idosa, assumiu a maternidade de minha vida mediúnica. Daí o apelido surgido naturalmente de “mãe”, em parte, também, devido à autoridade natural que ela possuía.

Sob sua direção, foi estabelecido em “retiro” diário, que tinha início às seis horas da tarde. Nessa hora se reuniam as pessoas mais íntimas da comunidade que, então, já começava a se formar no Núcleo Bandeirante. O grupo reunia nove ou dez pessoas, incluindo um médium vidente, de nome Agenor.

Eu me deitava num sofá, e as pessoas se reuniam em torno de mim. Mãe Nenen fazia a abertura com um pequeno ritual e, durante todo o transporte, ia repetindo as preces apropriadas. Às vezes, conforme surgiam as intuições, as pessoas cantavam em surdina os hinos mântricos ensinados pelos nossos guias. Eu entrava numa espécie de sono natural e falava como se estivesse sonhando. Na verdade, apenas vocalizava, através do meu corpo, as coisas que aconteciam no local para onde havia me transportado. Mas os circunstantes não ouviam as vozes das pessoas com quem eu me encontrava. Os seres e os ambientes eram percebidos aqui em baixo apenas pelas minhas exclamações ou eventuais comentários.

Certo dia, eu custara mais a deixar o corpo, e eram cerca de sete horas quando me desliguei. Senti forte dor de cabeça e, de pronto, notei que estava no interior de um aparelho, uma espécie de cabine ampla e cheia de instrumentos. Percebi alguém ao meu lado e ouvi-o chamar o meu nome de cigana, Natachan, como sou conhecida na Espiritualidade. Prestei atenção e vi que ele me apontava para uma espécie de janela enorme.

- Natachan, – dizia ele – veja aquela bola!

De fato, vi uma enorme bola de fogo colorido, que parecia subir e descer no céu, sempre retomando a posição inicial. Ouvi, novamente, a voz do meu cicerone, que parecia falar dentro da minha cabeça:

- Natachan, olhe bem! Vou mover esta alavanca e você vai enxergar melhor.

A bola ficou, então, mais nítida, e meu guia continuou:

- Ali, Natachan, é o mundo dos que se preparam para a grande obra de Deus na Terra. Em breve você vai conhecê-lo melhor. Esse mundo, esse planeta que você está vendo, é dividido em quatro partes, quatro mundos diferentes. Uma dessas partes chama-se Umbanda, cujo significado

é “banda de Deus”, ou “lado de Deus”. Ela é a parte pura do planeta. A outra parte chama-se Capela, que também significa “última espera” ou “guarnição do nicho de Deus”. Em Capela vivem os seres que vocês, na Terra, chamam de Cavaleiros de Oxossi. Esses seres têm importante função nos planos de Deus em relação à Terra. Eles são seres físicos, mas, tanto na Terra como no lugar em que você se acha agora, eles se apresentam desmaterializados.

E perguntei-lhe: Onde é que estou? Mas não obtive resposta e voltei, suavemente, para o meu corpo.

Pelo aspecto de espanto de Mãe Nenen e os outros que me cercavam, percebi que essa “viagem” os deixara apreensivos, pois fugira ao lugar comum dos transportes anteriores. Embora me recordasse nitidamente do que vira e ouvira, sabia que não podia falar sobre o assunto além de certos limites, e assim fiz. Mas percebia que meus companheiros estavam cheios de interrogações, principalmente em saber onde eu estivera. Interessante é que me senti fisicamente muito melhor que antes do transporte.”

Assim Neiva descreveu um dos seus primeiros transportes, os quais foram rareando, na proporção em que ela ia sendo mais solicitada em atividade de socorro espiritual. Desde então, os acontecimentos se precipitaram.

1968 e 69 foram anos de trabalho intenso e em condições difíceis.

As novas solicitações doutrinárias não encontravam eco nos médiuns habituados com a rotina. Faltavam-lhes a flexibilidade o desapego. A grande maioria era submissa ao ritual e aos dias certos de trabalho no Templo. Isso tinha seu lado bom, pois garantia o funcionamento ininterrupto da Ordem. Os dirigentes, por sua vez, enfrentavam a demanda cada vez maior de suas vidas particulares. Na medida do progresso de Brasília, a luta pela vida se tornava cada vez mais áspera, e isso os afastava muito do trabalho espiritual. Com isso, as responsabilidades iam sendo jogadas, cada vez mais, no ombro de Neiva e no meu.

Em fins de 1969, recebemos ordem espiritual para estabelecer uma comunidade tipo rural. A estória do Vale do Amanhecer merece um relato à parte, dadas as características especiais do grupo que nele habita. Também, os fatos que acontecem no Vale são fora de série. Neste livro destacaremos, apenas, os mais marcantes, que nos colocaram mais no foco dos objetivos.

O primeiro desses fatos foi o confinamento relativo a que Neiva e eu fomos obrigados. Estamos a apenas alguns quilômetros de Brasília, temos transporte fácil e próprio, mas raramente podemos nos afastar do Vale. Isso não só pelas necessidades dos seus habitantes como, também, das pessoas que nos procuram diariamente. Outro fato que merece destaque é o sistema econômico do Vale. Durante muito tempo, o Vale dependia quase que somente de Brito.

Brito é um caso à parte, uma original vocação espiritual. É desprovido de cultura intelectual e sua escolaridade não foi além do primário. Mas, desde pequeno, teve sua vida marcada pelo Nordeste, onde nasceu. Cedo, começou uma vida nômade e aventureira. Disso resultou uma personalidade marcante, forte e autoconfiante, característica dos pioneiros na construção de Brasília. Nesse período, ele se destacou como comerciante, pois seu principal talento é o de fazer bons negócios e desprezar dinheiro em pequenas quantias. Desde o início do Vale, até bem recente, ele era apelidado, pelos nossos Mentores, de “o capitalista da espiritualidade”, pois tudo o que se referia a finanças era com ele.

Atualmente, ele se dedica a outros empreendimentos espirituais, e o Vale já conta com sistema de auto-suficiência que permite manter sua independência econômica. Mas, durante muito tempo, Brito se incumbiu de prover as necessidades básicas e, assim, se formou o trio que, até recentemente, era sua base funcional: Neiva é a Clarividente, a portadora das instruções dos dirigentes espirituais, a coluna mestra da missão; Brito foi o esteio material, o administrador no plano humano; e eu, sou o cronista, o intérprete, “o intelectual”, como se diz aqui com toda a simplicidade...

A MISSÃO

E assim prosseguiu a missão, o preparo das bases que irão esclarecer a humanidade neste fim de era. Daqui partirá a preparação necessária para a interpretação correta dos fatos extraordinários que irão ocorrer nos dias que se seguirão. Aqui seremos os porta-vozes do Espírito da Verdade, que tão alto falou através de Kardec. Não advogamos exclusivismo, nem julgamos ser os únicos portadores das mensagens celestiais. Apenas proclamamos nossa autenticidade

espiritual, nossa dedicação integral à ajuda aos nossos semelhantes e a ausência de qualquer interesse, seja pecuniário ou doutrinário.

Ninguém tem qualquer obrigação para conosco; nós é que temos obrigações para com a humanidade. Neste livro, seremos os portadores das notícias de um povo de outro planeta, chamado por nós de o “Planeta Monstro”, devido ao seu tamanho em relação à Terra. Seus habitantes são gente como nós, espíritos ocupando corpos físicos. São moleculares, mas sua composição é diferente da nossa. Seu planeta preside os destinos da Terra desde o princípio, e seu contato com os terráqueos se faz de muitas maneiras. Nos momentos decisivos, nas transições da Terra em sua trajetória infinita, esse contato se intensifica, se materializa. Esse povo sempre viveu entre nós, e nós sempre vivemos entre eles, e essa convivência sempre foi percebida. Apenas, o registro dessas relações é que tem sido feito de maneira precária, devido aos limites naturais dos seres humanos. Também, tais registros nenhuma utilidade teriam, pois apenas pareceriam interferências no sagrado direito de decisão, no livre arbítrio.

Para o ser humano, não é necessário saber como é Deus, nem o que Ele faz ou pretende. O importante é saber como é o ser humano, e o que ele faz ou pretende fazer. Mas, a pergunta surge naturalmente: por que, então, esse contato atual, e o que pretendem eles?

Essas respostas é que pretendemos dar neste livro.

Para começar, repetimos a afirmação acima: não se trata de um novo contato, mas, apenas, uma nova forma de contato. Eles agora virão, como já vieram no passado, fisicamente. Virão para nos ajudar na difícil e catastrófica passagem deste milênio para o próximo. Por enquanto, virão como socorristas, para nos conduzir através dos desastres físicos, psíquicos e espirituais, que se abaterão sobre nós nos próximos vinte ou trinta anos.

Sua própria maneira de chegar já são impactos desagradáveis. Mas tais impactos têm a finalidade de ensaios, de preparação para os acontecimentos do futuro próximo. Seus aparelhos irão causar assombro, e boa porção da humanidade vai-se apavorar, mas isso faz parte da sua didática. Muitas vezes é preciso, ao ser humano, se assombrar e se apavorar para poder enxergar a própria realidade.

Basta imaginar, por exemplo, um imenso aparelho metálico sulcando os céus em velocidade fantástica, com resultados danosos para as aerovias, as comunicações e o equilíbrio da atmosfera, para termos uma idéia do que pode acontecer. Se quisermos estar, realmente, preparados para esse e outros acontecimentos fora do comum, devemos, desde já, ampliar o nosso campo consciencional.

Os pólos da Terra se aquecerão, e o gelo neles contido irá se derreter. A imensa quantidade de água resultante irá se derramar pelos continentes e, com isso, os mares mudarão de posição. Terras emergirão e outras serão submergidas. Montanhas se tornarão pequenas ilhas e rachaduras abissais cortarão a Terra em todos os sentidos. Os climas sofrerão grandes transformações, e a água e o fogo se alternarão no fazimento da nova superfície da Terra.

As modificações orgânicas, resultantes dessas transformações, obrigarão a adaptações psicofísicas do ser humano atual. Essas adaptações são possíveis, pois o ser humano mal conhece sua potencialidade. Conceitos de alimentação, sono e capacidade respiratória terão de ser mudados, para que haja resistência às novas condições ambientais, principalmente no seu caráter mutável do período de transição.

O ser humano dos próximos trinta anos será um excepcional, e nisso os nossos amigos de Capela irão nos ajudar muito. Seus missionários já estão prontos para a tarefa, e suas vanguardas já estão ativas em muitos pontos da Terra. Até agora, eles têm exercido sua missão de muitas maneiras, sempre discretos, sempre evitando interferir no livre arbítrio humano. Alguns ocupam personalidades específicas, outros agem como guias espíritas, e a maioria nem faz sentir sua existência.

Na verdade, eles estão fazendo muitas experiências, na busca da melhor forma para sua presença na Terra. Os discos voadores são amostra disso. Entre eles e nós existe um plano intermediário, o plano etérico. O problema deles é manipular as forças e homogeneizá-las em cada plano: o deles, o etérico e o nosso.

Sua maior atividade atual reside na preparação dos seres que irão habitar a Terra no III Milênio. Milhões de seres humanos freqüentam suas escolas e vão sendo preparados para o futuro, mas esses seres não têm consciência disso na sua memória física; sabem-no pela sua mediunidade, sua inspiração. O resultado desse aprendizado se faz sentir em todas as atividades

humanas. Na gigantesca luta sideral, entre o positivo e o negativo, o bom e o mau transcendentais, essas lições interplanetárias agem como fator de equilíbrio.

É por isso que vemos, em meio à selvageria da humanidade, seres bem dotados lutando pelo lado bom. Esses alunos de Capela são os que procuram amar o próximo desinteressadamente, os missionários de todas as categorias, os precursores das idéias novas. Mas, essa escola interplanos não é privilégio de ninguém. Verdade que há alunos que vão até lá e recebem as lições na fonte, mas para cada categoria existem escolas próprias. Alguns vão às estações espaciais, que são as Casas Transitórias, como aquelas mencionadas por André Luiz em “Nosso Lar”. Outros recebem suas lições aqui na Terra, nas escolas dos Mestres Capelinos que ocupam personalidades terrenas.

Mas o resultado desses estudos são sempre dependentes da sagrada capacidade de decisão, do livre arbítrio, condição fundamental da existência dessas partículas diferenciadas de Deus, que são os espíritos. Portanto, a tarefa dos nossos amigos de Capela é trabalhosa e incerta, como são as nossas lides aqui na Terra.

Eles agem, na situação atual, de acordo com o *momentum* da humanidade, a situação real existente. Não foram eles que decidiram que a situação seria essa, mas, sim, a própria humanidade que assim decidiu. Nem a Terra, ou os que nela habitam, foram, jamais, condenados a qualquer destino certo. O destino sempre foi feito pela própria humanidade e a Terra física é, apenas, a resultante dessa atividade. A Terra é somente o plano físico e a condensação máxima da potência moldadora do espírito.

Se os espíritos que a habitam têm, agora, uma Terra em convulsão, num parto doloroso, devem isso a si mesmos, e não a ela. A Terra é, apenas, matéria – átomos e moléculas organizados – e nós não somos produtos dela. Isso seria um absurdo em termos de lógica espiritual. A assertiva de que o Homem é um produto do meio é válida, somente, em âmbito reduzido. Átomos, moléculas, células e quaisquer outras partículas que compõem as coisas físicas do planeta, inclusive o corpo humano, são apenas agregados pela força coerciva do espírito, sua capacidade de retenção magnética.

Para que possamos compreender isso, é necessário que aceitemos e compreendamos a transcendentalidade do espírito. Isso nos levará, necessariamente, ao fenômeno da reencarnação. Para reencarnar, nascer na Terra, nós, os espíritos, preparamos um corpo, moldado segundo nosso plano encarnatório, e nela habitamos por algum tempo. Mas, é evidente que nós é que fazemos esse corpo, utilizando a matéria disponível no plano da Terra, e nos submetendo às leis da dinâmica da superfície. Seria absurdo dizer que esse corpo é que nos criou.

Conforme o corpo que criamos, de acordo com nossas possibilidades e nossas intenções, assim será nossa psique, nossa alma. A contingência física determina o comportamento, a psicologia do ser na Terra, sua personalidade. Conforme a *persona* que envergamos, somos a personagem que atua no palco da vida. Mas os agentes somos sempre nós, os espíritos. Somos atores de uma encenação gigantesca, que se chama Humanidade!

ESCOLA INTERPLANETÁRIA

A visão do planeta Capela foi a abertura de um curso interplanetário, paralelo à missão da Clarividente Neiva. Desde então, ela foi aperfeiçoando sua carreira sideral, vivendo simultaneamente em três planos vibracionais: na matéria densa, no mundo etérico e no plano espiritual.

Na concentração física, na sua personalidade, ela tem sido submetida a todas as provas da sua faixa cármica, vivendo a vida de relação com intensidade. No plano intermediário, na física etérica, ela foi aperfeiçoando seu contato com a matriz da Terra, o planeta-mãe, também conhecido pelo nome de Capela. No plano mais alto, o plano espiritual, ela se submeteu aos rigores da missão crística, com todos os percalços do Caminho da Cruz, do Evangelho e das lições que recebe dos Grandes Mestres.

A vida é contínua e a lei que rege seu todo é uma lei única, que costumamos chamar de Deus. Porém, para cada manifestação, para cada plano existencial, a lei se manifesta de acordo com Ele. Passamos, então, a falar em termos de “leis”. Existem, portanto, as leis que regem as

várias gradações do plano físico, as que regem o plano etérico, as que regem o plano astral e as que regem planos desconhecidos, fora do nosso alcance.

No ser humano normal, a maior porção da consciência se concentra no plano físico, na vida de relação com o ambiente. Sua consciência dos outros planos é parcial e esporádica. Mediante exercícios, práticas iniciáticas e infinitas situações anormais do plano físico, o ser humano muda o foco de sua consciência, seu estado consciencional.

Sempre que isso acontece, ele fica submetido, parcialmente, às leis do plano em que se concentra. Um bom exemplo dessa situação nos é mostrado pela vida monástica. O indivíduo se retira da vida de relação normal, submete seu organismo e sua alma aos rigores das leis que regem seu espírito. O descumprimento das leis que regem o plano físico produz atrofias e déficits que o afastam das relações normais com os outros seres. É impossível, por exemplo, ser um monge tibetano e, ao mesmo tempo, um atleta ou um bom comerciante. Nunca, porém, é conseguida uma vivência perfeita em tal situação.

Os reclamos das leis produzem efeitos dolorosos. O ser humano, nesta situação, procura, então, minimizar as dores, através de artifícios que lhe permitam manter-se nessa anormalidade, como um pássaro em vôo. Um dos artifícios mais comuns é a organização em grupo. Para que uns poucos possam se manter em “vôo espiritual”, outros executam as tarefas de relação. A isso não escapam nem os anacoretas das mais rigorosas iniciações. As lendas nos dizem que, em atitudes extremadas, certos místicos da Índia são sustentados por animais, que lhes levam o parco alimento.

O único ser humano que escapa, com maior perfeição, dessa situação, é o clarividente. Difícil, senão impossível, é saber como se forma um clarividente e o porquê da sua existência. O fato é que são seres raros, e aparecem, vez ou outra, na história deste planeta.

A palavra “clarividente” – “ver com clareza” – confunde-se com a palavra “vidente”- “ver o que não existe”. Confunde-se, também, com “vidência ampliada”. O termo, como se vê, não faz jus às qualidades do clarividente. Mas não se cunhou, ainda, um termo mais apropriado.

O que distingue um clarividente dos seres humanos comuns é o que poderíamos chamar de “consciência simultânea”, a capacidade de viver a vida de relação em planos diferentes, sem prejuízo das leis que regem cada plano, e sua possibilidade de se comunicar, ao mesmo tempo, pelos meios normais, a cada um desses planos.

No segundo contato de Neiva com os Capelinos, que será relatado mais adiante, ela estava vivendo normalmente no mundo físico, consciente do solo, do céu, do mundo vegetal e do seu próprio corpo; psicologicamente, estava consciente da sua subordinação à instrutora terrena, Mãe Nenen, e de suas obrigações com seus semelhantes; ao mesmo tempo, ela ouvia e via um casal capelino, e penetrava na vivência psicológica dele; o terceiro plano, o plano espiritual, se fazia presente na consciência da sua missão e dos seus votos crísticos. Tudo ao mesmo tempo.

Essa complexa vivência resulta, em nosso plano, de várias maneiras: na manipulação de forças das outras dimensões, ela cura, retifica situações anormais e livra os seres que a procuram de suas angústias; do contato com os outros mundos, ela nos dá as notícias mais urgentes, de nosso futuro imediato; do aprendizado com os espíritos superiores, ela nos traz os ensinamentos crísticos e as profecias.

A finalidade precípua deste livro é, aproveitando as qualidades da Clarividente Neiva, divulgar essas notícias e esses ensinamentos. Essa tarefa, entretanto, seria impossível se não déssemos, simultaneamente, explicações do mecanismo de contato, dos seres envolvidos e as implicações resultantes.

O ser revelador – a Clarividente – é, ao mesmo tempo, um ser humano normal. A gente confunde, muitas vezes, sua personalidade com sua individualidade, e com as coisas que comunica.

O FATOR MAGNÉTICO

Em cada campo vibratório existe um *quantum* específico de atração e repulsão – a tônica magnética, o poder coesivo. A organização molecular mantém a forma de acordo com esse *quantum.*

O ser humano tem esse *quantum* ajustado ao meio físico, a uma coesão molecular adaptada à superfície do planeta e adequada aos fatores ambientais.

Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly

A elasticidade do *quantum* magnético humano o torna um dos seres mais adaptáveis da Terra.

Mas, cada ser tem sua tônica específica, conforme seu destino individualizado. Essa tônica determina sua posição em relação aos outros indivíduos.

À variação de posição se deve a luta fundamental de campos magnéticos. O contato no plano físico tem a sua complexidade estudada pela ciência, embora o que se conhece sobre o ser humano ainda seja pouco.

No seu aspecto mais simples, esse contato se efetua pelos sentidos, cujo ponto alto é a linguagem vocalizada.

Mas, ao mesmo tempo em que se comunica com seus semelhantes, o ser humano entra em contato com seres de outra natureza, de outras dimensões, de outras organizações moleculares. Esses seres têm, também, seu campo magnético específico. Para que a comunicação se efetive, ambos têm que mudar sua tônica e flexioná-la de acordo com suas categorias e as finalidades do contato.

Esse tipo de comunicação é do domínio da ciência espiritual, do mediunismo, do espiritismo, do espiritualismo, etc.; nomes que se dá às diferentes doutrinas ou técnicas de manipulação de forças.

A experiência mediúnica mostra que esses contatos provocam uma perda relativa de consciência do plano físico, os chamados estados de transe mediúnico. O grau de consciência, ao ser feito o contato mediúnico, determina a qualidade ou categoria do médium. A comunicação feita pelo processo cerebral, pela sensibilização do sistema endócrino, com centro na glândula pineal, e do sistema nervoso, muda o foco da consciência, embora os sentidos continuem alertas. Esse tipo de mediunidade é chamado, na Corrente Indiana do Espaço, de **Doutrina**. Nesse caso, a eficiência na comunicação é apenas pequena porcentagem da captação normal dos sentidos. Ela é filtrada pela razão e exteriorizada pelos sentidos normais.

Se o contato se faz pelo sistema nervoso central, com base no plexo solar, a perda de consciência é muito maior. O médium, nesse caso, é chamado de **Incorporação**, isto é, o ser que se comunica entra em contato direto com seu sistema nervoso. Ele se apossa dos controles e a mensagem é transmitida diretamente através do médium. Mesmo assim, a comunicação não é perfeita, pois a perda de consciência do médium é apenas parcial e variável.

Na realidade, o fenômeno mediúnico envolve outros fatores, embora a resultante, na prática, seja sempre a mesma, que é a precariedade da comunicação.

Seres de organização molecular mais sutil, cujo habitat é fora da faixa reencarnatória, se utilizam do mesmo processo de comunicação. Nesse caso, eles se densificam, isto é, contraem suas moléculas, e sintonizam sua tônica magnética com o médium. Desse complexo encontro de campos vibratórios resultam, normalmente, alterações do ambiente psíquico. A presença de um espírito de alta hierarquia deixa duradoura emanação de bem-estar. O fenômeno é amplo e variável. Na maioria das vezes, o espírito comunicante apenas se projeta no médium de forma semelhante à imagem de TV, nesse caso permanecendo no seu plano ou em algum plano intermediário.

Os mecanismos mediúnicos são muito variáveis e habitualmente se conhecem, apenas, os mais simples, como a vidência, audiência, olfatação, psicografia, incorporação, intuição, etc. Há muita coisa, ainda, a dizer sobre isso, pois o fenômeno é muito complexo. Outra forma de contato sutil é pelo desligamento do espírito do ser humano. O espírito se liberta do campo vibratório do corpo físico e penetra em outros planos, conservando o contato por um cordão fluídico. No plano em que vai operar, ele se entrosa e executa sua tarefa, retornando, depois, ao corpo. Muitas vezes, nessas excursões, ele delineia planos a serem executados pela sua personalidade. A eficiência, nesse caso, depende de sua capacidade na impregnação do ser sob seu comando, daquilo que pretende. Novamente o problema se apresenta em termos de precariedade. Conclui-se daí que a comunicação interplanos é difícil e complexa, mas essa dificuldade apenas mostra a Sabedoria Divina, que garante, em cada plano, a execução das tarefas fundamentais. Houvesse maior permeabilidade e o ser humano seria um indeciso permanente, e pouca coisa se completaria em cada plano.

Daí a raridade dos seres como a Clarividente Neiva, cuja existência faz parte de uma meta definida nos planos siderais. Ela se comunica, em cada plano, com perfeição, e conserva, num

sistema de memória, as coisas dos três planos. É comum ela dizer coisas assim: “Ontem estive com Pai Seta Branca e ele me deu instruções com relação àquele assunto...”

O importante, porém, é que as coisas comunicadas não são de sua lavra, de sua elaboração. Ela é, apenas, o instrumento, a intermediária, a médium. Sua simplicidade humana, a ausência de qualquer sofisticação intelectual e penhora à missão são algumas das garantias de autenticidade. Ela representa o Espírito da Verdade, cujas mensagens não precisam ser provadas ou comprovadas, pois trazem, no seu bojo, as provas da sua veracidade. Toda sua carreira missionária foi positivada pelos resultados exatos, conforme a natureza da ação.

O CASAL DE CAPELINOS

Conforme descrevemos no início, o primeiro contato com os Capelinos foi breve e se passou no interior de uma nave, da qual lhe foi mostrado o planeta. Isso acontecera em 1959, e fora um preparo para futuros contatos.

Em fins de 1960, o grupo que se havia formado em torno da Tia Neiva instalou-se como comunidade espírita, num lugar chamado Serra do Ouro, próximo a Alexânia, a meio caminho entre Anápolis e Brasília. Nesse tempo o grupo já se habituara com o trabalho mediúnico e as relações com os espíritos se processavam normalmente. Incorporações, transportes, vidências, intuições e toda a gama de fenômenos eram rotina na UESB (União Espiritualista Seta Branca), como se chamava a comunidade.

Neiva não era a única médium, pois ali todos o eram. Dentre eles, havia excelentes médiuns para cada especialidade. Destacava-se a figura de um rapaz, chamado Jair, cuja inconsciência durante o transe permitia o recebimento de mensagens e instruções autênticas.

Mas, nem Neiva, nem os outros médiuns, tinham conhecimento muito nítido das diferenças entre os planos. Para eles, existiam apenas o plano físico e o plano espiritual. Tudo que não fosse perceptível pelos sentidos era espiritual. Também não se especulava a natureza dos planos espirituais. Não havia, na UESB, tempo ou lazer, face ao trabalho exaustivo e contínuo de atendimento aos angustiados e doentes. Havia, ainda, a preocupação na manutenção das cento e vinte pessoas que ali moravam.

Neiva trazia consigo a preocupação daquele transporte no qual vira Capela. O fato de lhe ter sido dito que se tratava de um planeta físico a deixara ansiosa por maiores explicações. Nesse tempo, porém, ela estava em fase de aprendizado, e as lições lhe eram ministradas gradativamente. Os espíritos que a assistiam, com quem ela conversava ao natural, se alternavam conforme o ângulo a ser ensinado.

Certa tarde, ela sentiu-se inquieta, sem saber qual o motivo. Em dado momento, ela se encaminhou para a encosta de um pequeno morro que limitava o terreno, e lá se deitou sobre a relva. Sem sentir os sintomas habituais de transe mediúnico, ela subitamente viu uma caverna enorme, como se fosse um grande arco de pedra e sem fundo. Através dela, Neiva divisou uma extensa planície, iluminada por cores variadas, e ponteada por árvores simétricas. Ela continuava deitada, mas, ao mesmo tempo, sentiu que penetrava naquele quadro.

Nisso, surgiu um casal andando e conversando, parecendo ignorar sua presença. Neiva percebeu que a conversa girava em torno da Terra, seus problemas e sua evolução. Mas, mesmo fascinada pelo que via e ouvia, ela sentia a terra sob seu corpo e, na sua tensão, fechou as mãos na relva que a cercava, com plena consciência disso. Como se não bastasse a prova de seus sentidos, ela ouviu seu nome pronunciado por Mãe Nenen, e se apressou a responder.

Mãe Nenen a repreeendeu por ter saído sozinha e por se arriscar a um resfriado, deitada como estava na terra úmida. Preocupada em não alarmar sua instrutora, ela relatou o que estava vendo, mas esta, na sua zanga, não deu importância ao que ouvia. Pesarosa, Neiva acompanhou-a de volta ao centro da comunidade. Enquanto caminhava ao lado de Mãe Nenen, que a aconselhava, cheia de cuidados, Neiva permaneceu olhando o casal que ficava para trás.

Pelo que vira e ouvira, ela ficara sabendo que os dois eram habitantes do planeta que lhe fora mostrado um ano antes. A partir desse dia, compreendeu melhor a natureza desses seres e percebeu a diferença entre eles e os espíritos com quem mantinha contato habitual. Os espíritos eram apenas espíritos, mas eles eram seres físicos, relativamente iguais a nós, e habitavam um mundo físico muito semelhante à Terra.

Sua aparição não tinha a qualidade diáfana dos espíritos, e sua emanação produzia um efeito incômodo no seu corpo. Anos depois, foi-nos explicado o mecanismo dessa visão. Trata-se de um processo sutil, mas mecânico, que se liga diretamente ao processo sensorial da Clarividente, produzindo, inclusive, os incômodos a que aludimos.

Esse casal não voltou mais. Mas, outros têm-se apresentado, e Neiva, hoje, conhece uma boa parcela de habitantes de Capela. Aos poucos, iremos relatando esses contatos e delineando seus processos de comunicação, na medida em que eles nos explicam. Iremos descrevendo episódios passados, na proporção que a clareza exija. Este livro está sendo escrito por mim, mas orientado por eles, através de Neiva. Ela e eu somos apenas instrumentos, apenas médiuns.

PRIMEIRAS DEMONSTRAÇÕES

No dia 14 de fevereiro de 1961, o médium Jair incorporou um espírito que declarou chamar-se Johnson Plata, habitante de Capela, e cuja missão era anunciar uma demonstração fenomênica a ser feita pelo seu povo, em nosso plano. Conforme anunciado, às oito horas da noite, apareceu um clarão no céu e, mesclado com as nuvens, formou-se um quadro no qual se distinguia, com nitidez, a figura do Mestre Jesus, ladeado por seus apóstolos. A tonalidade da figura era prateada e, por trás do quadro, viam-se três pontos de luz, que davam idéia de formar uma estrela.

Apesar do aviso recebido, houve certo alarme na comunidade, pois todos viram o quadro. Mas, o ambiente formado foi balsâmico e alguns doentes, internados no pequeno hospital da UESB, declaram-se melhor de seus males. A pessoa mais empolgada foi Neiva. Diante da demonstração, ela sentiu certa confusão. Se as coisas podiam se processar assim, materialmente, por que toda essa complicação mediúnica? Mas sua confusão durou pouco, pois seus guias espirituais se apressaram a lhe explicar. O penoso caminho mediúnico tinha relação direta com a Lei Cármica, a lei de causa e efeito, cuja vigência leva à retificação dos desmandos anteriores da presente encarnação.

Mas, as dúvidas persistiam, e só os acontecimentos posteriores fizeram-na compreender as palavras de Jesus: “Não julgueis que vim abolir a lei e os profetas; não os vim abolir, mas levar à perfeição; pois em verdade vos digo que, enquanto não passarem o céu e a terra, não passará um jota em um ápice sequer da lei, até que tudo chegue à perfeição”.

Algum tempo depois, Neiva, muito preocupada com os problemas da comunidade, sentiu-se doente e com febre. Procurou, então, um remédio, um antitérmico, mas não encontrou. Sentiu que piorava e entrou numa espécie de delírio. Deitou-se na cama, procurando evitar que os outros se alarmassem. Nisso, lhe apareceu um homem verde, vestido de preto e com um cinturão cheio de botões de controle. Doente como estava, ela sentiu-se irada com sua presença. Mas, no seu respeito habitual pelos espíritos, ela o saudou com um “Salve Deus!”. Ao mesmo tempo, ela sentiu certo temor, devido ao absurdo de sua cor.

Ele respondeu com a mesma saudação e Neiva esperou que ele explicasse a razão da sua presença. Nisso, porém, ouviu uma voz que a chamava, aflita, do lado de fora da pequena habitação. Alguém estava morrendo e sua presença estava sendo solicitada com urgência.

Um pouco prostrada pela febre, vacilou em se levantar. As vozes, lá fora, continuavam em exclamações aflitas e, no meio da algaravia, ela distinguiu uma frase estranha que lhe deu a entender algo absurdo. Um homem estava morrendo por lhe terem aplicado uma injeção azul! Isso provocou-lhe uma desconexa associação de idéias e, sem saber porquê, ela atribuiu aquilo ao visitante, julgando tratar-se de ato dele.

\- - Veja o que você fez ao pobre homem! Você o matou!

A resposta do homem verde foi telepática, e ele fê-la ver que estava errada, que nada de mal ele fizera.

Ela saiu do aposento, e foi atender ao paciente. O visitante a acompanhou, mantendo-se na sua vidência. O homem, um cliente habitual da UESB, havia tomado uma injeção numa farmácia e entrara em choque. Na sua simplicidade, a única coisa que seus acompanhantes sabiam dizer era que a injeção aplicada era azul. O homem verde sugeriu, então, a Neiva algumas providências e, em pouco minutos, o homem voltou ao normal.

Nessa altura ela percebeu que sua febre desaparecera e se sentiu envergonhada do juízo que fizera do seu visitante. Este se despediu com um sorridente "Salve Deus!", que ela se apressou em responder com humildade.

Mo dia seguinte, a febre voltou e Neiva entrou na fase pior da sua faixa cármica. À noite, ela teve uma pneumonia e, pouco depois, estava tuberculosa. Essa doença durou alguns anos, chegando a levá-la a internamento num hospital de Belo Horizonte, onde ingressou em estado de coma.

Para surpresa dos médicos, que não viam salvação para ela, saiu de lá três meses depois. Durante esse período, ela foi uma demonstração viva dos poderes do espírito, pois, além de tuberculosa, tinha um câncer no pulmão. Mas, saiu do hospital, continuou se tratando com medicamentos extremamente fortes, com base na hidrazida e, alguns anos depois, foi declarada totalmente curada. Esse moléstia, entretanto, deixou-a com reduzida capacidade respiratória, e um enfisema que lhe produz dores permanentes.

E, assim, o tempo foi passando, entre dores e atividades ininterruptas. Penosamente, Neiva aprendia os percalços da sua missão. Suas dores físicas a obrigavam a dosagens cada vez maiores de autodomínio e paciência consigo mesma. Agora ela distinguia os planos com mais clareza. Saía do corpo, sentia-se leve e saudável, mas cada retorno era uma prova de estoicismo.

Um dia, Johnson Plata tornou a se apresentar, e anunciou nova demonstração do seu povo. Logo depois, os médiuns se reuniram e Neiva incorporou Pai Seta Branca. Através de seu aparelho, ele conversou com todos sobre os problemas da comunidade, e foi respondendo às perguntas que lhe eram feitas.

Em dado momento, ele levantou o braço da médium e, com enorme explosão, um raio caiu sobre ela. Como não havia sinal de tempestade, o susto foi enorme, chegando a se estabelecer um princípio de pânico.

Serenados os ânimos, a entidade deixou o aparelho como se nada houvera, e alguns chegaram a duvidar que acontecera qualquer coisa de anormal. Mas, as provas eram demais eloqüentes. Os que estavam mais próximos da médium incorporada viram quando seu corpo avermelhou, como se estivesse em brasa. O banco, onde estivera sentada antes da incorporação, estava em pedaços. A vegetação em torno da habitação estava toda chamuscada. Os presentes tiveram os pelos das partes expostas também chamuscados. Uma pequena árvore, existente ali perto, estava partida ao meio. Mas ninguém havia sofrido qualquer dano sério, incluindo duas moças em adiantado estado de gravidez.

Desde então a mensagem foi compreendida. Os espíritos que se comunicavam conosco eram seres físicos, lidavam com processos materiais, diferenciados, portanto, dos processos dos espíritos, e tinham uma tarefa a executar.

Depois disso, foram feitas várias experiências, na busca da melhor forma de contato entre eles e a Terra. Por último, chegou-se à conclusão de que o contato feito diretamente através de Neiva, a quem transmitem as instruções, como em sistema de projeção, de forma semelhante à transmissão de imagens de televisão, representa a forma mais adequada e prática.

Às vezes, eles se projetam de Capela, e outras, de espaçonaves, chamadas **estufas** e **chalanas**. Estufa é a nave-mãe, e chalana uma nave menor, que se desprende dela. Existem alguns lugares na Terra em que eles estabeleceram bases, dentre eles os Himalaias e os Andes. Esse sistema, entretanto, não invalida outras formas de contato. Neiva tem-se transportado a muitos lugares desconhecidos e, nem sempre, tem consciência plena de todos os planos. As situações variam de acordo com as necessidades. Ela, porém, sempre se lembra do que fez, embora seja sempre demasiado discreta sobre as coisas que vê. Isso, entretanto, é bem compreensível. Nossa reduzida capacidade mental pode deformar a comunicação, o que é fácil de acontecer, e, por isso, ela prefere se calar.

Às vezes, suas chalanas se tornam visíveis a olho nu. Isso, devido a experiências e ensaios, pois a próxima etapa será a da sua presença física na Terra. Por enquanto, apenas sabemos que eles são físicos e que se preparam para vir como são. Atualmente, eles se desintegram do seu plano físico e se tornam etéricos. Nesse estado, eles se comunicam. Em pouco tempo, eles sairão do etérico para nosso plano, e serão físicos, como nós.

O JANGADEIRO SOLITÁRIO

Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly

O entrosamento dos Capelinos foi e tem sido cauteloso. Os planos, dos quais eles são os executores, envolvem toda a complexidade dos problemas transcendentais. Nós, habituados ao racionalismo da experiência sensorial, custamos a relacionar os fatos. Felizmente para nós e para todo o sistema, as coisas de nosso destino mais amplo se realizam, sem que tenhamos necessidade de abarcá-las com nossa reduzida percepção.

Temos percebido esse fato em nosso contato com as pessoas que nos procuram e que se consideram “iniciadas”. Invariavelmente, o foco de suas angústias são as falsas interpretações da realidade. É por isso, talvez, que a Cabala judaica adverte que “o grande não cabe no pequeno...”

A base física de nossa alma é o corpo e, mais diretamente, o cérebro e o sistema nervoso. Esse conjunto é perfeitamente adequado à nossa vida de relação. Nesse complexo harmonioso está registrado todo o conhecimento atávico, acrescido do aprendizado atual. Mas, esse registro, essa experiência acumulada, é bastante, apenas, às necessidades do ser físico, do espírito encarnado e não vai além de certo limite.

Esse limite é a própria experiência de cada personalidade e sua capacidade na verificação dos fatos, cujas matrizes são preexistentes no seu sistema.

Sem dúvida, o ser humano elabora, imagina e constrói abstratamente. Mas sua concepção, por mais dimensionada, é sempre limitada pelo máximo possível de cada indivíduo. Sempre que ele se afasta da sua verdade, ele se perde, “como pássaro que tenta voar na escuridão da noite” (Mensagem de Pai Seta Branca em 1972)

Essa advertência amiga é para a precaução daqueles que julgam ser o Homem o centro do Universo. Sem dúvida alguma, nós pertencemos a um Todo, do qual somos partículas diferenciadas, com certa autonomia e vida própria. Temos o nosso limite que, naturalmente, é conhecido do Todo, sendo impossível, para nós, conhecermos o limite do Todo. Aquele que tenta conceber o inconcebível, o infinito, se perde nas abstrações, mas nosso destino humano, as razões de nossa existência, são perfeitamente concebíveis por nós.

A Clarividente Neiva teve que ser levada até os últimos estágios de seus limites humanos. Isso para que estivesse apta a perceber os horizontes maiores do seu ser superdimensionado. Sua personalidade sofre, e continua sofrendo, alijamentos graduais, em benefício da sua individualidade, do seu espírito.

Nesse contínuo lapidar, dois fatos se destacaram: seu problema físico e seu problema sentimental. Fisicamente, o absurdo de ser atacada por moléstia insidiosa como a tuberculose, ir parar num sanatório especializado, ver comprovada a moléstia e sair viva três meses depois; sentimentalmente, por ter-se tornado uma viúva, com vinte e dois anos de idade, ser mãe de quatro filhos e amá-los de todo seu coração, sempre, porém, vivendo na maior solidão.

A doença física, superada naquelas condições, obrigou-a a reconhecer sua condição de mensageira das altas esferas e diferenciá-las da sua condição humana.

Nisso seus mestres tiveram um êxito relativamente fácil. O próprio fato de uma moléstia comprovada clinicamente, causadora de dores atrozes e constantes, e que a levou quase ao desencarne, ensinou-lhe a maior lição.

Durante o decorrer da doença, até mesmo no hospital de irmãs de caridade, ela continuou sendo portadora de fenômenos mediúnicos. Em meio a uma crise de hemoptise, ela se mediunizava, adquirira um tom normal, sorria, atendia um socorro espiritual, uma angústia de alguém, e, no momento seguinte, voltava a ser a doente grave. Esse fato, repetido e comprovado por inúmeras testemunhas, ensinou-lhe a se dominar e estar, dia e noite, à disposição dos seus superiores espirituais.

No terreno sentimental, a experiência foi mais sutil, e começou no período em que ela desenvolvia suas difíceis técnicas mediúnicas: o transporte e o desdobramento.

Embora parecidas, as duas coisas são diferentes.

No transporte, a parte consciente do espírito sai do corpo e este permanece no plano físico, sendo, apenas, uma pessoa que dorme. O que sai, que nós estamos chamando de “parte consciente”, é chamado e classificado de várias maneiras, conforme a corrente iniciática. Na verdade, consideramos o fenômeno como de difícil, senão impossível, entendimento da nossa razão limitada. O mais comum é se dizer que o espírito é que sai do corpo.

Mas, o transporte é um fenômeno que nos dá uma idéia muito nítida de duas entidades separadas: a alma e o espírito. O corpo que dorme tem toda sua vida em pleno funcionamento, e está, portanto, dirigido pelo seu princípio anímico, sua psique, sua alma. A outra parte, que

chamamos, talvez indevidamente, de “o espírito”, fala, pensa, comunica-se e, como no caso de transporte com fonia, fala através do corpo.

No desdobramento, o médium apenas projeta uma parte de si mesmo. Essa projeção “vai” ao outro lugar, executa o que tem a fazer, mas com pleno domínio nos dois locais. Conforme as condições técnico-mediúnicas, a parte projetada pode até se materializar no local. Temos, assim, caracterizado o fenômeno da ubiqüidade, a presença simultânea de uma pessoa em dois locais diferentes. Mas o ser humano desdobrado não precisa, necessariamente, se materializar no local onde vai. Geralmente, os objetivos não exigem isso. Qualquer pessoa pode fazer uma experiência de desdobramento. Forjemos um exemplo: uma mãe está preocupada com um filho que faz uma viagem. Ela não tem certeza de que lhe fez todas as recomendações. Concentra-se, às vezes no meio de um afazer doméstico, e visualiza o filho no local em que está. Esse, sem saber o que se passa, lembra dela e recebe os conselhos, como se a estivesse vendo e ouvindo. Ela sai da abstração, o fenômeno cessa, e ele continua, tranqüilamente, sua viagem.

O desdobramento de aplica em missões na superfície da Terra e mais em fatos humanos. No caso de Neiva, às vezes ela está atendendo a uma pessoa que lhe conta um fato qualquer, relacionado com outra e em outro ambiente. Enquanto conversa, ela se desdobra, vai ao local, vê a pessoa, e volta, tudo numa fração de segundo, e se torna mais apta a orientar a pessoa. É, também, muito comum as pessoas procurarem Neiva antes de uma viagem, para saber se tudo vai correr bem, se podem viajar. Ela, usando o mesmo expediente, verifica os perigos da viagem e aconselha que ela seja feita ou não. Nesse caso, além do transporte, ela usa a capacidade de projeção no futuro, vendo o quadro do que ainda não aconteceu no plano físico. Na verdade, o desdobramento tem ampla gama de aplicações, bem como de maneiras de ser feito.

Mas, para ir a outros planos, relacionar-se com outros seres e cumprir tarefas, ela é obrigada a se transportar. Sem isso, seria praticamente impossível ela executar sua missão de Clarividente. Na verdade, o transporte é feito por todos os seres humanos, principalmente pelos médiuns desenvolvidos. A diferença, porém, entre Neiva e os outros médiuns, é que estes têm pouca ou nenhuma noção do que fazem, enquanto Neiva é completamente consciente disso.

Sua experiência sentimental foi possível graças à facilidade em se transportar. Naqueles dias, ela ainda era dominada pelo plano físico, o senso puramente humano do que fazia. A sujeição a que era obrigada nos transportes a irritava, principalmente pela dificuldade em racionalizar o que via.

Certa noite, ela saiu do corpo e se achou, sem saber como, próxima ao mar. Embora ela não as visse, havia dois espíritos – Marta e Efigênia – que costumavam protegê-la nessas experiências. Elas a conduziam diretamente ao local visado, e, com isso, poupavam muita complicação em sua mente.

O lugar onde se achou era uma enseada tranqüila e, naquela noite, banhada pelo luar.

Levada por um impulso, ela se aproximou da luz de uma cabana solitária e, chegando até a porta, atravessou-a. Nela havia um homem que escrevia, sob a luz de um lampião, que, ao percebê-la, levantou os olhos, admirado. Aparentava uns quarenta e cinco anos, tinha os olhos verdes, e seus cabelos eram grisalhos nas têmporas.

Ela permaneceu parada, ambos se olhando como em sonho. Mas Neiva ouvia perfeitamente o marulhar das ondas de encontro às pedras. Quando ele se compenetrou que sua visão era real, demonstrou espanto. As palavras surgiram, espontâneas, sob a forma telepática e, logo, ambos se identificaram. A situação logo se racionalizou. O homem era uma criatura normal e ela era apenas um espírito. Ele logo a batizou de “sua musa” e passou a dialogar com ela.

Nessa noite, Neiva voltou para o corpo com a sensação agradável de ter encontrado um amigo.

Tão pronto suas condições permitiram, ela voltou a visitá-lo. Por razões que Neiva não entendia bem, assim que ela chegava ele se dirigia ao seu barco, acompanhado dela. Talvez por recordações da sua infância no Nordeste, Neiva julgava que o barco fosse uma jangada. No relato de suas aventuras aos seus íntimos, ela se referia ao homem como “o Jangadeiro”. Mais tarde, já com pleno domínio de seus transportes, ela verificou que o barco era maior do que pensava e que o solitário marujo tinha uma atividade qualquer no mar. Chegou, mesmo, a pensar que ele fosse um contrabandista, pois, sempre que ela chegava, ele saía com seu barco pela baía, carregava mercadorias, aproximava-se de outros barcos, sempre atento na sua presença.

Essa amizade sentimental despertou em Neiva o interesse pelo transporte e o domínio de suas técnicas. O envolvimento afetivo com o Jangadeiro levou-a à troca de confidências com ele. Interessou-se pela sua vida e seus relatos a faziam compreender as coisas da vida espiritual e as complicações cármicas. Na medida em que amadurecia, ela se foi compenetrando melhor de sua vida e de seus poderes. Pôde, assim, ajudar o Jangadeiro em suas complicações familiares. Sua vida de solidão se devia a um incidente havido com sua esposa, cuja morte lhe era atribuída. Isso o separara, também, de um filho, de quem sentia imensas saudades.

Neiva, então, manipulou seus poderes espirituais e conseguiu equacionar os problemas dele. Depois de algum tempo, ele se reconciliou com o filho e se casou com outra mulher. A partir daí, Neiva se afastou de sua vida. Essa amizade original havia durado dez anos!

Muitas vezes, ao discutir o problema com os Doutrinadores, Neiva pensou em procurá-lo pessoalmente, pois sabia perfeitamente o local. Mas acabou perdendo o interesse, face à roda viva de sua vida missionária.

Agora, talvez, esse interesse seja renovado, pois temos a informação de que o "Jangadeiro Solitário" é um Capelino. Sua missão fora aplainar o caminho da jovem missionária. Ele foi o elemento palpável que ligou o dualismo natural de Neiva, sua forte personalidade de um lado e as obrigações de seu espírito, do outro.

Talvez, se esse Capelino ainda estiver na Terra, ele leia este livro e se recorde disso.

NÓS E O UNIVERSO

Num artigo que apareceu em *O Estado de São Paulo*, em novembro de 1972, três cientistas de renome mundial fizeram declarações a respeito de pesquisas de comunicação com outros mundos. Dentre os argumentos apresentados, destacamos o fato de que existem 18.000 mundos em condições semelhantes à Terra, calculados pela Ciência, e 250 bilhões de estrelas e planetas! Lemos, em outro artigo, que na constelação de Escorpião existe uma estrela tão grande que, se ela se deslocasse de sua órbita e tentasse passar entre o Sol e a Terra, colidiria com os dois! Números realmente fantásticos.

A quantidade de mundos possivelmente habitados nos leva a pensar no grau de adiantamento ou de atraso desses possíveis habitantes. E ainda, naturalmente, estabelecemos, como ponto de referência, nossa própria civilização, nosso próprio meio físico. Mas esse pensamento, lógico apenas na aparência, não resiste a uma análise mais profunda. Se compararmos a Terra com essa imensidão, veremos logo que ela é apenas um ponto insignificante no Universo. Não parece lógico, portanto, pensar que as formas de vida, possíveis nesses outros mundos, devam ocorrer segundo conceitos de um dos menores dos mundos.

Nesse sentido, a ficção científica é mais coerente que as concepções puramente científicas, que, aliás, são poucas.

Por outro lado, a impossibilidade atual, ou em futuro previsível, de se chegar aos mais próximos mundos, já está claramente visível, haja vista as tentativas de contato com os corpos do sistema solar. Por mais que acreditemos em nossa capacidade técnica, por mais perfeitas que sejam as máquinas e os meios de propulsão que temos ou venhamos a inventar, ainda nos deparamos com um obstáculo: a fisiologia humana. Conseguimos enviar sondas a Vênus e Marte, mas o envio de seres humanos é duvidoso. Não podemos preconizar limites às invenções humanas e sua capacidade de manipulação das forças físicas, mas o próprio limite humano nós já conhecemos.

Quando nos referimos aos limites humanos, queremos dizer, também, seus outros aspectos, não somente o físico. As próprias condições fisio-econômicas do planeta já exigem, cada vez mais, as atenções da Ciência para o simples fato da sobrevivência da espécie. Isso irá chegar a um ponto em que a própria humanidade se rebelará, ou se sentirá incapaz de maiores dispêndios interplanetários.

Quanto a encontrar meios de sobrevivência em outros mundos, a idéia não parece ser muito prática. Temos dúvida que a organização sideral coloque à nossa disposição outros mundos para que continuemos uma civilização que se caracteriza pelas contradições.

Mas, o sonho humano é grandioso e nos rebelamos com o cerceamento. Graças a isso, chegamos até à Lua, e não aceitamos impedimentos na busca do desconhecido. Essa é uma das nossas grandes qualidades, e é por isso mesmo que nossos amigos de Capela estão procurando nos mostrar o caminho. O Homem tem, ainda, muitas oportunidades de refazer sua rota. Basta que seja lembrado de que a humanidade conhece muito pouco de si mesma, da sua natureza. Mesmo o aspecto físico do planeta é pouco conhecido, e nós, na realidade, estamos à mercê dos seus caprichos. Algumas manchas no Sol e pronto, tremendas catástrofes açoitam populações de países inteiros.

Se nosso controle do meio-ambiente é quase nulo, menor ainda é o controle dos seres humanos. A maior prova disso é o crescimento demográfico. Sente-se, claramente, que estamos num vôo cego e acelerado. Não temos a menor idéia para onde caminhamos, mas não sabemos ou não queremos parar.

É por essa e outras razões que os Capelinos estão chegando, agora, fisicamente. No ciclo atual, nestes últimos dois mil anos, eles têm empregado enormes recursos de persuasão. Nossos Mestres tudo têm feito para a retificação de nossos caminhos desatinados. Quem são esses Mestres? Para que tenhamos uma resposta clara, é necessário que analisemos certos fatos reais. Dentre eles, temos que fazer nova análise do nosso antropomorfismo, que deriva da idéia do Homem como centro do Universo. Sim, porque pensamos sempre em termos da forma humana ou seus derivados. Por que, até mesmo nos mundos imaginosos da ficção científica, os seres são, apenas, deformações humanóides?

A resposta nos parece clara e simples: essa forma é o limite do ser encarnado, qualquer que seja a dimensão onde penetre. Ele não tem possibilidades na formação de idéias além da sua experiência, da sua alma; o Universo é imenso, mas o universo humano é limitado, finito. Mesmo que, por hipótese, considerássemos os conceitos teológicos, místicos e religiosos como científicos, ainda assim estaríamos encerrados na redoma de nossas concepções. Mesmo a "revelação" religiosa se traduz, sempre, na ideologia, num sistema fechado.

A Teologia e a Ciência representam os pólos extremos de nossa alma, mas ambas correspondem, apenas, a uma realidade aparente. A Teologia nos fala da alma, do espírito e da natureza de Deus, apenas como concepções estratificadas nos *momenta* filosóficos e sociais. A Ciência, encerrada nas conceituações do mundo denso da matéria, apresenta o Universo apenas num dos seus aspectos – o físico – e o considera como sendo o todo.

A ambas falta uma realidade mais palpável, algo que corresponda a resultados verificáveis, pelo menos relativamente, ao conjunto do Universo. Falta ao juízo humano o conhecimento do intermediário, do fenômeno entre os dois extremos, dos acontecimentos reais, palpáveis, sensíveis do cotidiano, mas que não são explicados em nenhum dos extremos citados.

Esse conhecimento inexiste na alma, mas pertence ao espírito. É preciso que o espírito o transmita à alma; que a individualidade se comunique com a personalidade. É, portanto, no fator comunicação que o problema se situa. A alma age à vontade no seu arbítrio limitado, até que chegue o tempo do fechamento do ciclo, do fim da oportunidade. O espírito, então, toma conta dos acontecimentos e toma as rédeas onde a alma não soube prosseguir.

Essa tomada de posição do espírito é o que assistimos na atualidade, num processo emergente dos últimos três séculos. Isso aconteceu, também, nos outros ciclos, nas civilizações anteriores. Em nosso tempo, no crepúsculo da atual civilização, esse fenômeno se apresenta contundente à nossa verificação física, sensorial.

É nesse plano que devemos situar os fenômenos parapsicológicos, no seu sentido exato de além do psicológico. Nesse âmbito é que estão contidas as iniciações, as práticas esotéricas, o mediunismo, o espiritismo, a parapsicologia, que poderiam ser englobados num termo único: Ciência Espiritual. Mas, antes da concepção, existem os fenômenos, os fatos. Não foi o Espiritismo que criou espíritos autônomos, sem corpo físico, mas, sim, os espíritos é que forneceram as bases para o relacionamento com eles. E foi apenas o hábito mental estratificado e o dualismo ciência-religião que deu características religiosas à obra de Kardec. É por isso, talvez, que ele declara nos portais de sua obra: "Se o Espiritismo não se tornar Ciência, ele perecerá!"

Isso nos leva à conclusão de que o processo religioso terá que retroceder até o processo científico, e que a Ciência terá que avançar até nas proximidades da Religião. E, pelo que está acontecendo, isso não será uma atitude deliberada, de prudência, mas, sim, compulsória. Quase

dois mil anos de debates e lutas! Dia a dia, em ciclos concêntricos, cada vez mais apertados, as leis transcendentais vêm se manifestando.

Estamos, nossa civilização, na condição de pacientes, no qual os sintomas da moléstia, começada com dores leves, se agravam. É chegado o momento da intolerância, e temos que recorrer ao hospital, aos médicos. Urge a presença dos facultativos.

Assim está Capela para nós. Durante todos esses séculos, eles nos advertiram, sempre respeitando nosso livre arbítrio e nossa necessidade evolutiva. Como professores que acompanham as dificuldades dos alunos, eles sofreram conosco, inventaram novos métodos de ensino, aperfeiçoaram os contatos e buscaram todas as formas de nos mostrar o caminho. Sua constante atividade transparece em todas as conquistas humanas através dos tempos.

Os percalços da marcha se devem à bipolaridade natural da Lei. Negativo e positivo resultam em vida. Não existe vida sem os dois fatores. O problema fundamental do ser humano é ter que decidir entre duas opções eternas. Agora é chegado o momento da nossa prestação de contas. A Lei nos alcança, não com a punição, mas com a necessidade intrínseca do reequilíbrio. Para que o reajuste se faça, é preciso frear, talvez, com violência.

Nossos mestres agem no princípio da misericórdia da Lei do Perdão, da Lei Crística. Verdade é que, agora, estão na dolorosa missão de cirurgiões, que vêm para amputar nossos membros gangrenados. Sua presença nos é tão desagradável como a dos médicos num pronto-socorro. Este é o sinal triste de nossas condições de doentes em desespero. Mas eles, também, são nossa última esperança, para salvação do nosso patrimônio e no preparo daqueles de nós que irão continuar nossa estirpe.

Essa é a missão precípua dos mestres materializados, com suas naves, suas sirenes de alarme, seus sinais nos céus, em meio ao pandemônio de nosso apocalipse.

Nossa atitude, agora, não pode ser mais a de quedar à espera, sonhar em meio às dores, procurar o isolamento ou formas de fugir aos problemas, fechar os olhos ao desespero em torno de nós. Nem isso será muito possível daqui para a frente. Quando começarem a aparecer os sinais no céu, a escuridão dominar a luz do Sol, os abismos quilométricos se abrirem no seio da Terra, as águas jorrarem nos desertos e secarem os mares, calores e frios gélidos se alternarem, quem poderá se isolar? Adiantará ser rico, culto ou poderoso? Adiantarão as leis humanas e as artimanhas da economia? Quem irá escapar das doenças estranhas e sem antídoto?

E qual a atitude correta diante dessas ameaças? Talvez seja, somente, a de ter olhos para ver e ouvidos para ouvir.

As catástrofes não têm importância, pois destruirão, apenas, corpos físicos. Será matéria contra matéria. Mas eles se preocupam é com a desilusão dos espíritos, o fracasso da missão evolutiva, o não cumprimento dos propósitos civilizatórios. Morrer fisicamente é banalidade, é natural, e tanto faz a morte tranqüila como a violenta. O que nos preocupa é a reação humana, a atitude diante do que virá, como iremos receber tais coisas.

Diante da catástrofe iminente, eles são obrigados a vir pessoalmente, fisicamente. Sua presença entre nós já vem sendo notada de várias maneiras, e os homens mais alertas procuram contato. Olhos ansiosos perscrutam os céus, em busca de sinais, e alguns conseguem detectá-los. A busca, agora, é física, mas, até agora, ela era puramente psíquica. Aqueles mais preocupados com os problemas do espírito, há muito estão familiarizados com os sinais. E eles não existiam no céu, mas sempre existiram no coração humano, no íntimo dos seres, sempre refletindo na constelação de nosso comportamento.

É por essa razão que o Espiritismo caminha, a largos passos, para a fisiologia do mediunismo. Quando afirmamos, aqui no Vale do Amanhecer, que a mediunidade é um problema biológico e não religioso, é porque essa faculdade tem sua base física no sangue, e se manifesta pelo sistema nervoso. Encaramos isso assim, realisticamente, porque conhecemos na prática e nos resultados.

Hoje, as anormalidades do comportamento – a psicose, a neurose, a esquizofrenia e a loucura total – ainda podem ser alinhadas nas estatísticas das anormalidades. Tais doentes, entretanto, estão se tornando legiões, a ponto de ficarmos confusos na conceituação do que seja normal. Para enfrentar esses e outros problemas, temos de recorrer aos mestres Capelinos. Só eles podem nos ajudar na manipulação da energia maciça, capaz de enfrentá-los.

Cada vez nossa capacidade é menor, e a deles aumenta, na proporção dos nossos reclamos. Até bem pouco tempo, no Templo do Amanhecer, podíamos preparar cuidadosamente

os médiuns e processarmos nossos rituais com toda solenidade. Hoje, com dez mil médiuns, e o compromisso de atender trinta a quarenta mil pessoas por mês, nós apenas conjugamos energias ectoplasmáticas e entregamos as curas às nossas mentes e aos mestres. Eles vêm como espíritos de Luz, Guias e Mentores, e se enquadram, humildemente, nas formas do Espiritismo.

No futuro imediato, eles virão como seres físicos, astronautas, seres espaciais, ajustados a novas normas relacionais, novos métodos de socorro aos irmãos da Terra. Teremos, então, formado uma idéia mais precisa das relações entre nós e o Universo.

COMUNICAÇÃO INTERPLANOS

A tônica desta fase de nossa civilização é a comunicação. O ser humano que não se comunica se enquadra, automaticamente, nos padrões de atraso social. A palavra comunicação tem, hoje, um sentido amplo, que abrange desde uma ligação telefônica até o entrosamento emocional entre duas criaturas. A ciência e a tecnologia nos oferecem meios, cada vez mais perfeitos, de contato audiovisual e, na busca de novos sistemas, se lança na pesquisa dos meios extrasensoriais. Nesse campo, visa-se à comunicação telepática e se especula os meios de comunicação dos animais como fontes de informação. O primeiro submarino atômico que cruzou sob os gelos do Pólo Norte levava a bordo um tripulante incumbido de transmitir dados de um código visual a outro sensitivo em terra, a milhares de quilômetros.

Com isso, o mundo se tornou pequeno para o Homem, e seu anseio milenar se volta, agora, para os outros mundos. Sistemas de rádio enviam códigos à amplidão sideral, e aparelhos sensíveis aguardam respostas. Sondas de avançada tecnologia percorrem o espaço, enviando sinais do que encontram, Homens chegaram até à Lua, e os segredos do que viram e sentiram são guardados sigilosamente.

Nessa intensa atividade, o Homem ampliou seu campo consciencional para mais longe de si mesmo. Os resultados trazem, em si, certa frustração. As alegrias que a conscientização do Universo estão trazendo são empanadas pela mesquinhez da vida terráquea, exigente, confusa, incerta. Hoje, as notícias das tentativas de conquista do cosmos se diluem em nossa angústia psíquica. Por que essa contradição?

Talvez porque estejamos enxergando longe, muito longe, e tenhamos perdido de vista o que está próximo, muito próximo. Procuramos ver as coisas com as extensões dos nossos sentidos, nossos tentáculos mecânicos; vamos longe, mas deixamos a nossa casa desocupada. Enquanto isso, a poeira cobre os aparelhos sensíveis com que a natureza nos dotou, nossas capacidades extrasensoriais, que só funcionam à revelia de nossa consciência. Estamos demasiado inconscientes de nós mesmos.

E, enquanto o homem ciência, o homem razão, faz uma pobre verificação mecânica do Universo, o homem futuro, o homem consciência, se entrosa com esse mesmo Universo, de maneira bem mais objetiva. Entre os dois existem distâncias maiores que entre a Terra e os outros corpos celestes.

Nossa finalidade, ao fazer estas observações e trazer notícias de seres de outro planeta, é, justamente, a de diminuir essas distâncias.

A junção de todos os rótulos da experiência humana fica englobada em dois títulos extremados: a Ciência e a Teologia, dois pólos de um mesmo sistema de síntese e análise. Fora desses cânones, entretanto, existe ampla gama de fatos reais que nenhum dos dois explica, nem sequer tenta.

Mas, a comunicação, fora dos padrões aceitos e habituais, tanto dos serem humanos entre si, como com seres de outras naturezas, é fato tranqüilo e objetivo, na pré-história, na história e nos dias que correm. Só que esses fatos de comunicação não trazem os avais científicos ou teológicos, apenas isso. O que não é científico inexiste, oficialmente, no conceito humano; o que não se enquadra na Teologia é heresia, superstição.

Nesse quadro, que corresponde, com certa acuidade, à realidade atual, os fatos comunicativos são exercido ilegalmente, e a ampla gama de acontecimentos extrasensoriais ou extrareligiosos fica relegada à ficção científica ou doutrinas não-oficiais. Com isso, somos jogados a dois extremos: a prudência científica e teológica de um lado, e a irresponsabilidade imaginativa

do outro. Urge, pois, estabelecer um ponto médio de encontro, algo que atenda aos anseios de todos.

A mente humana está desfocalizada entre os dois extremos acima. Isso tem impedido a verificação dos fatos que, realmente, existem. Como tentativa de ajuste focal, este livro procura chamar a atenção dos responsáveis pelos destinos humanos para os fatos simples e básicos das comunicações mais amplas, seja na superfície do planeta, como além. Por isso, queremos chamar a atenção para o **Vale do Amanhecer**.

Nessa comunidade, de existência física, real, simples e verificável, nesse conjunto humano, acontecem, todos os dias, fenômenos extraordinários, em que os agentes e os pacientes são seres humanos comuns e seres incomuns, extraterrestres. Tais fenômenos, entretanto, não acontecem provocados pela curiosidade ou pela necessidade de pesquisas. Acontecem, apenas, porque ali se apresentam seres humanos angustiados, e encontram outros seres humanos interessados em minorar suas angústias. A adversária de cada dia é a dor, em seu espectro mais amplo e variado.

Entre a dor e o lenitivo de seus portadores surge, de permeio, o processo, o meio, o instrumento, a técnica. Após muitos anos de ação, esse conjunto se apresenta como uma doutrina. Esse agregado harmônico poderia ser chamado de **Doutrina do Amanhecer**, pois se destina à entressafra do presente e do futuro imediato.

Desse complexo instrumental, destacam-se a presença, verificável, palpável, de forças psíquicas e forças externas ao ser humano.

As forças psíquicas são chamadas **mediúnicas**, e as forças externas são chamadas **espirituais**. As primeiras são caracterizadas por seres humanos, chamados **médiuns**, e as segundas são representadas por seres individualizados, chamados **espíritos**. A aceitação da existência dos espíritos e da sua comunicação conosco é tranqüila a boa parte da humanidade. Mas, esse fato não é aceito pela Ciência e é aceito pela Teologia em termos restritos.

No Vale do Amanhecer não existe preocupação em provar sua existência ou o contato com eles. Esses fatos são traduzidos em resultados palpáveis, para os quais nenhuma Ciência ou Teologia tem explicações. Mas, a missão do Vale não é a de fazer doutrina, fundar religião, congregar prosélitos ou profetizar. A missão tem sido, tão-somente, atender seres humanos angustiados que procuram alívio.

Mas, sua capacidade de atendimento está próxima dos limites numéricos, e a angústia humana atinge dimensões cada vez maiores. Isso tem conduzido ao planejamento de levar seus benefícios a maior número de pessoas. Parte desse plano é a síntese literária, a comunicação escrita e a notícia. Com isso, o Vale ingressa no *rush* atual da comunicação, porém comunicação de fatos reais, verificáveis.

E então, nossos Mentores e Guias Espirituais nos autorizaram a divulgação de nossos contatos com seres de outros planetas, seres físicos, concretos, existentes no Universo. Com essa divulgação, eles visam a preparação da humanidade para a generalização desses contatos, dos quais somos, apenas, um núcleo experimental. Eles, os seres de outros planetas, virão e se entrosarão com os habitantes da Terra, neste século, fisicamente.

A experiência do Vale do Amanhecer está sendo conduzida com base em dois fatores fundamentais: a clarividência da médium Neiva e a manifestação específica de seres de um planeta cujo nome é, para nossa linguagem, Capela.

Para que esses fatos reais não possam ser confundidos com fantasias, eles vão sendo escritos na sua atualidade e com *flash-backs* de fatos passados. O relato culminará com projeções de acontecimento futuros, a serem verificados na medida em que se concretizem.

VIAGENS A OUTROS PLANOS

Até então, os contatos de Neiva com os Capelinos sempre aconteciam quando ela estava nalgum estado de anormalidade física ou psíquica, com febre ou choque emocional.

Certa vez, ela sentiu intuitivamente que algo de novo lhe viria surgir, e se dirigiu para o local onde tivera sua primeira visão de Capela. Nesse dia, porém, ela estava completamente equilibrada, física e psiquicamente.

Sentou-se, e começou a sentir os sintomas de um novo fenômeno mediúnico: saía do corpo e voltava a ele abruptamente. Essas idas e vindas se processavam com certa angústia. A

principal sensação era a perda de fôlego e de mergulhos em lugares escuros. Nessa época, porém, ela já estava com quase quatro anos de experiência espiritual e mediúnica, e logo começou a dominar o fenômeno. Num dos retornos, percebeu que se tratava de um novo treinamento de contato interdimensional. Senhora da nova técnica, ela percebeu que poderia escolher o mundo a ser contatado e, ao mesmo tempo, conservar a consciência parcial no mundo físico.

Mas, enquanto experimentava, surgiu-lhe na mente uma interessante questão: a gradação do foco consciencional. Até então, essas “viagens” tinham, sempre, uma finalidade; na maioria das vezes, a execução de alguma tarefa de socorro espiritual e, em menor número, apenas de observação e aprendizado. A eficiência na execução da tarefa era medida pelo grau de consciência no plano da operação. Assim, ela havia aprendido a deixar o corpo em estado cataléptico, estado esse que lhe permitia maior concentração no outro plano. O estado cataléptico caracteriza-se pelo enrijecimento muscular e insensibilidade dos sentidos. A Medicina o considera como uma doença intermitente. Visto, porém, pelo ângulo mediúnico, é um estado em que as exigências respiratórias são mínimas, pois parte do peristaltismo respiratório é transferido para o corpo etérico. Este, com maior capacidade respiratória e, portanto, maior irrigação cerebral, adquire maior consciência, melhor registro dos fatores ambientais. Foi com esse método que ela “viajou” nesse dia.

O ambiente escuro e abafado onde penetrou era uma **caverna de exus**. Essas cavernas são *habitats* de espíritos desencarnados, que vivem na parte mais densa do plano etérico e são portadores de poderes psíquicos. Geralmente, são seres humanos cultos que morrem e permanecem no mundo dos vivos, na camada molecular esparsa do éter. Essa camada interpenetra o plano físico e os seres que nela habitam interagem com os seres vivos pelo campo vibracional intermediário, o campo mediúnico. A energia motora de contato é o ectoplasma sangüíneo fluidificado. É liberado através do sistema nervoso ou, então, diretamente pelo sangue quando em contato com a atmosfera. Isso, aliás, explica a presença do sangue, ou outras fontes liberadoras desse tipo de energia, nas macumbas e práticas de feitiçarias. Isso explica, também, a importância da respiração nesses trabalhos, exacerbada, geralmente, pela movimentação rítmica, cantos monótonos, lacerações, ingestão de álcool, etc.

Mediante o conhecimento da manipulação dessas energias, esses exus agem no plano físico por obscuros propósitos. De modo geral, têm pouca consciência do próprio estado e a serviço de quem eles agem.

Dado o espaçamento molecular desse plano, a luz solar não é refletida, não existindo, portanto, a sucessão de dias e noites. Sem esse fenômeno, não existe a mesma contagem de tempo do plano físico. Com isso, o sistema de memória desses espíritos se resume na somatória da experiência anterior à morte do corpo, acrescida, tão-somente, pelo lento evoluir dos acontecimentos. No íntimo de suas mentes, os estímulos são, apenas, os sucessos de suas ações entre os seres vivos, com os quais fazem contato através da mediunidade. Uma boa parcela dos desastres humanos se deve às ações desses espíritos, e cada acontecimento negativo entre nós é motivo de júbilo entre eles.

Ao penetrar na caverna, Neiva dispunha das vantagens de sua mediunidade, que lhe permitia ver e ouvir sem ser vista. Logo que entrou, ela ouviu palavras confusas, que diziam mais ou menos assim: “Nanaburucu vai fazê vingança. Nagô Oxum Quelelê mandô.” Ela sabia, na sua experiência no trato com os espíritos, que aquele era o grito de guerra da Rainha do Trovão e do Rei da Mata. Por ele, ela identificou o ritual dos antigos negros Nagô. Esses exus se caracterizam pelo ódio intenso e fanatismo, vivendo de velhas crenças africanas.

São tão materializados, seus corpos etéricos são tão densos, que chegam a perceber a iluminação artificial do pleno físico, como velas e luzes elétricas.

Neiva estava absorta, pensando nas palavras que acabava de ouvir, quando sentiu que lhe tocavam de leve no braço direito. Sem alterar seu estado cataléptico, voltou instantaneamente para junto de seu corpo. Viu, então, o Capelino Johnson Plata que tocava de leve no seu braço físico.

Embora não se sentisse muito à vontade na sua presença, saudou-o com o “Salve Deus!” habitual, e os dois passaram a conversar.

- Ah! – disse ela – foi o senhor que incorporou, outro dia, no aparelho de nosso irmão Jair, não foi? Já que o senhor está aqui, poderia nos dizer quando é que vai descer aqui com seu disco voador?

- Não, respondeu ele, não estou aqui. Estou, apenas, projetado. Vim para lhe dar proteção na sua ida àquela caverna. Fazemos assim sempre que você corre algum risco.

Neiva sentiu-se encabulada por ser objeto de tantos cuidados, e se calou. O Capelino continuou:

- Agora, você irá comigo. Fará mais uma visita ao nosso planeta.

Ainda sentindo as sensações da caverna dos exus, ela vacilou. Na sua consciência de missionária, habituada a "viajar" sempre com alguma missão, ela não havia atinado, ainda, com o motivo de sua visita à caverna.

Enquanto pensava, ela olhava o corpo crispado, deitado na relva, em estado cataléptico. Nos seus sentidos etéricos, ela percebia alguns seixos na mão fechada e o capim ralo roçando sua nuca. Registrando todos aqueles fenômenos e, ao mesmo tempo, tendo consciência de sua missão, do amparo dos espíritos, ela anuiu.

No mesmo instante, ela sentiu-se transportada para o interior de uma nave, muito parecida com aquela em que estivera antes. Na complicada cabine havia outro Capelino, que lhe foi apresentado por Johnson, com o nome de Eris.

Enquanto falavam, os dois manipulavam alavancas e botões. Abriu-se, então, uma enorme comporta, e Neiva extasiou-se com o que viu. Ali, bem perto, como se estivesse ao alcance de suas mãos, estava Capela!

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foram as luzes opacas, sem brilho, de colorido variado. Era como se o Sol estivesse envolto em faixas de algo transparente e de cores várias. Mas as luzes, a iluminação, não eram estáticas, se alternando e se interpenetrando, formando nuanças suaves. Atraiu-a, logo, a faixa violeta. Sem saber porquê, ela estava convencida de que aquela era a sua faixa, o mundo que correspondia à sua missão na Terra.

Nesse momento, ela se lembrou do seu corpo físico, mas não o sentiu mais. Lembrou-se, também, dos exus da caverna e, sem saber porquê, sentiu enorme compaixão deles. Diante daquela complexa realidade – a nave, os Capelinos e seu próprio pensamento – ela sentiu-se estranha e disse, em voz alta:

- Senhor, se tudo isto é real, conserve os meus olhos. Caso contrário, os arranque, para que não venha a revelar aos outros mentira ou mistificação alguma!

Nisso, ela ouviu um estalido, como se um aparelho de som tivesse sido ligado, e começou a ouvir **Mayante**, cantado pelos médiuns do Templo, na Terra. Ficou ligeiramente confusa, mas logo se lembrou de que, na Terra, era a hora do início do segundo trabalho do dia, começado sempre com esse mantra.

Com a segurança emocional que o canto familiar lhe trouxe, voltou sua atenção para Johnson, que dizia:

- Estamos lhe mostrando o nosso mundo, também chamado **Nicho de Deus**. Na Terra, ele ainda não tem um nome certo. Creio que vocês vão batizá-lo de "O Planeta Monstro", devido ao seu enorme tamanho relativo à Terra. Em alguns grupos iniciáticos, ele é chamado Capela. Ele já foi visto duas vezes pelos seus astrônomos. A dificuldade na sua observação é devida ao fato de ser um planeta de trás do Sol, que periodicamente sai da sua órbita, e isso confunde os cientistas.

A explicação, porém, deixou-a atordoada devido ao tumulto de emoções e pensamentos que cruzavam sua mente. Não conseguia esquecer os exus da caverna. Talvez, por isso, ela não gravou em sua memória as outras explicações de Johnson.

Ele, então, mudou o rumo da conversa, e disse:

- De agora em diante vou lhe mostrar o que, realmente, está acontecendo na Terra. Vou, também, lhe explicar quais os planos de Deus para sua proteção, nesta fase de transição.

- Quer dizer – disse ela – que a Terra não vai desaparecer, ser submergida pelos mares?

- Não, – respondeu ele – desta vez a nossa aproximação irá causar, apenas, alguns problemas menores. Na medida em que você for se familiarizando com o meu mundo, nós iremos relatando o que vai acontecer. Aliás, este mundo só será meu lar por mais quatro anos do seu tempo na Terra. Depois disso, eu estarei na Terra, serei um terráqueo.

Neiva, fascinada, continuava olhando Capela, observado cada detalhe. Cada vez mais se maravilhava com o jogo de luzes. Johnson continuou:

- A missão fundamental de Capela, no momento, é presidir a transição do segundo para o terceiro milênio da fase atual da Terra. Haverá uma grande mortandade e, ao mesmo tempo, será lançada a nova civilização que irá fazer jus à evolução alcançada por esse planeta. Nessa nova

era não haverá a Lei Cármica, pois a Terra deixará de ser escola de expiação. Não existirão doenças e os climas serão constantes e amenos. Antes, porém. Que isso se realize, terá que haver o reajuste final e o encaminhamento dos espíritos que a habitam para seus justos destinos. Saindo de sua órbita, Capela passará entre o Sol e a Terra, e esta ficará nas trevas por três dias. Devido à ausência dos raios solares, haverá tremendas descompensações caloríferas. No seu interior, as matérias combustíveis se queimarão e gigantesco incêndio envolverá em vapores e fumaça grande parte dela.

Ainda preocupada com os exus da caverna, Neiva perguntou:

- E os espíritos, os desencarnados que ainda estão na Terra, principalmente aqueles atribulados pelo ódio, o que irá acontecer a eles?

- Virão para cá! – foi a estranha resposta.

Neiva, porém, se sentia mais alerta, e insistiu:

- Não será melhor eles ficarem onde estão? Será que eles não prefeririam assim? Não estão eles lá por vontade de Deus?

- Não! – respondeu ele – Deus não poderia querer que espíritos vivam assim. Ele não obriga espírito algum a ter um corpo aleijado ou qualquer outra situação humilhante, seja na Terra ou em outros planos. Isso sucede, apenas, pela própria vontade dos espíritos, pelo seu livre arbítrio.

Neiva se calou e permaneceu longo tempo olhando aquele belo mundo. Mil coisas lhe passavam pela mente. Perguntou se certos espíritos que ela conhecia gostariam de viver naquela beleza, naquele mundo estranho. Mas, pensou, a Terra também é bela! Seus habitantes é que deturpam as leis e se comprometem, como aqueles exus. Esse pensamento, por razão que não atinou, lhe deu certeza de que estava, realmente, em outro mundo, bem distante da Terra. Despertou de suas reflexões com a voz de Johnson:

- Uma última informação, Natachan, e sua visita irá terminar. Em ciclos correspondentes a dois mil anos na Terra, nosso planeta se aproxima dela, cada vez com um tipo diferente de contato, produzindo, assim, efeitos diferentes. É por isso que a historia de sua civilização compõe-se de ciclos dessa duração. Essas aproximações são sempre decisivas.

Neiva assimilou a informação e de pronto fez a pergunta que lhe aguçava a curiosidade desde o início da visita:

- E o seu planeta, senhor Johnson, ele é físico como estou vendo? Ele é de terra, de água e de ar?

- Sim, - respondeu ele – Capela é de terra, de água e de ar, como a Terra. Só que sua composição é diferente, de outro tipo. Outra coisa, Natachan, Capela é, na realidade, um mundo dividido em quatro mundos diferentes. À semelhança do que acontece na Terra com suas regiões distantes, cada um desses mundos ignora os outros. Na verdade, existem somente dois desses mundos que sabem da existência um do outro.

Neiva sentiu que a visita estava terminada. Com a mesma rapidez que se fora, ela sentiu-se novamente junto ao corpo. Pensou em ir, novamente, à caverna dos exus, mas não achou propósito. Mergulhou, então, no seu corpo e despertou-o do torpor.

Levantou-se e olhou em torno de si, para a paisagem desolada do cerrado do Planalto, e compreendeu porque tão poucos médiuns se lembram de suas “viagens”. As saudades daquele belo mundo que vira já lhe cortavam o coração.

Havia decorrido tão pouco tempo desde que se deitara na relva, que ninguém ainda havia percebido sua ausência da comunidade. Encaminhou-se, então, para o Templo, meditando sobre todas aquelas coisas.

A MULTIPLICIDADE DO SER

Para que possamos entender as revelações da Clarividente, é necessário certa mudança de posição, buscar-se uma perspectiva mais ampla. Sem isso, a gente se perde no emaranhado das coisas novas. Essas coisas são naturais para ela, a Clarividente, mas não o são para nós, mortais comuns.

Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly

A experiência humana é, essencialmente, antropomórfica. Essa palavra, para a qual não encontramos substituta mais exata, significa a forma, a maneira como o Homem vê as coisas. É a curta visão da vida física, a limitação cérebro-intelectiva.

Embora a capacidade humana de imaginação – elaboração, composição de imagens – seja grandiosa, ela é sempre limitada pela experiência.

A experiência é adquirida a partir do ventre materno e termina somente com a morte física. A base dessa aquisição, o alicerce da personalidade, é, por sua vez a experiência atávica, a herança recebida através dos cromossomas e outras partículas talvez ainda desconhecidas da biofísica e da genética.

Essa herança é muito grande e sua extensão pouco conhecida.

É fato tranqüilo que todo ser recebe, no seu acervo de DNA e RNA, certa quantidade de caracteres. Hoje, a genética pode determinar, pelo exame dessas partículas, alguns desses caracteres. O que não se sabe, ainda, é qual a quantidade de caracteres recebidos por um ser e o seu tipo, sua qualidade específica.

Citamos esses detalhes da Biologia para lembrar o fato dos seres serem ligados à árvore genealógica da espécie, ao passado dos seres que o antecederam. Somente não sabemos se nessa herança está contida toda a experiência da espécie ou, apenas, parte dela. Não sabemos se sua genealogia começa na raiz, no tronco ou num galho da espécie humana.

Sabemos, então, que sobre essa base vai-se formando a experiência individual desde a vida intra-uterina, a partir de certa idade do feto, à chamada formação psicológica pré-natal.

A partir do nascimento, nos contatos com o mundo exterior, e tão pronto se completem os mecanismos cerebrais, tem início o lento processo de conscientização. Esta **consciência** de si, como ser relativamente autônomo, e do mundo que o cerca, cresce com a idade cronológica e termina somente com a morte.

A variação dos dados desse complexo acervo é que garante a personalidade, sendo praticamente impossível a existência de dois seres absolutamente iguais.

Percebemos, pelo que acima foi dito, que o Homem tem o seu início num ponto qualquer do mundo físico – que poderíamos chamar de **menos finito**, e seu fim num outro ponto – que poderíamos chamar de **mais finito**.

Embora não saibamos, por falta de possibilidades de verificação, onde se situam os dois pontos – o menos e o mais finito –, uma coisa sabemos claramente: o Homem, considerado biologicamente, é apenas um fragmento de uma trajetória, uma reta entre dois pontos.

Mas, na trajetória infinita, além do ser biológico, as coisas continuam, e o Homem procura enxergar além, divisar o horizonte maior. Para isso, ele utiliza o instrumento que conhece, sua experiência limitada, e comete o erro fundamental de projetar o desconhecido no que conhece.

Assim é o universo humano, uma redução proporcional do universo desconhecido.

"A experiência é como uma lanterna que a gente carrega nas costas: só ilumina o caminho percorrido" – já disse alguém. Essa é a verdade do antropomorfismo.

O Homem atual é um ser irrealizado e sem rumo. Sente-se imerso na voragem da destruição e tem poucas esperanças de um retrocesso, uma retomada do caminho civilizatório. Todos os dias ele proclama sua falência e aceita, com naturalidade, as coisas mais atrozes, como guerras e injustiças, de todos os tipos.

Sente, pois, a necessidade de buscar novos caminhos, sair da sua limitação. Para que isso aconteça, precisa de novas perspectivas, novos ângulos de visão. Isso porque os fenômenos, que já estão acontecendo e os que acontecerão em pequena parcela de tempo que resta neste século, ultrapassarão tudo que jamais foi concebido.

Daí a razão desta mensagem, veiculada por um ser humano incomum, a Clarividente Neiva, de excepcionalidade testemunhada pelos fatos. Para que esta mensagem seja compreendida, é necessário criar os instrumentos de recepção, a linguagem e a imagem, tão adequadas quanto possível às nossas limitações.

Ela se refere a fatos desconhecidos, fora da experiência humana convencional. O primeiro instrumento adequado à associação de idéias, que nos irão permitir entendê-las, é a admissão da multiplicidade do ser humano.

Nos capítulos anteriores, procuramos dar uma idéia, tomando a Clarividente como modelo dos diferentes **estados** ou **faixas vivenciais** nas quais existimos. Na superfície da Terra, no seu plano físico, na organização celular chamada **matéria**, somos um ser físico; no mundo etérico,

somos um ser etérico; no mundo astral, ainda molecular, somos um ser astral; no mundo sutil e atômico do espírito, somos um ser espiritual. E assim continuamos, pelo infinito, sendo algo, até Deus!

Mas há que se distinguir nossas posições de **ser** e **estar**. Sou físico, etérico, astral, mental, espiritual, mas sou sempre eu, algo definido e particular que engloba as várias formas de eu ser. Essa consciência ampla é o que poderíamos chamar de **eu maior**, e as formas de ser de **eus menores**. Com isso, o "eu sou" se tornaria mais lógico como "estou sendo", ou "sou estando".

Somente nesse conceito ampliado é que podemos nos considerar, talvez, como centro do Universo. O erro fundamental do antropomorfismo é considerar o Homem, o ser físico, portanto, um dos "eus", como o todo, o "eu" maior.

Na verdade, somos uma consciência ampla, que toma conhecimento de si mesma. Apenas que, nesse tomar conhecimento, empregamos somente parte dessa consciência, a parte mais adequada e proporcional a cada estado, cada maneira de ser. Temos uma visão geral que ultrapassa a reta finita da nossa vida biológica. A dimensão máxima dessa visão, na qualidade de encarnados, seres físicos, seria o que chamamos **nosso espírito**, o **eu**, como podemos conceber.

Assim como a vida biológica é limitada, cada um desses planos tem, também, seus limites e seu grau consciencional. Mas nossa subordinação a planos de vida, programa de ação por tempo determinado, estabelece, como medida de sucesso, de segurança, um hiato, uma "desmemória" entre uma vivência e outra. E, na medida em que vamos vivendo, desenvolvendo o programa fixado para uma etapa, vamos divisando as outras etapas, os programas seguintes a serem vividos.

E a percepção natural de outros estados é fato objetivo, independente de qualquer concepção que se tenha das coisas.

"Eu" sou o meu espírito, mas ele – o meu espírito – não é, apenas, o "eu" que sou atualmente. Meu espírito já teve e tem outros "eus", outras personalidades. São outras almas, outras psiques, que tanto podem ser deste como de outros planos. Isso pode acontecer, e acontece, à semelhança de uma pessoa que possua vários veículos com os respectivos condutores. Embora todos possam estar trabalhando simultaneamente, a pessoa só poderá vê-los se todos estiverem próximos e na mesma estrada. Mas, se cada veículo estiver rodando numa estrada diferente, isso será impossível. Assim acontece com o nosso espírito. Se nossos vários "veículos" estiverem subordinados a uma direção comum, estaremos sintonizados, estaremos em paz. Quando nossos veículos enveredam por caminhos diferentes, entramos em distonia, em dor, mas só assim tomamos conhecimento de nossa dualidade, de nossa tríade ou de nossa multiplicidade.

A experiência mais comum é a percepção de nossas ações, ao distinguí-las como físicas, psíquicas ou espirituais. A auto-observação cada vez mais ampla irá nos levar à admissão relativamente fácil de nossa multiplicidade.

A Clarividente Neiva, através de quem estão vindo estes esclarecimentos, é um ser fora de série, mas é um ser humano igual a nós. Ela apenas existe, como sempre existiram outros seres em estado de exceção, como demonstração viva do que somos potencialmente.

Talvez no próximo estágio civilizatório do III Milênio, os seres comuns sejam como ela é hoje. Mas, para que possamos entender as mensagens que os Mestres estão transmitindo por seu intermédio, é preciso que nos coloquemos, pelo menos em imaginação, em posição semelhante à dela.

Essa é a razão fundamental porque, neste livro, frisamos, sempre, suas experiências, como as coisas aconteceram e estão acontecendo a ela.

É provável que as mesmas coisas tenham acontecido e aconteçam a outras pessoas da mesma forma. A diferença, porém, é que a percepção consciencional dessas pessoas, pelo menos até onde temos notícia, é sempre parcial, de focalização mais no físico ou no psíquico. Só a Clarividente dá o enfoque com maior amplitude.

A TORRE DE DESINTEGRAÇÃO

Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly

A partir daquela noite, em que Neiva apanhou uma pneumonia, posteriormente transformada em tuberculose, as coisas de sua missão se intensificaram de várias maneiras. Embora disfarçasse seu estado físico, escondendo suas dores e nunca se recusando ao trabalho, ela sentia a ameaça que a moléstia significava para sua missão. Como Clarividente, ela via os quadros à frente e, na sua maneira simples, pedia ao Pai que, se possível, afastasse aquele cálice amargo. Mas, como todo missionário do Cristo, ela o teria que sorver até a última gota...

O contato com Capela passou, então, a ser a quebra da monotonia do trabalho árduo de cada dia.

Certo dia, sentindo-se mais febril que de costume, dirigiu-se ao local dos primeiros contatos com os Capelinos, tomada de estranho desejo de fuga. Preveniu-se com uma manta de lã e sentou-se à espera do fenômeno habitual. A vontade de escapar das contingências viera mesclada com estranho sentimento de saudades dos outros planos e do Jangadeiro amigo.

Seu desejo de libertação é explicável. Ao desprender-se do corpo físico, ela sabia que deixaria para trás todas as sensações desagradáveis, não só da moléstia como dos conflitos em que vivia imersa.

Deitou-se na relva, repetindo mentalmente os detalhes de sua nova modalidade de transporte, e logo saiu do corpo. Sentiu-se levitando e, logo em seguida, ouviu um ruído forte de motor, diferente dos motores da Terra.

De pronto achou-se em outro local, e ouviu a voz familiar de Johnson Plata. Cumprimentou-o com o “Salve Deus!” habitual e notou que, em sua companhia, havia duas pessoas. Johnson os apresentou com os nomes de Eris e Stuart. Ao olhar para este último, notou certa familiaridade nele, como se já o conhecesse. Percebendo seu pensamento, Johnson e Eris riram, e lhe explicaram que, de fato, ela conhecia Stuart, pois ele era Tiãozinho!

A surpresa de Neiva não podia ter sido mais agradável. Tião, o espírito amigo e constante, o socorrista de todas as horas difíceis, o brasileiro simples e sempre alegre, ali estava com sua imponente estatura, seu sorriso afável e sua amizade devotada. Tiãozinho, um Capelino! Ela chorou de alegria.

Agora, que estamos mais familiarizados com a multiplicidade do ser, podemos dizer algo a respeito de Tiãozinho, dada a importância de sua missão na Terra.

Sua última encarnação, neste planeta, foi a de um simples cidadão brasileiro, da Mato Grosso, filho de um grande fazendeiro. Casou-se, muito jovem, com sua alma gêmea, a Justininha, e seu nome era Sebastião Quirino de Vasconcelos. Mas todos o chamavam de Tião ou Tiãozinho. Logo depois do casamento, os dois morreram afogados, no naufrágio de uma balsa. Isso aconteceu há cinqüenta anos, mais ou menos.

Com o início da missão de Neiva, Tiãozinho recebeu inúmeras incumbências junto a ela, principalmente devido aos laços espirituais que os uniam desde eras remotas. Esse fato aconteceu a inúmeros missionários desencarnados, mas Tiãozinho destacou-se, logo, pela sua versatilidade e habilidade em resolver situações intrincadas. Sua apresentação mediúnica é sempre a de um espírito alegre e simples. Fala numa linguagem de homem simples da roça, dando idéia de um mato-grossense, aparentemente simplório. Com isso, ele coloca todo mundo à vontade e confiante e, alegremente, vai disseminando mensagens, dando profundas lições de amor e tolerância.

Cabe, aqui, lembrar que o trabalho dos espíritos, tanto aqui na Terra como em outros planos, é tão sujeito a percalços como é o nosso. Para eles, como para nós, o sucesso e o insucesso estão sujeitos a fatores complexos, principalmente em relação ao livre arbítrio, tanto dos espíritos como dos encarnados.

Mas a mobilidade de Tiãozinho e a maneira como ele se faz aceitar pelos encarnados, deram-lhe importante papel na presente missão de preparo da Humanidade para o III Milênio. Nos primeiros sete anos de ação entre nós, ele graduou-se como Engenheiro Sideral, especialidade do mundo espiritual que trata de problemas planetários. Ele possui uma chalana, nome que nosso grupo dá a certas astronaves, e é o comandante de uma nave-mãe, que chamamos estufa.

Com a presença de Tiãozinho, na qualidade de um habitante de Capela, Neiva sentiu-se mais em casa. À guisa de explanação, Johnson disse que, como Capelino, ele se chamava Stuart e era o responsável pela **Torre de Desintegração**.

- Desintegração? – estranhou Neiva.

- Sim. – respondeu ele – Todos os corpos enviados à Terra têm que passar, antes, pela Torre de Desintegração, que os transforma em matéria etérica. É nesse estado que operamos

entre vocês. Mas, existem outras formas de operação. Já têm havido contatos em estado físico, muito esporádicos na fase atual, e sempre experimentais. Essas experiências estão se intensificando e tudo está sendo preparado para nossa presença física entre vocês, em pouco tempo. Isso está na dependência das modificações físico-planetárias, em que o plano etérico fará junção com o plano físico.

- Quer dizer – perguntou Neiva – que vocês se irão materializar, como fazem os espíritos, atualmente, nas sessões espíritas de materialização?

- Por enquanto, Natachan, eu só posso lhe dizer que é mais ou menos isso. Mesmo que lhe explicasse como a coisa é realmente, você não saberia explicar para o seu povo. Sua ciência não tem, ainda, elementos comparativos do fenômeno. No momento, o que fazemos é sair de nosso estado físico em Capela e passar para o estado mais fluídico do etéreo. Desse plano nós podemos nos comunicar através dos médiuns, materializarmos com seu ectoplasma ou irradiarmos sobre seus sentidos. Quando necessário, nos cercamos das devidas cautelas e nos tornamos físicos, junto com nossos aparelhos. Mas as permissões para isso são muito restritas. Os tempos estão próximos, mas ainda não chegaram totalmente.

- Uma coisa não entendo. – disse Neiva – Por que, então, se vocês têm esse poder, só fazem o contato através da mediunidade, se apresentam somente como espíritos? Afinal de contas, a mediunidade é um fator de sofrimento, “um espinho enterrado na carne”, como diz Mãe Yara.

- Procedemos assim, Natachan, porque não temos ordens para agir diferentemente, a não ser, como disse há pouco, nas experiências, nos testes. Lembre-se, Natachan, que a mediunidade é a principal arma de redenção cármica da fase atual do planeta. Ela faz parte intrínseca do Plano Crístico de redenção dos espíritos encarnados. Enquanto esse plano não se completar, até que não haja se esgotado a oportunidade de conscientização dos habitantes da Terra, os contatos terão que ser assim, sofridos, cheios de nuanças e percalços. E a oportunidade irá até o limite preestabelecido. Chegado esse limite, quando não houver mais possibilidade dos seres humanos compreenderem a mensagem de Jesus Cristo, o planeta será entregue aos executores da sentença!

Johnson fez uma pausa e Neiva continuou imersa em interrogações. Como que adivinhando seus pensamentos, ele prosseguiu:

- Pense no seu caso, Natachan, e você compreenderá melhor nossa posição. Você é conhecedora da Alta Magia, tem sua própria Cabala e a capacidade de manipular forças extraordinárias. Entretanto, só usa seus poderes conforme as ordens dos seus Mentores, e tem que aguardar as oportunidades adequadas. Muitas vezes você é obrigada a permanecer impassível, mesmo sabendo que teria forças para interferir. Assim somos nós. Temos que aguardar a oportunidade.

- É, – disse Neiva – o senhor tem razão. É isto mesmo!

- Mas, – prosseguiu ele – hoje você veio aqui para outra finalidade. Temos um assunto muito urgente a tratar.

- Quer dizer que vocês sabiam que eu viria? – perguntou ela.

- Sim, Natachan, fomos nós que a convocamos. Seu país irá passar por uma crise política, resultante de uma mudança necessária. Nós estamos fazendo tudo ao nosso alcance para que essa mudança se opere sem derramamento de sangue. O Brasil é considerado, na espiritualidade, como a “cúpula de Deus no planeta”, e os Mestres não o querem ver imerso em sangue.

Essa surpreendente revelação despertou a curiosidade de Neiva.

- Por que o Brasil tem essa importância? – perguntou – Toda vida pensei que o Oriente é que era importante, principalmente o Tibete.

- Sim, Natachan, – respondeu ele – o Oriente, de fato, já foi muito importante. Até agora, o comando na distribuição das forças pertencia a ele. Isso aconteceu até que esta região estivesse preparada para o reajuste final. O ponto focal, agora, na hora decisiva, é o Brasil e, de modo geral, a América do Sul, principalmente a região dos Andes. Na verdade, Natachan, a posição da Ásia foi transitória. Isto porque o solo da América do Sul é mais velho em relação ao ciclo atual do que o da Ásia. No Brasil e nas Américas já existiram civilizações importantes, que desapareceram há muitos milhares de anos. Há cerca de 32 mil anos, existiram civilizações sob os signos de Áries, Touro, Leão e Virgem; mas os elementos dessas fases não desapareceram. Apenas mudaram de estado, e continuam influindo nos destinos dessa parte do planeta.

- Mas, – perguntou Neiva – que tipo de influência, de que forma eles continuam existindo?

- Sei que é meio difícil para você entender, Natachan. No interior da Terra, no fundo de seus mares, nos planos astrais e etéricos mais densos, existem bilhões de criaturas, veículos de espíritos conscientes, que agem, pensam, sentem e se entrosam com a Terra. Seus propósitos são muito variados, de acordo com as épocas em que estão fixados, seus graus de evolução e outros aspectos. Em cada mudança de ciclo, eles reagem de acordo, buscam novas posições e alguma forma de realizar seus planos. Isso, Natachan, coisas que se passam em apenas parte do planeta, lhe dará idéia do gigantismo da luta universal, o significado do "assim na Terra como no Céu" da oração que Jesus ensinou. Algumas dessas civilizações eram tão poderosas que, até hoje, existem resíduos físicos da sua existência. Eles, como os homens de hoje, fizeram as mais tristes experiências, deturpando os caminhos que os levariam a Deus. A Ciência sem Deus conduz para abismos. Por isso, temos que nos precaver contra esses espíritos, pois são ardilosos e sagazes. Os espíritos que habitaram essa parte do planeta, nos ciclos de Áries e Touro, trouxeram à Terra uma poderosa força magnética, extremamente complexa. Já os dos ciclos de Leão e Virgem foram portadores de um magnético animal negativo e são esses que mais estão influindo nos atuais acontecimentos do Brasil. Seu país tem passado por altos e baixos, conforme se alternam as influências dessas falanges. Assim, como quaisquer outros espíritos que ainda vivem nos planos da Terra, eles agem, influenciam, obsidiam e dominam com seus ardis. Eles são bem diferentes dos obsessores recém-desencarnados, os "mortinhos", como você costuma dizer. Eles influenciam, de preferência, os intelectuais. Uma dessas falanges, chamada os Falcões, é especializada em política. Quando os espíritos dessa falange conseguem fazer predominar sua influência, eles conturbam a vida político-administrativa do país, como estão fazendo atualmente.

- Mas, – objetou Neiva – eles têm tanto poder assim? A gente não tem defesa contra eles?

- Sim, Natachan, o combate entre eles e as falanges Crísticas é terrível.

- Mas – ela tornou a objetar – essas falanges que o senhor chama de Crísticas não têm mais força, não são elas as forças do Bem?

- Sem dúvida, Natachan. As forças sob a luz Crística são mais poderosas. Mas o problema não depende disso e, sim, dos espíritos encarnados, do ser humano. Não se esqueça de que se trata de uma luta de influências sobre a mente humana, e é o Homem que escolhe seus amigos. Essa luta tem, também, seu lado técnico, que é o ectoplasma, a energia de contato. Conforme o teor de ectoplasma emitido pelos seres humanos, ele atrai uma influência ou outra. O ser humano, cuja tônica é a animalidade, o orgulho, o intelectualismo materializado, atrai esse tipo de espíritos e se submete, inconscientemente, aos seus planos. Já o Homem cristianizado, cuja tônica seja a do amor ao próximo, a tolerância, a humildade, esse emite um ectoplasma fino, fora do alcance desse tipo de espíritos. Na claridade, na composição molecular desse fluido se entrosam espíritos de Luz, construtivos e criadores. Percebeu a diferença, Natachan?

- Sim, senhor Johnson, creio que entendi bem. Conforme nossa maneira de ser, nós entramos em sintonia com nossos semelhantes.

- Isso é que decide a luta. – acrescentou Johnson – Se predominam os homens de boa vontade, a situação é de progresso, de paz. Se ao contrário, temos a guerra. Por aí você percebe, também, Natachan, que ajudar no progresso, no bem de um país ou qualquer grupo humano, não depende somente da posição social, da força econômica ou qualquer outra. Depende muito mais da força espiritual, da honestidade individual, do cuidado do ser humano com sua maneira de ser.

Neiva quedou-se pensativa, e Johnson parou de falar. Em seu semblante másculo perpassava uma ligeira nuvem, como se ele estivesse sentindo o drama da posição humana, na eterna luta entre o Bem e o Mal. Neiva, então, lhe perguntou algo, cuja curiosidade havia sido despertada nas explicações de Johnson.

- O senhor falou dos signos que presidiram essa gente toda. Nesse caso, o senhor considera a Astrologia como válida?

- Sim, Natachan, a Astrologia é válida, mas não nos termos em que é apresentada na Terra. Na verdade, é uma profunda iniciação, que só alguns conseguem alcançar em vida na Terra. Seus princípios são exatos e científicos. Os seres que são enviados à Terra o são consoante um conjunto vibratório de astros ou mundos. Esses corpos celestes de origem dão a esses seres a tônica de sua trajetória no planeta e alimentam o seu psiquismo. Cada ciclo da Terra está sob a predominância das vibrações de um conjunto planetário. Isso explica os signos que citei há pouco. Atualmente, a Terra está sob o signo de Peixes, o *ichtius* dos originais evangélicos. Ele

é a tônica crística, que compõem as leis do perdão, do amor e da tolerância. Repare, Natachan, como os Evangelhos estão cheios de referências ao peixe. Entre os primitivos cristãos, o peixe era o símbolo do próprio Cristo. E signo seguinte, que irá predominar sobre seu planeta, será o de Aquário. Esse tem uma tônica bem diferente de Peixes. Suas vibrações serão de paz inquebrantável, fraternidade natural e conhecimento de Deus. Essas influências tornarão desnecessária a Lei Cármica como ela existe agora. A inteligência humana será mais vibrátil, mais etérica, mais permeável para as coisas espirituais.

- É, – disse Neiva na sua simplicidade – creio que compreendi. De fato, o problema é bem mais sutil do que as habituais previsões astrológicas da Terra. Mas, – objetou ainda – elas, afinal, têm algum fundo de verdade e não fazem mal a ninguém. E tudo tem sua utilidade...

Parou um pouco, pensativa, e perguntou:

- Sobre esses Falcões, senhor Johnson, diga mais alguma coisa sobre eles. Tenho a impressão que já encontrei com esses espíritos nos seus trabalhos.

- Sim, Natachan. Direi tudo o que puder sobre eles, para que você possa saber o que fazer na sua missão junto aos homens públicos de seu país. Há milhares de anos, conforme lhe disse há pouco, esses espíritos eram encarnados e tinham importante missão civilizatória. Mas desenvolveram o seu orgulho a tal ponto que se libertaram das influências benéficas dos seus Mestres e se desenvolveram, sempre, na tônica da razão e do egocentrismo. Atingiram, assim, altos conhecimentos científicos e, ao desencarnarem, eles permaneciam no plano etérico, formando ali verdadeiro exército de cientistas, principalmente de químicos e físicos. Eternamente preocupados com o conhecimento intelectual, eles fundaram, nesse plano, grandes escolas e universidades, semelhantes às atuais da Terra. Para elas são atraídos espíritos dos que desencarnam irrealizados, em conflito com as Leis do Cristo. Trabalhando com as energias animais da Terra e outras forças do plano etérico, eles criaram uma "química ectoplasmática". Com essa matéria, eles se alimentam e fabricam equipamentos de todo tipo. São muito versáteis e plasmam as mais variadas formas de se apresentarem. Uma dessas falanges de apresenta como "astronautas" e tem engodado com essa roupagem. São os tais "verdinhos", que já têm sido vistos por muitos terráqueos. Sua aparência, na Terra, é a de homens com mais ou menos um metro e meio de altura, vestidos com roupas de viajantes interplanetários, com botões, antenas, armas estranhas, etc. Sua capacidade de materialização, na Terra, é muito grande, devido ao seu conhecimento na manipulação fluídica. Isso se deve, também, ao fato de habitarem nas camadas mais próximas da superfície. Esses espíritos são a maior fonte de enganos dos pseudo-iniciados e cientistas desprevenidos. São eles que alimentam falsas idéias a respeito das coisas do Universo. Com isso, eles fomentam iniciativas mais tristes, afastam o Homem do seu destino evolutivo. Seu maior argumento é falar em nome de Deus. Com isso, justificam os encarnados sob sua influência de muitos absurdos. Seu supremo ideal é conseguir encarnar no planeta pelos seu meios, independentes da Lei Cármica. Mas, os milhares de anos em que tentam, já começaram a pesar neles. Por isso, ao verem que o fim se aproxima, eles estão dando tudo o que têm. Uma das universidades chama-se **Vale das Sombras** e a ela são agregados os desencarnados que ocupam posição religiosa ou científica de relevo na Terra, mas que não conseguiram se harmonizar com as Leis Crísticas. Um dos objetivos desses espíritos é levar ao desânimo os encarnados que tentam seguir a trilha do Mestre Jesus. Para isso, eles fomentam o culto de Jesus sangrando, pendurado numa cruz. São sanguinários como você, Natachan!

- Eu sanguinária? – explodiu Neiva, agastada.

- Sim, Natachan. Vocês, na Terra, amam de preferência Jesus açoitado, sofrido, humilhado! Na verdade, esse Jesus é, apenas, o reflexo do masoquismo inconsciente de vocês, das suas dores inaceitas e das suas frustrações. O verdadeiro Cristo Jesus é todo suavidade, bem diferente daquele dos seus crucifixos e suas esculturas cheias de vermelho sangüíneo! Aliás, Natachan, o culto do sangue tem um significado especial para esses espíritos, pois é dele que tiram sua matéria-prima, o fluido magnético animal, o ectoplasma. O exemplo de Jesus não fascinou a humanidade, mas sua dor alimenta, por muito tempo, seu sadismo. Bem, Natachan, por hoje chega de lições. Vamos voltar aos objetivos principais de sua vinda. Temos instruções muito precisas para você cumprir. Volte para seu corpo e mobilize seus irmãos da UESB para saírem imediatamente de lá. Aquela beira de estrada para Brasília vai-se tornar muito perigosa nos próximos dias. A atual administração de seu país está praticamente dominada pelos Falcões, e estamos envidando todos os esforços para que o problema brasileiro seja equacionado sem

sangue. Uma das alternativas é a renúncia do atual Presidente. Mas, isso irá acarretar problemas de outra natureza, pois o Vice-presidente está sujeito à deturpação do seu poder. Há, pois, muita probabilidade de uma revolução. Por isso, queremos que nossa tribo se afaste dali. Nossa missão é muito delicada e não podemos nos arriscar.

Neiva aquiesceu, sem objeções, e perguntou:

- Que tipo de influência têm os Falcões sobre os políticos? Eles não são cientistas?

- Sim, Natachan, eles são cientistas, como todos os do Vale das Sombras. Mas os Falcões são hábeis em política, formam um grupo especializado. Sua capacidade de influenciar os homens públicos é tão grande que, muitas vezes, esses homens são tomados de verdadeira alucinação e cometem os maiores desatinos. Quando a empatia é muito grande, esses políticos e administradores entram em transes mediúnicos e transportes, e projetam quadros terríveis no plano etérico. Muitas vezes, deparamos com esses espíritos fora do corpo, sob a forma de bichos fantasiosos, figuras essas resultantes de suas mentes desvairadas.

- Ah! – exclamou Neiva – Agora me lembro de uma visão que tive algum tempo atrás. Então era isso? Vi, como se fossem projetados no céu, uns homens com cabeça de gente, mas seus corpos pareciam lacraias. É a isso que o senhor está se referindo?

- Sim, Natachan, é a isso mesmo. Foi isso que você viu.

- Agora, uma última pergunta, senhor Johnson. O senhor falou sobre as influências planetárias a que estão sujeitos todos os espíritos encarnados. E nós, os ciganos de Pais Seta Branca, quais são os astros que nos alimentam?

- Seus astros principais são a Lua e o Sol. Tanto num como no outro existem grandes usinas e enormes turbinas que, trabalhando em consonância, fornecem as energias psíquicas da sua tribo, que, aliás, também é a minha...

Neiva retornou ao corpo e, imediatamente, tomou as providências para o êxodo. Como legítimos ciganos que eram, foi fácil mobilizá-los para a partida. Em poucas horas a caravana de carroças e velhos caminhões estava na estrada. Escolheram uma curva no rio Corumbá, que formava uma praia de areia branca, e lá montaram o acampamento. Ali permaneceram por algum tempo, sempre informados dos acontecimentos pelos espíritos amigos.

A revolução se efetivou, sem derramamento de sangue, e as coisas políticas continuaram seu curso, a caminho da evolução.

Os ciganos de Neiva, os missionários de Seta Branca, retomaram seu trabalho, sob a égide de Assis.

OS ESPÍRITOS E O UNIVERSO

A busca do “eu” absoluto é tão quimérica como a procura da essência de Deus. Isso, nos planos vivenciais concebíveis. Além disso, nada há que se possa afirmar ou desmentir. Mesmo a concepção de planos corresponde a realidades relativas, didaticamente submissas às nossas capacidades. Mas, na busca do ponto fixo de referência, a essência das coisas, a gente sempre vai aceitando o relativo mais perto, o que nos parece o mais absoluto.

Assim se situa a posição do espírito. Na escalada suave deste relato, vamos nos familiarizando com o espírito como agente. Percebemos, também, que corpo, alma, encarnado, eu, consciência e outros termos, se referem a maneiras de “estar”, formas ou situações induzidas pelo espírito.

O Homem, o ser humano, ou, apenas, o ser, são simples formas, maneiras operacionais ou de manifestação dos espíritos. Citamos assim no plural para que se perceba, com clareza, a existência do espírito como algo individualizado, e não no seu conceito abstrato, como “o espírito das coisas”, etc.

Com esse conceito, vamos, então, compreendendo que os espíritos têm a versatilidade de percorrer o Universo, viver, existir, agir, construir, criar, destruir ou modificar. Também percebemos sua capacidade multiforme simultânea de se apresentar em planos e lugares diferentes.

Vimos, na figura de Stuart/Tiãozinho, um exemplo dessa capacidade. Como Stuart, ele é um cidadão de Capela, cumpre funções técnicas num dos seus mundos, e deve, provavelmente, ser muito ocupado. Como Tiãozinho, ele atende na qualidade de Guia Espiritual do Vale do Amanhecer.

Como Tiãozinho ele é muito solicitado. Às vezes, ele está incorporado em algum médium do Templo do Amanhecer, e a gente percebe que ele faz ligeira pausa na comunicação. Certa vez perguntei o porquê disso, e ele disse que estava atendendo a algum pedido feito naquele momento, a alguém que estava muito aflito e que o invocava. Explicou, então, que fazia esse tipo de atendimento no prazo de alguns poucos segundos! Como Stuart, sabemos pouco de suas funções. Estamos informados, apenas, que a Engenharia Sideral se prende a problemas de cálculos astronômicos e atividades relativas aos seus aspectos físicos. Isso nos faz imaginar se ele não tem outras “personalidades” além dessas.

Isso, que sabemos sobre ele, nos diz claramente que o espírito a quem costumamos chamar Tiãozinho, cujo retrato falado está no Templo do Amanhecer, atende e vive todas essas figuras que acabamos de descrever. Aparentemente, tudo isso acontece simultaneamente. Esse fato, porém, deve ser entendido em seu aspecto relativo de “tempo”, cuja conceituação é a mais complicada possível para a nossa mente física. O fato mais fundamental é que se trata do mesmo espírito. Neiva, ao conhecer, pela primeira vez, o cidadão Capelino Stuart, um ser físico, momentaneamente em estado etérico, reconheceu logo Tiãozinho, o espírito amigo, o mato-grossense alegre de nossas sessões familiares!

Essa capacidade de ser várias coisas simultaneamente é uma das propriedades dos espíritos. Estamos vendo que o fato existe, tanto pelas ações da Clarividente Neiva, como pelos atos de espíritos como Tiãozinho. A idéia é comunicar justamente isso, a multiplicidade dos espíritos, pois se trata de um patrimônio comum a todos os espíritos. Sem a absorção dessa realidade, se torna impossível entender outros fatos de nossa vida e de nosso universo. Mas, com a consciência desse fato, nossa capacidade de encarnado se amplia, se dimensiona e teremos, assim, mais recursos para entender as coisas que acontecem e irão acontecer neste período de transição para o III Milênio. Para nós, pelo menos provisoriamente, é o Espírito, e não o Homem, que ocupa o centro de nosso Universo.

O UMBRAL CAPELINO

Embora rápido, o aprendizado de Neiva em relação a Capela foi árduo. Na verdade, essa foi mais uma iniciação, e ela, depressa, compreendeu as implicações disso.

Habituada como era a comentar as lições de seus Mestres com as pessoas que a procuravam, ela fez o mesmo com relação aos Capelinos. Um dia, porém, logo após uma conversa que tivera sobre este assunto, ela sentiu incômodos físicos diferentes dos causados, habitualmente, pela sua moléstia. Sentia enorme pressão na nuca e os olhos pesados, sonolentos. Procurou a causa daquilo em sua clarividência, e viu que tinha relação com os Capelinos. Percebeu, então, que ela estava sendo irradiada por eles e que havia algo errado no seu comportamento em relação a eles. Os distúrbios aumentaram, a ponto de lhe tirarem a proverbial paciência com as pessoas. Sentindo, pois, que as experiências estavam interferindo com sua missão na Terra, decidiu esclarecer o assunto com eles.

Dirigiu-se, então, para o local habitual de contato, e escolheu um ponto na parte mais alta do morro. Havia ali um pé de murici, e ela se encostou no tronco, sentada, com os pés pendentes no despenhadeiro. A posição era tão confortável que ela teve a impressão de o local ter sido preparado. Embora ela já não se preocupasse muito com seu corpo, sabedora de que recebia toda proteção deles, não pôde impedir um pensamento de possível queda no abismo.

Com essa idéia acauteladora, ela saiu do corpo, testou a situação, voltou para ele, mas não parou de sentir a mesma dor na nuca e o peso nos olhos.

Normalmente, quando saía, embora continuasse com percepção física parcial, ela não sentia as dores ou as sensações desagradáveis. Desta vez, porém, elas continuaram. Estava, assim, procurando a causa dessa anormalidade, quando percebeu duas figuras ao seu lado, assustando-se ligeiramente. De pronto conscientizou-se de que eles estavam sendo vistos por ela, pela sua vidência. Eram Johnson Plata e Eris que a olhavam, de pé, do seu lado esquerdo.

Na sua preocupação de autenticidade, lembrou-se, então, de uma lição de Mãe Nenen, de que a apresentação do lado esquerdo era feita por espíritos sofredores, sem Luz. E reparou, então, que os dois estavam opacos, sem brilho.

Johnson, adivinhando seus pensamentos, disse-lhe o “Salve Deus!” habitual, e sugeriu que ela deixasse de lado essa idéia, pois nela havia muito de superstição, o que não era do agrado de Pai Seta Branca.

Se eles estavam assim opacos, é porque não estavam refletindo melhor a luz solar, dada a composição do momento. Ela estava brilhante porque permanecia no estado físico. Num relance, ela compreendeu o que quis dizer. Eles estavam ali apenas em projeção e, embora essa projeção fosse física na Terra, não tinha as mesmas qualidades do seu próprio corpo físico, mais denso, menos penetrável pelos raios solares, refletindo, portanto, muito mais. Isso explica, também, sua dor de cabeça e sua sonolência, causadas pelas projeções deles desde que começara a falar a seu respeito.

- Natachan, – continuou Johnson – deixe de lado essas pequenas coisas humanas e lembre-se das coisas de Deus e da sua missão. Será a luz dos seus olhos que a levará aos outros mundos para trazer o esclarecimento ao Homem para o Terceiro Milênio.

Neiva, então, compreendeu o simbolismo do que ele acabara de dizer e olhou-os interrogativamente. Eles sorriram e pediram para que ela se concentrasse, para “viajar”.

No mesmo instante tudo escureceu para ela, como se o Sol houvesse desaparecido. Não sentiu mais a dor e os dois Capelinos se tornaram luminosos. Ela percebeu, então, que já se achavam em outro plano, iluminados pela luz dele. Ouviu a voz de Johnson, que dizia:

- Sim, Natachan, agora estamos prontos para nosso trabalho. Vamos!

Ela notou a diferença entre seu corpo e o deles, uma situação inversa de minutos atrás, quando estavam na Terra. Agora estava em corpo etérico e eles no seu corpo físico, natural. Deduziu, também, que se achavam em Capela. Diante de seu ar admirado, eles confirmaram seu pensamento.

- É verdade, Natachan, aqui é Capela, o planeta onde começa e termina o Homem...

A palavra “homem” soou com estranheza nos seus ouvidos e ela perguntou se a mesma era usada em todos os planos.

- Sim, – disse Johnson – homem é a expressão que se usa em vários planos, entre Capela e a Terra. Sim, homem como Natachan, homem como Tia Neiva...

Ela pensou consigo: que falta de cavalheirismo deles em me chamarem de homem. Nem da comparação eu gosto!...

Lendo seus pensamentos, os dois sorriram, e ela, meio humilhada, sorriu desapontada.

Nisso, chegaram ao destino, e a primeira pessoa que ela viu foi Tiãozinho, vestido como seus companheiros. Ela sentiu grande alegria em vê-lo, e os dois se cumprimentaram afetuosamente.

Johnson explicou que pedira a presença de Stuart para colocá-la mais à vontade, uma vez que os dois se conheciam melhor. Tião sorriu e disse:

- Neiva, então você veio conhecer o **Umbral** de Capela?

Ela olhou-o, sem compreender, e Tiãozinho apressou-se em explicar:

- Aqui, Neiva, é um dos mundos de Capela, que se parece com o Umbral que André Luiz descreveu por meio do Chico Xavier. Só que o Umbral a que eles se referem é uma Casa Transitória, um ponto intermediário entre a Terra e Capela.

- Mas, Tião, – disse ela – como se parece com a Terra!

- Sim, Neiva, ele não só parece, como é de terra, físico. É aqui que o Homem ainda maldoso paga o preço de sua evolução em trabalho. Aqui, Neiva, medram as saudades, o arrependimento e as recordações que obrigam o espírito a fazer reexame de sua trajetória e do que fez com sua encarnação.

Neiva fez várias perguntas e chamou Tião de Stuart. Os outros dois riram da rapidez com que ela se adaptava às circunstâncias. Tião continuou com as explicações:

- Esta parte de Capela tem uma variadíssima organização social, mas com camadas distintas. Aqui são recebidos os espíritos desencarnados na Terra que não hajam conseguido condições de vivência nos mundos mais adiantados de Capela. Quando chega, ele é encaminhado para o setor de sua condição e afinidades. Passa, então, a conviver com espíritos da mesma faixa, na equanimidade da Justiça, que irá facilitar sua evolução.

- Justiça em que sentido? – perguntou Neiva.

- No sentido mais lógico que os encarnados podem ter da Justiça Divina – respondeu Tião – O espírito, acrisolado no seu próprio egoísmo, estaciona num ponto qualquer da sua trajetória, ficando para trás em relação aos outros. Estabelece-se, então, uma diferença vibratória, que é a causa da maioria dos conflitos entre os encarnados. Enquanto alguns progridem no amor, na tolerância e na humildade, outros se desenvolvem no ódio, na crueldade e nas ações maléficas. É verdade que existe a Justiça humana, que procura estabelecer o equilíbrio. Mas esta atua, apenas, parcialmente, pois não pode ir além dos preceitos legais, quando as ações desses espíritos violam seus princípios. Mas, a Justiça humana abrange pouco além do comportamento efetivo, e como irão se corrigir as faltas não previstas e não codificadas nas leis? De que forma irão ser reajustados os desgastes profundos causados pela maledicência, pela inveja, pela calúnia, pelas astúcias e as ações secretas? Como serão recompensadas as vítimas da maldade humana, se a Justiça dos homens é tão precária? A resposta está aqui, no Mundo Maior, no Planeta Mãe, cujo tamanho e organização provê todas as oportunidades de reequilíbrio, de retificação das trajetórias desviadas. E aqui, Neiva, é uma das suas "oficinas de reparos", com sistema de departamentos. Foi a visão deste mundo que inspirou a obra de Dante Alighieri, a sua "Divina Comédia". O Homem moderno deveria reler Dante, pois dispõe de uma perspectiva mais ampla para entendê-lo.

- Quando voltar para a Terra, vou comprar esse livro! – disse Neiva, com simplicidade.

Tiãozinho continuou:

- Aqui existe uma divisão em vinte e um departamentos estanques, como se fossem mundos separados. Os espíritos que desencarnam na Terra passam pelas Casas Transitórias e, tão pronto completem seu tratamento, são encaminhados para cá. O departamento escolhido é de acordo com sua problemática. Geralmente ele vai encontrar e conviver com espíritos da mesma gradação, sem os benefícios da diversificação da Terra. Lá, ele aprendia, acumulava lições na liberdade da condição do encarnado. Se era maldoso, a bondade dos outros equilibrava suas ações. Aqui, sua situação muda, pois os espíritos têm as mesmas condições dele. Só assim ele irá sentir na própria carne as coisas que costumava fazer aos outros. Assim como um criminoso contumaz, que ao ser perseguido por outros criminosos sente todos os terrores do atentado à sua vida. Só assim ele se conscientiza, toma conhecimento do que é ser vítima, ser perseguido. Aqui, ele se lamenta porque percebe a oportunidade que perdeu, como encarnado. Faz, então, seu autojulgamento e sua autocondenação e, depois, na convivência áspera, no conflito equilibrado, ele evolui e muda de departamento, sempre no processo de ser colocado junto aos iguais. A organização é perfeita, nos mínimos detalhes. Há, por exemplo, um setor para onde vão as velhinhas intransigentes, essas matronas que não perdoam as travessuras dos mais jovens e acham que o mundo nada vale. Aqui, na convivência com outras velhinhas do mesmo tipo mental, elas se saturam daquela maneira de ser e compreendem seus erros.

- E, – perguntou Neiva – quem dirige tudo isso?

- Os próprios espíritos em provas, em hierarquias dos mais evoluídos. Ser um trabalhador aqui, Neiva, já é meio caminho andado para os outros mundos de Capela.

Stuart calou-se. Neiva reparou, então, que havia visto tudo aquilo que Tião explicava, mas que, na realidade, não havia saído do lugar. Compreendeu, então, o que Johnson Plata queria dizer quando se referiu à "luz dos seus olhos".

Assim terminou a primeira visita de Neiva, sua primeira lição sobre esse mundo de Capela. Depois disso, no decorrer de sua missão, ela manteve estreito contato com ele, sempre, porém, restrita ao âmbito de sua mediunidade.

AS RIQUEZAS DA TERRA

Terminada a lição de Neiva sobre o Umbral Capelino, ela, calada, pensava na complexidade da vida espiritual e lembrou-se, com certas saudades, da Terra, onde as coisas agora lhe pareciam bem mais simples. Na verdade, pensou, a Terra é muito preciosa, cheia de oportunidades. Lembrou-se de que, certa vez, Tião lhe dissera ser a Terra cheia de tesouros. Decerto, seria isso que ele queria dizer. Os três Capelinos, porém, leram seu pensamento, e Neiva distraída, apenas ouviu quando Johnson, dirigindo-se a Stuart, disse:

- Stuart, por que você não aproveita esta oportunidade para materializar sua chalana e levar Natachan para a Terra, para ela aproveitar melhor?

Tião concordou, conduziu Neiva para o interior da nave e partiu em direção à Terra. Neiva, acomodada no seu corpo etérico, nada sentiu além de ligeira tontura, logo se adaptando ao sistema. Permaneceu maravilhada, olhando a enorme janela transparente. Os astros e corpos celestes não apresentavam grande diferença de sua visão habitual na superfície, a não ser pela variação de luz e sombras. Subitamente, ela viu um risco de fogo que cruzava o céu, e pressentiu ser algo diferente. Parecia um foguete, e ela chamou a atenção de Tião.

- Veja, – exclamou – olhe, Tião, um foguete da Terra!

Tião se aproximou da janela e respondeu:

- Sim, Neiva, é um foguete da Terra que se dirige para a Lua.

- E ele chegará até lá?

- Sim, – disse ele, pensativo – o foguete chegará até lá, mas seu piloto vai morrer.

- Morrer, Tião? Meu Deus! E o espírito dele?

- Seu espírito, Neiva, seguirá seu destino, de acordo com seus merecimentos. Não se preocupe. Esse astronauta tem muitos méritos e receberá suas recompensas de acordo com eles. Esse fato tem acontecido mais do que vocês, na Terra, supõem. A conquista do espaço pelos seres físicos tem custado uma fortuna de sacrifícios e dispêndios materiais. Mas isso não é novo na história da Terra. Foi assim que o povo de Equitumans se perdeu. O Homem, cego pelo orgulho, julga que seus conhecimentos científicos lhe darão poderes divinos. Com isso, se lança a essas conquistas insanas e perde de vista os tesouros que o cercam, na Terra. Infelizmente, pela ciência material o Homem fará muito pouco. Ele se esquece de que Deus tem seus desígnios e que sua missão é a de se ajustar a esses planos divinos, e cada homem executar sua parcela deles. Aliás, Neiva, essa é a atitude fundamental que distingue os seres humanos entre si. Alguns procuram fazer a vontade de Deus, serem apenas executores de seus planos. Outros, apenas se preocupam com seus próprios planos, sua própria vontade. Os que reconhecem sua condição precária de partículas diferenciadas de Deus e a serviço de Sua vontade, esses são os médiuns, os intermediários entre Deus e o Universo. Para eles, Deus é inconcebível, e eles o vêem, apenas, na parcela da missão que executam, no que lhes é próximo. Esses são os puros de coração, os simples. Para esses, Deus existe realmente, embora pouco saibam sobre Ele. Os outros, os que pretendem executar tarefas de si mesmos, reduzem Deus às proporções de suas mentes, identificam-No consigo mesmos. Esse é o Deus feito à imagem e semelhança do Homem, é o Deus dos laboratórios, da hipertrofia do ego humano. Veja por você mesma, Neiva, como se fala tanto na grandiosidade do Homem, nas suas conquistas científicas e no futuro grandioso da espécie humana. E, entretanto, como essa realidade é diferente, como existem mazelas, injustiças sociais, guerras cruéis e como está vazia a alma humana! E pensar, Neiva, que o Homem tem tudo em si e em torno de si, no seu universo próprio, para a realização dos planos divinos. Vamos continuar, Neiva, e daqui a pouco vou lhe mostrar alguns pontos da Terra onde estão enterrados grandes tesouros da herança humana.

A chalana, invisível, saiu da influência de Capela e penetrou no etéreo da Terra, materializando-se na proporção em que se aproximava da superfície.

Neiva, indiferente aos processos, tinha olhos, apenas, para a paisagem da Terra, iluminada pelo Sol. Tião, naturalmente acostumado com o ângulo de visão que aquela altura proporcionava, ia identificando os pontos por onde passavam. Apontou para uma longa fita prateada que cortava uma superfície amarelada e informou-a ser o rio Nilo. A paisagem pareceu familiar a Neiva, e ela sentiu inexplicável aperto no coração. Sentiu que recordações nítidas lhe subiam à memória, e sua angústia aumentou. Sim, sim, ali ela vivera e fora uma rainha! Ali fora importante e realizara grandes coisas. Como sua situação, agora, era diferente! No Egito, fora poderosa, senhora de exércitos. E agora? Lembrou-se da UESB e da sua missão. Sim, agora ela era uma simples missionária do Cristo.

A chalana diminuiu a velocidade e Tião explicou porque estavam se demorando sobre aquele pedaço da Terra.

- Neiva, – disse ele – observe aquelas pirâmides. No seu interior estão encerrados preciosos ensinamentos, suja revelação poderia modificar toda a trajetória humana. Elas ocultam tesouros da sabedoria cósmica, representados por documentos, máquinas e provas vivas desse conhecimento. Além deste, existem mais três pontos da Terra em que essa herança está

guardada. Uma situa-se entre as ruínas do império incaico, o outro está no Brasil Central, e o quarto num ponto que ainda não pode ser revelado. Esses segredos virão à tona, mas creio que tarde demais para serem aproveitados pela humanidade atual.

- Mas, Tião, por que isso? Se, como você está dizendo, os homens poderiam modificar o destino da humanidade com os ensinamentos desses tesouros, com o que está encerrado nesses monumentos e ruínas, por que não são guiados a descobri-los?

- Muitos o foram, Neiva, muitos! Alguns acharam parte dessas verdades e a revelaram. Não foram, porém, acreditados. Outros tiveram que guardar os segredos para si. Esses não tiveram autorização para dar aos homens mais poderes, devido às condições espirituais em que se mantinham. Esses tesouros, Neiva, estão ocultos no interior desses monumentos, como o tesouro de Deus está oculto no coração dos homens. Eles não estão sendo descobertos, porque o fiel da balança pendeu para o outro lado, para a extroversão do ego, para a conquista do mundo sensorial. Em vez de mergulhar no fundo do seu próprio mundo interior, do seu Cristo interno, o Homem preferiu a conquista, aparentemente mais fácil, do mundo exterior de si mesmo. Foi isso que levou a humanidade a essa situação paradoxal. O Homem utiliza seus sentidos, sua capacidade física e seus poderes sobre a matéria para a conquista do cosmo, que é de outra natureza, mais sutil, mais vibrátil, e, com isso, se condena por antecipação. Sem dúvida alguma, muitos dos artefatos humanos atingem o alvo e transmitem informações. Mas elas são reduzidas pela própria limitação concepcional e passam a ser válidas apenas na Terra. Isso é que forma a ilusão cósmica humana. A própria palavra *cosmos* significa uma concepção ilusória do Universo. Veja no caso da Lua, Neiva. Prejulgando seus objetivos em termos de geologia, rochas, estratificações, irradiações e outras concepções da matéria, a Ciência está alheia a fatos, bem mais positivos, do equilíbrio sideral, das forças selênicas e das verdadeiras funções da Lua. Longe estão de “enxergar” os seres que habitam o pequeno mundo lunar. Entretanto, se usassem os instrumentos adequados da sua psique, e se harmonizassem com os planos de Deus, os homens poderiam não só conhecer a Lua, como outros planetas, estrelas e corpos celestes. Tais conhecimentos dimensionariam a alma humana até as proximidades do espírito, e trariam sabedoria. Se assim o fizessem, os homens poderiam não só conhecer, como colocar as coisas no seu devido lugar, no plano adequado. Saberiam, então, o que é útil para sua missão na Terra e o que não lhes competia interferir. Neiva, minha irmã, a Lua tem importantes funções, muito mais importantes do que os homens julgam. E, em relação à Terra. Essas funções estão em pleno funcionamento, e isso está completamente fora dos poderes do Homem, como espírito encarnado. Por isso, Neiva, a decantada conquista da Lua não passa de um gesto de temeridade, resultante da hipertrofia do pequeno ego humano. Se o Homem empregasse apenas parte desses esforços na descoberta e interpretação dos enigmas das ruínas incaicas ou egípcias, ele estaria muito mais aparelhado para levar a atual civilização a bom termo. Na Lua, Neiva, existem seres lunares, espíritos ocupando corpos de acordo com as condições da Lua, cuja função principal é controlar as gigantescas usinas de seu interior. São seres de tal natureza que sua simples proximidade de um ser humano causará sua desintegração! Você nem pode imaginar, Neiva, o trabalho que tem havido para que esses astronautas sobrevivam e retornem à Terra!

- Mas, Tião, por que isso? Não seria melhor que isso acontecesse e os homens desistissem dessa tolice?

- Não, Neiva, não seria melhor. Se houvesse mais desastres do que tem havido e encobertados, haveria pânico na Terra, e as coisas se precipitariam. Se as coisas têm acontecido nessas pesquisas, os desastres ocultos pelos poderes públicos fossem noticiados ou vistos pela humanidade, haveria temores prematuros que iriam modificar a psique humana antes do tempo. Não esqueça, Neiva, que a Terra ainda está incluída no Ciclo de Jesus, e os estímulos para a conscientização de cada homem ainda são aqueles preconizados por Ele. Logo mais, essa oportunidade terá passado e o Homem ficará à mercê das forças que desencadeou. A semeadura foi livre, a colheita será obrigatória. Mas, por algum tempo ainda, o Homem está protegido pela Lei do Perdão, do Amor e da Redenção. É importante que o Homem perceba, por si mesmo, as coisas. Na verdade, grande parte do trabalho dos Mestres é proteger os homens de seus próprios desmandos, para que não se destruam antes do tempo, antes que tenha despertado sua partícula crística, sua luz interior. Assim exige a didática divina.

Enquanto Tião fazia essa longa explicação, a chalana continuava seu caminho. Passavam sobre altas montanhas e o Capelino se apressou em explicar que eram os Andes. Ao longe, ele

mostrou a Neiva o oceano Pacífico. Quando se aproximaram de sua orla, Tião mostrou um enorme espelho de água em meio às montanhas.

- Ali, Neiva, – disse ele – ficam a Bolívia e o Peru. Aquele é o lago Titicaca, onde começou a civilização dos Incas. Vê aquelas ruínas? Ali também estão encerrados grandes segredos milenares.

A chalana invisível continuou adentrando o interior do continente, e pairou sobre enorme floresta, cortada de rios.

- Aquele, Neiva, é o rio Araguaia, bem no coração de seu país. Nessa região é que estão ocultos os tesouros dos Equitumans, um povo que existiu há milhares de anos, e que deu origem a quase todos os povos que habitaram este pedaço da Terra, há milênios atrás.

A chalana acelerou e se dirigiu para o Norte. Pouco depois, estava sobre o Pólo, e Neiva ficou admirando aquelas enormes montanhas de gelo. Subitamente, ela soltou uma exclamação, chamando a atenção de Tião, que lidava com a chalana.

- Veja, Tião, – exclamou – um disco voador!

- Sim, Neiva, aquele é um aparelho voador que pertence a um povo que vive debaixo do gelo. Você o está vendo com nitidez porque estamos em estado etérico; mas não se esqueça que ele é invisível para os olhos físicos. É verdade, Neiva, também sob essas rochas existem imensos tesouros que virão à tona pelo derretimento do gelo. Embaixo dessa imensidão gelada existe uma grande civilização em estado etérico. Ali vibram corações tão amargurados como na região umbralina de Capela. Ali vivem, também, os **homens-peixes**, cuja principal obsessão é derreter o gelo e inundar a Terra.

- Derreter o gelo? – estranhou Neiva.

- Sim, Neiva, esses seres vivem no fundo dos mares polares e são dotados de inteligência quase humana. Oportunamente, dar-lhe-emos notícias mais pormenorizadas sobre eles. Agora, vou levá-la de volta ao seu lar, pois o tempo já está quase esgotado.

A chalana encaminhou-se novamente para o Planalto Central do Brasil, enquanto Neiva meditava sobre todas aquelas coisas estranhas que vira.

Ao passarem sobre Brasília, Neiva teve sua atenção espertada por uma nuvem escura que se movia em direção ao conjunto central de edifícios. Notou que não se tratava de uma nuvem comum, e interpelou Tião a respeito. Ele veio para perto da janela e disse que já estava a par do fato.

- São os Falcões, – disse ele – uma das falanges do Vale das Sombras.

- E o que eles estão fazendo? – perguntou ela.

- Como é de seu hábito, estão fazendo uma investida em massa contra o centro político e administrativo do seu país. Observe bem, Neiva, porque, daqui a pouco, eles entrarão em choque com as defesas. Creio que haverá verdadeira batalha.

Neiva viu, então, uma outra nuvem, mais clara, que se aproximava dos Falcões e olhou interrogativamente para Tião.

- Aqueles são os Espíritos das Correntes Brancas, comandados pelos orixás. Volte para seu corpo, pois vão precisar de você no seu plano,

Neiva despediu-se dele com um “Salve Deus!”, fechou os olhos e despertou no seu corpo. Permaneceu sentada alguns minutos e procurou coordenar as idéias que lhe afloravam na mente. Só então notou dois companheiros de trabalhos da UESB, que pareciam estar ali há muito tempo. Teve ligeiro alarme, mas logo se convenceu de que nada de anormal acontecera. Ao vê-la desperta, eles se aproximaram sorrindo, e ela ficou sabendo que estivera dormindo apenas por meia hora. Sem saber o que fazer, e receosos de acordá-la, eles haviam ficado de vigília, por ordem de Mãe Nenen.

Os três se encaminharam para a cabana que servia de sala das consultas, e Mãe Nenen chegou, apressada.

- Alguma novidade, Neiva? – foi logo perguntando.

- Não, Mãe Nenen, apenas tive um transporte. Sabe, Mãe Nenen, acho que vamos ter novidades nesses dias. Vi uma batalha em cima do Palácio do Governo, entre Falcões e Cavaleiros de Oxossi. A coisa aqui em baixo vai ficar preta!...

O VELHO LINO

Ninguém sabia seu nome completo até o dia em que foi necessário verificar seus papéis para seu enterro. Conheciam-no, apenas, como o Velho Lino.

Ele chegara à UESB por seus próprios meios, mas tão doente que foi logo encaminhado para o modesto "hospital". O diagnóstico foi de cirrose hepática, sem possibilidade de recuperação. Assim mesmo, durou alguns meses e, durante todo esse tempo, Neiva cuidou dele com carinho e afeição.

Na sua clarividência, ela ia vendo seus quadros e os relatava a ele.

Seu corpo era todo inchado pela perniciosa moléstia e sua pele tinha um tom esverdeado, que causava repugnância. Isso tudo era agravado pela sua boca desdentada. Mas o Velho Lino quase não se queixava. Dia a dia, ele ia morrendo com a tranqüilidade dos que se acham "em casa". Entre ele e Neiva havia amizade e respeito. Os dois tinham longas palestras, que ninguém entendia.

Alguns meses depois de sua morte, Neiva sentiu saudades dele. Só então se dera conta da sua solidão, em meio à multidão que viva. Afinal, o Velho Lino tinha sido um bom companheiro, na visão dos caminhos que conheciam pouco.

Lembrou-se, então, de seus transportes, e pensou que, talvez, tivesse oportunidade de saber notícias dele. Com essa idéia em mente, encaminhou-se para sua plataforma de contato, e lá sentou-se à espera.

Sua concentração foi tão natural e imperceptível que até se assustou um pouco quando ouviu a voz familiar de Johnson Plata a lhe dizer "Salve Deus!". Eris estava com ele.

Já fora do corpo, ela respondeu, e Johnson foi logo dizendo:

- Vamos, Natachan, vamos que está na hora de encontrar o Velho Lino!

Ela ficou meio encabulada, talvez devido à maneira de como que eles conheciam seus pensamentos, e sentiu certa relutância em aceitar o convite. Ao ouvir o nome do Velho Lino ser mencionado por Johnson, com seu ar nobre e saudável, perdeu parte do seu entusiasmo. Na sua mente passaram quadros dos últimos dias de sua vida e do cadáver inchado daquele velho de setenta anos. Mas, imediatamente, sentiu vergonha de seus pensamentos, e seguiu-o, sem mais comentários.

A chalana pousou suavemente numa espécie de plataforma iluminada.

Saíram da nave e se encaminharam por um longo corredor, que terminou num parque iluminado pelo luar. No meio do terreno, tapeçado de uma erva que reverberava à luz da Lua, e pontilhado de árvores simétricas, erguia-se enorme edifício, que se alongava para os fundos do parque. Ela ficou olhando aquelas árvores, que sempre lhe chamavam a atenção pela simetria.

Para ela, que gostava das flores artificiais da Terra, elas pareciam ser de plástico colorido. Reparou, também, que, em todas elas, estavam dependurados medalhões, com inscrições que ela não distinguia. Estranha música pairava no ar, mas Neiva não tinha muita certeza de que se tratasse de música. Parecia mais um som agradável, um zumbido modulado. Johnson falou:

- Aqui, Natachan, é um hospital de recuperação da Casa Transitória e, também, o ponto de partida para Capela.

Apontou um lado para o qual Neiva ainda não olhara, e ela viu várias naves de grande porte, que se pareciam muito com os zepelins (dirigíveis) da Terra, só que tinham enormes janelas, cuja luz amarelada se destacava na luz branca do luar.

Chegaram ao saguão do enorme edifício, e Neiva se preparou para o choque. Sentia saudades e um certo receio. Ficou olhando as pessoas que se movimentavam nos seus afazeres e, momentaneamente se viu sozinha. Johnson e Eris conversavam com alguém, junto a um balcão. Nisso, ouviu seu nome sendo chamado pela voz do Velho Lino. Levantou os olhos, receosa, e viu, diante de si, um homem que aparentava uns quarenta anos, cujo sorriso amplo revelava dentes alvos e perfeitos. Trajava roupas semelhantes às dos Capelinos, e tinha um ar saudável e desenvolto. Ela custou a acreditar que estava diante do Velho Lino!

Daquele pobre velho, inchado e desdentado, só restava o ar de serenidade e segurança que caracterizavam seu espírito evoluído. Ele estendeu a mão, sempre sorrindo, e, olhando-a com ar carinhoso, falou:

- Neiva, que satisfação em vê-la! Queria muito lhe agradecer o tanto que fez por mim, até meu desencarne! Tudo que sou, devo a você e à UESB. Mas, principalmente a você, que me amparou com seu amor e seu carinho. Graças a Deus!

Neiva estava tão emocionada que não conseguia falar. Sentia as lágrimas descerem pelo seu rosto e procurou, como fazia na Terra, um lenço para disfarçar.

A diferença que se operara em Lino era fantástica. Há apenas alguns meses, ele deixara um corpo esverdeado pela infecção, como um fruto apodrecido, um ser humano sofrido e pobre. A figura que tinha, agora, diante de si, era a de um homem em plena forma e com a tranqüilidade de um ser humano realizado.

Pelo seu espírito passaram as mais variadas implicações, comparações, lembranças, doutrinas e tudo o que aprendera. Quantas conclusões, quantas provas da multiplicidade do espírito, da veiculação variada, de corpos e personalidades ocupados por um mesmo espírito!

E o que pensar da fabulosa capacidade moldadora, na maleabilidade da matéria nos planos fora do físico? Ali na figura esbelta de Lino, estava a prova viva de cada uma daquelas assertivas. Enquanto refletia, ia ouvindo os comentários de Lino, que lhe contava, com sobriedade, o que acontecera desde que chegara, trazido pelos Médicos do Espaço.

Enquanto ouvia, percebeu que aumentara muito a movimentação de gente em torno do edifício, e sentiu certa curiosidade pelo que estaria acontecendo. Lino apressou-se em explicar que aquele povo todo estava de partida para Capela, inclusive ele.

Neiva compreendeu a razão da presença de todas aquelas naves. Viu que todas tinham grandes comportas, por cujas rampas pessoas iam e vinham. Era o embarque em andamento, como em qualquer aeroporto da Terra. Lino continuou falando e pedindo notícias do pessoal da UESB, mas os sentidos de Neiva estavam alertas para alguma coisa que pairava no ar, uma estranha expectativa. Notando seu estado, Lino apressou-se a lhe explicar que a curiosidade era em torno da espera de uma pessoa que estava chegando da Terra e que iria para Capela na mesma frota que ele. Tratava-se de um político do Brasil, muito conhecido, e cuja influência fora muito grande nos destinos desse país, pois fora um ditador.

Daí a pouco, chegou um pequeno veículo e pousou bem junto ao edifício. Dele saíram homens com roupas semelhantes à de enfermeiros. Levavam uma espécie de maca, e Neiva, do ponto onde se achava, distinguiu claramente as feições transtornadas do homem ali deitado. Subitamente, a palavra “ditador” calou na sua mente e ela deu um grito.

- Mas, seu Lino, – exclamou – esse homem morreu há muitos anos e só agora está chegando aqui?

- Sim, Neiva, de fato ele morreu há alguns anos, mas não conseguiu se desligar dos seus compromissos cármicos, e permaneceu na Terra, ligado aos seus interesses. Por muito tempo, continuou entrosado com seus correligionários e ao magnetismo das mentes dos que o odiavam e dos que o amavam. Ultimamente, porém, ele estava se imiscuindo com a falange dos Falcões, e os Mentores Espirituais acharam por bem retirá-lo de circulação, para que não se atrasasse. Era um homem honesto que se deixara influenciar pelo orgulho e pela desonestidade de muitos de seus adeptos.

As recordações de Neiva em torno do antigo ditador, cujo domínio do país fora exercido, inclusive, nos tempos em que ela era uma viúva jovem e lutando pela vida, misturaram-se com o quadro que acabara de presenciar, e ela sentiu certo desequilíbrio.

Johnson se aproximou e convidou-a, gentilmente, a se reequilibrar. Ela, um pouco envergonhada pelo lapso momentâneo, retomou sua compostura habitual. Johnson fez alguns comentários em torno da viagem, e Neiva notou que alguns dos veículos já haviam recolhido as rampas de embarque. Viu, nas suas janelas iluminadas, as sombras dos passageiros, e Johnson comentou que eram espíritos que haviam terminado sua recuperação na Casa Transitória e estavam indo para Capela. A aparência, entretanto, era igual à de uma plataforma de trens, na Terra, com sua balbúrdia. “Assim na Terra como no Céu!...” – pensou ela.

Nisso, Lino apresentou suas despedidas, e Neiva notou que ele estava muito alegre com a partida. Mais uma vez agradeceu tudo o que ela fizera por ele:

- Deus lhe pague, Neiva, por tudo. Creio que vai ser difícil a gente se encontrar nesse mundão para onde vou.

Ela sentiu um aperto no coração, e acenou para ele, que se encaminhava para uma das naves.

Uma a uma, as naves foram decolando silenciosas e, aos poucos, o terreno foi ficando vazio. Johnson pediu-lhe que aguardasse um pouco, pois tinha alguns assuntos a tratar ali. Neiva ficou pensando naquilo tudo, olhando a movimentação, agora bem menor. Mas, a tranqüilidade não durou muito. Outras naves, semelhantes às que haviam partido, foram chegando. Só que, desta vez, se procedia a um desembarque. Neiva viu que delas saíam espíritos nas piores condições, amparados por enfermeiros e médicos espirituais. Eram os "mortinhos", como ela costumava dizer. Tomada de piedade, exclamou:

- Pobrezinhos!

- Pobrezinhos, por que? – perguntou Johnson Plata, se aproximando – Essa leva de espíritos que está chegando resulta de um desencarne coletivo que acaba de se fazer na Terra. São espíritos terríveis, Neiva, mas que pagaram boa parte de suas dívidas, contraídas na antiga Roma. Todos eles foram colaboradores em torturas e queima de pessoas daquele tempo. Agora, acabam de desencarnar no incêndio de um circo, no Brasil. Na verdade, só agora é que vão, realmente, se recuperar totalmente dos carmas contraídos, naquele tempo, em Roma. Ainda há muitos deles na Terra, mas, até 1984, todos estarão neste plano.

Johnson continuou dando explicações, enquanto olhavam o desembarque. Neiva, sorrindo, pediu-lhe que, agora, tivesse cuidado com tanta informação, pois sua cabeça era muito pequena.

Ele também sorriu, e disse-lhe que era teria que absorver muitos fatos para o exercício de sua missão na Terra.

- Entre elas, Natachan, você irá agora receber as iniciações de um Mestre do Tibete, que Seta Branca conseguiu. Você irá aprender a Alta Magia no próprio Tibete!

Neiva recebeu a informação e indagou de Johnson como é que ela, uma missionária, iria trabalhar com um "mortinho".

- Não, – disse Johnson, sorrindo – não se trata de um "mortinho", mas sim de alguém do seu próprio plano e adequado à sua altura evolutiva, pois se trata de um monge altamente evoluído. Mas, porque essa sua intransigência com os que você chama de "mortinhos"? Não será isso influência do catolicismo, que proíbe a invocação dos mortos?

Ela não fez comentários, e ele continuou:

- É preciso a gente se lembrar de que não existem "mortos", mas, apenas, recém-chegados a um plano ou outro. Num ponto, talvez, os católicos estejam certos, pois os que aqui chegam têm muito em que se concentrar e a invocação da Terra os prejudica.

Pouco depois, todos estavam no interior da chalana, que decolou, silenciosa, em direção à Terra. Neiva permaneceu absorta, pensando em tudo o que vira e ouvira. Despertou ouvindo um comentário de Eris em torno do Xingu. Para ela, pareceu que, naquele momento, estavam passando por sobre essa região do centro do país.

- Ali – dizia Eris – estão os verdadeiros missionários de Deus!...

Ela não entendeu bem o que ele queria dizer com aquilo, mas deixou para se informar em outra oportunidade. Afinal, ela já tinha um bocado de informações para catalogar em sua pequena cabeça!

Eles se despediram com um caloroso "Salve Deus!", e Neiva sentiu frio, pois começava a cair uma chuva fina. Johnson continuou em sintonia, pela sua vidência, e recomendou que ela tomasse um medicamento para a febre e que fosse logo para casa, se abrigar da chuva. Ouvindo isso, ele disse, meio agastada:

- Por que, agora, essa preocupação? Se meu corpo estava aqui, na chuva, de que adiantam esses cuidados agora?

- Não, Natachan! – respondeu Johnson – Enquanto seu espírito estava conosco, seu corpo estava protegido pelos nossos médicos e não corria perigo algum. Pode estar certa disso! Agora, porém, você está entregue às leis do mundo físico e de sua faixa cármica. Vá se cuidar!

E sempre sorrindo, desapareceu do campo de sua vidência.

MIGRAÇÕES INTERPLANETÁRIAS

O encontro de Neiva com Lino foi um marco de consolidação no seu aprendizado. A partir desse dia, sentiu-se mais segura no que fazia e teve uma idéia mais nítida a respeito dos planos

vividos e percorridos. Também passou, a partir daí, a estabelecer, na sua mente, a ligação entre as coisas que via e ouvia e os acontecimentos na Terra.

Naqueles dias, o assunto predominante entre seus consulentes era a situação política do Brasil. Dia a dia aumentava o número de políticos e administradores públicos que a procuravam, inquietos. Conversou a esse respeito com Johnson Plata, e ele levou-a a observar a concentração de Falcões sobre a Praça dos Três Poderes. Ela já tinha uma idéia do problema, pois vira a nuvem escura naquela viagem de retorno que fizera com Tiãozinho. Desta vez, Johnson entrou em maiores detalhes da luta e lhe deu instruções sobre a maneira de se haver com os políticos que a procuravam. Com isso, ela passou a fazer advertências sobre os perigos que resultariam na queda da administração federal. Estávamos nos últimos meses de 1963, e a agitação era muito grande. Na verdade, todos procuravam se acautelar e defender suas posições. A complicação, porém, era muita, e, para a visão de Neiva, mais parecia a boca de cena para os reajustes, os atos finais de um drama transcendental. Essa visão não lhe tirava, entretanto, o dissabor que essas consultas representavam. O ponto alto de sua missão era, justamente, sua capacidade de amar indistintamente as pessoas, e doía seu coração quando aqueles homens públicos se despiam de sua arrogância, pedindo-lhe orientação.

Sempre que ela começava a ser muito envolvida e a se penalizar demais, Johnson a levava para os planos sutis e lhe mostrava o quadro transcendente de cada um. Aos poucos, ela foi compreendendo o mecanismo da Lei Cármica, na sua ligação entre o passado remoto e o presente e a relação existente entre a política do Céu e a política da Terra, ambas trabalhando em consonância. Na verdade, os dirigentes terrestres são sempre bem assistidos e agem na tônica vibratória do momento em que governam. Neiva compreendeu, então, o provérbio de que “cada povo tem o governo que merece...”

Foi aí que ela começou a penetrar nas origens mais remotas dos conflitos civilizatórios e a tomar contato com as forças das primitivas tribos que povoaram esta parte do planeta. O retrocesso no tempo e a penetração na pré-história das Américas constituiu, para Neiva, e constitui para nós, a mais fascinante aventura espiritual.

Referindo-se a essa época, diz ela:

“Na revolução de 64, fui obrigada a penetrar em tremendos quadros siderais, para ter melhores condições de esclarecer aquela gente.

Certa madrugada, fui acordada por um grupo de pessoas, todas da mesma família, que se achavam na maior aflição. Vinham pedir socorro para o chefe da casa, pessoa de alta posição social, e cuja situação se tornara, de um momento para outro, extremamente grave. Por isso me procuravam, na calada da noite, temerosos de represálias.

Mobilizei, de imediato, as minhas forças , e procurei logo aliviar aquelas mentes angustiadas mediante o processo de ionização. Depois de ouvi-los, despachei-os, prometendo fazer algo por eles e pelo seu chefe, mergulhando a fundo no problema. Logo compreendi que se tratava de um grande reajuste, de caráter nacional e político, em meio a um grupo em desenvolvimento para a Nova Era, espíritos em transição. Vendo os quadros terríveis daqueles espíritos, compreendi quão difícil é a evolução do Homem.

Estava, assim, mergulhada no mundo espiritual, com a cabeça quente de tanta complicação, quando senti a presença de um velho amigo de Capela, a quem eu chamava Amanto, cujo sorriso amplo e cordial me tirou daquela angústia. Mais tarde, vim a saber que Amanto significava “professor” e que eles, na sua humildade, preferiam ser chamados assim, evitando dar o nome.

Demonstrando compreender o que se passava, ele me convidou para acompanhá-lo e, diante do meu consentimento, de pronto nos achamos em sua chalana.

Num tempo, que me pareceu ser de poucos minutos, achamo-nos nas margens do lago Titicaca, cujas águas tinham a cor cinzenta da madrugada fria.

Abrindo os braços, num gesto que parecia abarcar todo o Universo, Amanto me disse:

- Eis aqui, Neiva, o berço e o túmulo de uma grande civilização. Aqui foram jogadas duas grandes tribos: os Incas e os Índios. Os Índios aqui neste lado, nesta margem do lago, e os Incas do outro lado desta cordilheira.

- Mas, Amanto, – objetou Neiva – você disse que estas tribos foram jogadas? Não entendi bem isso!

- Sim, Neiva, elas foram virtualmente jogadas, num perfeito planejamento civilizatório desta parte do planeta.

- Se foram assim "jogadas", Amanto, isso quer dizer que foram trazidas, não é verdade? Nesse caso, elas foram trazidas de onde?

- De Capela, Neiva, de onde vêm todos os habitantes da Terra.

- Todos? Amanto, quer dizer que nós, que povoamos a Terra, somos todos oriundos de Capela?

- Claro, minha filha. Já lhe foi dito que Capela é o princípio e o fim do Homem na Terra. Aqui só encarnam e reencarnam espíritos vindos de lá, também chamado Nicho de Deus. O meu planeta é o responsável pelo Homem na Terra. A Terra só responde pelos seus atos e os espíritos que aqui chegam vão e voltam tantas vezes quanto for preciso."

Neiva, no seu confortável corpo etérico, permaneceu olhando as águas calmas do Titicaca, cujas margens se perdiam de vista. Na sua cabeça fervilhavam perguntas, mas ela não conseguia formulá-las convenientemente. Amanto, também olhando o lago, demonstrava calma e compreensão. Segurando a mão de Neiva, ele disse:

- Neiva, use a luz dos seus olhos e preste atenção nestas águas.

Ela se concentrou e mergulhou sua visão espiritual no lençol líquido. Logo, começou a perceber formas estranhas de casas, máquinas e corpos físicos que se misturavam na imobilidade da morte. A imagem comparativa mais próxima da sua memória, que lhe surgiu, foi a das ruínas de Pompéia, das quais já havia visto gravuras e relatos. Os corpos ressequidos mal se distinguiam do lodo sedimentar, mas pareceu a ela serem homens e mulheres enormes. Nisso, ouviu a voz de Amanto, que dizia:

- Preste atenção, Neiva, pois o que você está vendo é o testemunho físico de um drama sideral, da falência de uma civilização que foi promissora na evolução da Terra. Você está vendo o túmulo dos Equitumans, construído com água e terra pela Estrela Candente!

Neiva custou a despregar os olhos daquela triste visão e, no seu espírito, havia uma interrogação apenas: o porquê daquilo tudo. Amanto conduziu-a de volta à chalana, e a fez acomodar-se diante de uma tela, uma espécie de visor. Ligou alguns botões e, com sua voz amiga, foi relatando e mostrando a ela a estória dos Equitumans.

- Esses espíritos, Neiva, foram preparados em Capela, durante muito tempo. Neles foi destilado, dia a dia, o anseio evolutivo, o desejo de realização, e despertada a vontade de colaboração na obra de Deus. Eles aprenderam a história da Terra, seu papel no conjunto planetário, e se prepararam para o estabelecimento de uma nova civilização neste planeta. A idade física da Terra se contava em termos de bilhões de anos, e muita coisa já havia acontecido antes. Isso, porém, não era de seu domínio mental, pois assim o exigia a didática divina. Só é dado ao Homem saber aquilo que é necessário a cada etapa de sua trajetória. O impulso criativo e realizador reside exatamente no terreno entre o conhecido e o desconhecido de cada ser. Assim estavam esses espíritos quando vieram para a Terra. Isso aconteceu 32 mil anos atrás, 30 mil anos antes da vinda do Cristo Jesus.

- Quer dizer, Amanto, que sua vinda foi assim, planejada como um grupo de colonizadores, semelhante ao que acontece na Terra em nossa época?

- Sim, Neiva, mais ou menos assim. Os Mestres haviam preparado o terreno, em várias partes do globo. Mediante ações impossíveis de lhe serem descritas, foram alijados da superfície certas espécies de animais, e outras foram criadas. Os climas e os regimes atmosféricos foram contrabalançados e o cenário estava preparado. Eles foram trazidos em frotas de astronaves e distribuídos pelo planeta, em sete pontos diferentes. Esta região foi um dos pontos de desembarque. Os outros foram onde hoje é o Iraque, o Alasca, a Mongólia, o Egito e a África. Esses locais servem, apenas, como referência, pois, na verdade, eles tinham o domínio de grandes áreas.

- Mas, eles eram assim tão numerosos? – perguntou Neiva.

- Não, não eram. O que eles tinham era o enorme poder de locomoção e de domínio sobre os habitantes de cada região. Seu principal poder residia na sua imortalidade, nas suas máquinas e na sua tecnologia.

- Imortalidade?

- Sim, Neiva, eles eram imortais, ou melhor, quase imortais. Eles não tinham a mesma organização molecular dos seres que aqui já se encontravam. Seus corpos tinham sido preparados em Capela, e traziam dentro de si dispositivos naturais de sobrevivência. Eles só corriam o perigo de afogamento ou destruição física. Seus maiores inimigos eram os grandes animais e os acidentes.

- Mas, – perguntou Neiva – e sua fisiologia? Eles eram iguais a nós em outros pontos? Eles comiam, bebiam, falavam e se reproduziam?

- Sim, filha, eles eram normais em tudo. Sua língua, no princípio, era a mesma, mas, aos poucos, ela foi se diferenciando, conforme os grupos com que foram convivendo. Em algumas regiões da Terra, ainda se fala a línguas original dos Equitumans, inclusive em algumas tribos de índios brasileiros. Mas, além da linguagem articulada, eles usavam a telepatia entre si. Isso, aliás, foi que causou a degenerescência da língua inicial. Para se entender com os outros, eles adaptavam sua linguagem ao meio.

- É, Amanto, continuo com certa dificuldade de absorver essa idéia de imortalidade. Se eles comiam, bebiam, respiravam, como é que podiam se livrar das infecções e das doenças? Eles não envelheciam?

- Sim, Neiva, eles envelheciam, se tornavam mais velhos pela passagem do tempo, mas sem degenerescência. Suas células traziam em si princípios diferentes das células dos seres comuns. Na verdade, os mais velhos eram, apenas, mais experientes, mais adaptados às tarefas. Eles amadureciam na sua alma, mas não no seu corpo. Eles contavam, ainda, na conservação de seus corpos, com a assistência dos Mestres, com quem mantinham contatos permanentes. Às vezes, acontecia de um Equituman não evoluir de acordo com a tarefa e ceder seu corpo a outro, que sofrera um acidente. Nesse caso, o espírito do cedente, simplesmente, era recolhido ao planeta de origem. Mas, o importante, Neiva, é o que se passava na questão da reprodução. Em Capela, eles eram organizados em casais afins, almas gêmeas, e não havia reprodução como aqui na Terra. Creio que o sistema de Capela está um pouco fora da compreensão dos terráqueos. É melhor não tentar explicar, dada a tendência que vocês têm ao antropomorfismo. Mas, aqui, eles foram submetidos ao processo sexual normal e tiveram filhos. Só que seus filhos nasciam com um organismo comum, igual ao dos mortais. Assim, foram nascendo outros Equitumans mais preparados para a Terra, bem como iam se desenvolvendo. Suas mentes ágeis permitiam a constituição de organismos adaptados às regiões onde nasciam. Daí os tipos diferenciados, que deram origem às raças modernas, como contam, precariamente, seus historiadores e antropólogos. O principal estímulo dos Equitumans era o seu livre arbítrio. Eles eram pequenos deuses a quem estava entregue a tarefa de civilizar um planeta, e dispunham de ampla liberdade para isso. Seu único compromisso era observar os propósitos civilizatórios aprendidos nas escolas de Capela. A idéia fundamental era o estabelecimento de condições ecológicas que permitissem a vinda de novos imigrantes. Famílias espirituais inteiras sonhavam com a oportunidade de colonizar a Terra, colaborar na obra de Deus. Mas, se eles dispunham das grandes vantagens de seres extraterrenos, eles tinham as desvantagens do terráqueo na sua animalidade física. Cedo se manifestou a velha luta entre suas almas e seus espíritos.

- E eles tinham religião?

- Tinham o que nós podemos chamar de um conjunto doutrinário, cujas coordenadas eram formadas pela hierarquia planetária, cujo centro era o Sol. Com isso, eles não tinham preocupação com a busca de Deus, pois tinham um universo amplo e objetivo o suficiente dimensionados para não necessitar a busca de uma finalidade. Mais tarde, no declínio de sua sintonia com os planos iniciais, essa doutrina derivou na religião do Sol. Se os historiadores quiserem traçar o percurso dos Equitumans na Terra, basta catalogarem as regiões e os povos que adoravam o Sol. Durante mil anos, os planos seguiram a trajetória prevista. Os núcleos foram se expandindo, e muitas maravilhas foram se concretizando na Terra. Basta que se observem alguns resíduos monumentais na superfície para se ter idéia. Verdade é que essas ruínas são de difícil interpretação pelo Homem atual. Uma coisa, porém, elas evidenciam: as ciências e as artes que permitiram sua elaboração estiveram fora do alcance do Homem atual. Até hoje os cientistas não conseguiram explicar, por exemplo, o porquê e como foram feitas as estátuas da Ilha de Páscoa ou as pirâmides. A partir de agora, uma parte desses mistérios será desvendada. Dois fatos contribuirão para isso: a curiosidade científica despertada para fatos estranhos e as convulsões que a Terra irá sofrer. Os Equitumans se comunicavam de várias maneiras. Dispunham de forças

psíquicas e aparelhos que lhes permitiam a troca de experiências. Isso explica, em parte, as semelhanças arqueológicas que estão sendo encontradas, em lugares distantes e, aparentemente, sem possibilidades, naquele tempo, de comunicação entre si. Também viajaram entre planetas, e chegaram não só à Lua, como a Marte e outros lugares do nosso sistema. Essas viagens, porém, só foram feitas no segundo milênio, com o começo da hipertrofia dos seus egos, à semelhança do que está acontecendo agora. A partir do segundo milênio, isto é, há 31 mil anos, eles começaram a se distanciar de seus Mestres e dos planos originais. Seguros na sua imortalidade e intoxicados pela volúpia de encarnados, eles deixaram dominar pela sede do poder. Depois de muitas advertências, seus Mestres tiveram que agir. Ao findar o segundo milênio de sua vida, eles foram eliminados da face da Terra. Como isso se passou será de difícil compreensão para vocês. Foi uma nave gigantesca, denominada Estrela Candente, que percorreu os céus da Terra, executando a sentença divina. Em cada um dos núcleos Equitumans, a Terra se abriu e eles foram absorvidos, triturados e desintegrados.

Neiva, fascinada, ouvia a narrativa. e seus olhos se voltaram de novo para o Titicaca. Agora, compreendia o que vira com seus olhos espirituais. Aqueles corpos, aquelas máquinas, eram dos Equitumans!

- Sim, Neiva, – prosseguiu Amanto – aqui é o túmulo deles e, como esse, existem outros túmulos. Agora, com o próximo degelo dos pólos, muita coisa virá para a luz do Sol.

- Mas, e aí? – perguntou Neiva – Quer dizer que o plano falhou? E o que foi feito desses espíritos?

- Não, Neiva, o plano não falhou. Apenas não se cumpriu em toda a plenitude. Muita coisa foi feita que permitiu a evolução da Terra. Já os grandes animais haviam sido eliminados, tornando habitáveis as principais porções de terra. Os princípios da tecnologia e as sementes da vida social formavam um lastro imperecível na mente de muitos habitantes. O padrão espiritual então existente foi permitindo a materialização da natureza, e tudo se foi modificando. Os imortais Equitumans foram se transformando em lendas e deuses, e o Homem foi construindo suas cidades e suas religiões. A partir daí, os grandes missionários começaram a vir à Terra, e os Equitumans, recolhidos no planeta-mãe, começaram a reencarnar nos descendentes de seus antigos corpos. Aí, então, teve início outro tipo de luta: alguns desses espíritos, saudosos de seu antigo poder, começaram a se organizar no etérico da Terra, formando falanges. Os antigos poderes psíquicos foram sendo sedimentados em manipulações mediúnicas e os dois planos – o físico e o etérico – intensificaram seu intercâmbio. Um grande missionário, que hoje, para nós, se chama Seta Branca, o responsável pela Estrela Candente, reuniu os remanescentes mais puros e os dividiu em sete tribos, que foram distribuídas nos antigos pontos focais dos Equitumans. A eles coube recomeçar a tarefa interrompida. Cada tribo compunha-se de mil espíritos. Foi aí que foram criadas as hierarquias dos Orixás, os grandes chefes, que tinham a virtude de se comunicar com os Mestres. Essa palavra afro-brasileira é muito adequada, pois quer dizer exatamente "divindade intermediária entre os crentes e a suprema divindade". Cada Orixá tinha, a seu serviço, outros sete Orixás de menor grau, e estes, por sua vez, também o tinham. Daí para cá, essa linguagem se firmou no plano espiritual, pois corresponde à organização septenária das falanges. O processo civilizatório dos descendentes dos Equitumans se foi realizando nos milênios subsequentes. Cada Orixá deu características especiais ao processo de sua tribo, mas conservava os princípios básicos. Daí as semelhanças entre religiões de povos antípodas, principalmente no culto ao Sol. Duas dessas tribos deixaram caracteres mais marcantes: os que, mais tarde, chamaram-se **Incas**, e os posteriormente conhecidos como **Hititas**. Outra tribo que, também, teve muita importância nos acontecimentos, foi a dos **Índios**, cujo núcleo foi iniciado aqui, nas margens deste lago. Cedo, eles adentraram para Leste, em direção ao Atlântico, e para o Norte, na rota do Amazonas.

- Mas, Amanto, ao que parece, essa tribo de que você está falando, não teve grande projeção. A gente nunca ouviu falar de civilização aqui, no Brasil, e quando os portugueses chegaram, aqui só havia mesmo índios em estado primitivo. Como se explica isso?

- Neiva, é preciso lembrar que estamos falando de um longo período de tempo da Terra, em termo de centenas de séculos! Sim, Neiva, aqui houve e floresceram grandes acontecimentos civilizatórios. Só que, desde muito cedo, esta região, principalmente o território que veio a constituir o Brasil, ficou sendo a reserva espiritual do futuro. Todas as precauções foram tomadas para que aqui se desenvolvessem certas características espirituais, que permitissem o recomeço de novos ciclos. Digamos que a América Ocidental, particularmente o Brasil, tenha sido considerado o

celeiro do futuro. Aqui, Neiva, tem sido o berço de grandiosas missões, e as relações de seus habitantes com os Mestres têm sido muito intensas.

- Mas, Amanto, como é que isso passou desapercebido, não tendo sido registrado?

- Neiva, toda elaboração espiritual exige silêncio e recolhimento. Enquanto outros povos se lançavam à conquista do mundo físico, na busca do poderio material, domínio de seus vizinhos, lances heróicos e construções monumentais, as tribos desta região se aconchegavam na floresta amena, nas facilidades do clima suave e abundância da natureza. Por isso, digamos que tudo aqui permaneceu propositadamente oculto, ou melhor, quase tudo... Mas foi isso, Neiva, que permitiu o florescimento atual. Repare como tudo, na civilização brasileira, tem algo diferente. Veja como é marcante a capacidade do seu povo em absorver os que vêm de fora, sem hostilidade, e como o estrangeiro se adapta depressa. Repare na religiosidade natural, sem a rigidez dogmática. Repare na ausência de conflitos bélicos mais contundentes e repare, também, na vivacidade natural do seu povo. Repare em tudo isso, Neiva, e você irá compreender o que aqui se passa e se passou. Mesmo atualmente, minha filha, muita coisa está acontecendo que ninguém, ou quase ninguém, sabe. Na intimidade do território do Brasil, tribos inteiras mantêm contatos com os Mestres Capelinos, e grandes missionários trabalham em consonância com os planos de Capela.

- Trabalham em que sentido?

- Na manipulação das energias mediúnicas, em favor das populações do Brasil. Grandes problemas de seu país têm sido resolvidos com seu auxílio. Mas, deixemos isso para mais adiante. Agora, quero lhe explicar qual a relação existente entre a pré-história da América e a situação política atual do Brasil, o porquê de tantos reajustes e situações embaraçosas, como a desse homem a quem você prometeu ajudar.

- É, Amanto, é bom que você me explique, porque já estou ficando meio perdida em relação ao tempo e aos acontecimentos.

- Não se esqueça, Neiva, de que o tempo é muito relativo. Nos planos invisíveis, não existe a mesma contagem de vocês encarnados. Mas, voltemos um pouco aos Equitumans. Eu lhe disse que muitos dos primitivos espíritos, que participaram do povoamento inicial, foram recolhidos e voltaram a reencarnar nos seus próprios descendentes, desta vez, porém, sem as condições de imortalidade. Ao desencarnarem de suas agora curtas vidas, eles se recusavam a seguir os rumos normais de Capela, e preferiram perseguir suas próprias quimeras nos planos etéricos. Juntaram-se, assim, em falanges, e, graças ao conhecimento adquirido, procuraram, sempre, reproduzir a situação inicial. Esqueceram-se eles de que, desta vez, não tinham a bênção de Deus e nem o auxilio precioso dos Mestres, suas máquinas e seus corpos imperecíveis.

- Mas eles, nesse plano, não são imperecíveis?

- São, Neiva, mas no sentido inverso do que foram na Terra física. Nos seus corpos iniciais, os princípios vitais lhes permitiam viver, como aconteceu com quase todos, até a destruição externa, propositada. Suas mentes, porém, através de suas almas, se evoluíam e progrediam sem parar. Na economia sideral dos planos da época, a indestrutibilidade dos corpos atuava como fator de segurança, que permitia a esses seres enfrentar as tarefas ciclópicas sem titubear, além do respeito que impunham a seus descendentes, as vantagens da memória física milenar, e outras. Já no plano etérico, sem as vantagens do plano físico, sem a contínua assistência dos Mestres e sem os planos da Engenharia Sideral, suas mentes foram se degenerando, na atrofia inexorável desse plano. Isso é um círculo vicioso, em que o ser cada vez perde mais as perspectivas e se ilude com as próprias sensações. Grande parte de sua atividade se concentra na alimentação dos seus corpos etéricos, cuja maior fonte de energia é o ectoplasma da Terra, dos seres vivos. Em vez de terem suas cabeças erguidas para o Céu, para as fontes puras de energia divina, são obrigados a tê-las voltadas para baixo, para os seres encarnados, de onde parte sua alimentação energética. E o coração do Homem está onde estão seus interesses. Tudo o que acontece com os seres humanos lhes interessa. Tendo uma falsa noção de poder, remanescência dos poderes que possuíam, eles sempre pretenderam influir nos acontecimentos humanos e, em parte, o conseguem. Sua confusão mental, entretanto, os faz crer ser possível a retomada da antiga posição de trezentos séculos antes. Assim, Neiva, podemos juntar duas épocas distantes e entender os enredos tenebrosos dos dias atuais. Equitumans encarnados, Equitumans no invisível etérico e Equitumans nos planos mais evoluídos, esses são os elementos das lutas atuais no Brasil. Hoje, esses espíritos nem sabem mais que foram os poderosos Equitumans, que foram à Lua e a Marte. Os que estão encarnados têm menos noção ainda.

Acrescente-se, ainda, que esses encarnados, presos aos círculos cármicos, vêm se endividando e pagando dívidas, num círculo quase vicioso. Muitos dos atuais políticos passaram pelas lutas dos últimos dois ou três mil anos, talvez mesmo anteriores. E agora, no fim de mais um ciclo, quando o planeta urge passar a categorias melhores, fazem-se necessários o reajuste e o reequilíbrio. Por isso, os inocentes de hoje não o foram ontem. É preciso ter compaixão e ajudá-los, mas isso deve ser feito com a serenidade que o Cristo nos proporciona, com a justiça evangélica de “as árvores serem conhecidas por seus frutos...”

Neiva quedou-se pensativa. Pela sua mente ágil passavam quadros vertiginosos de destinos seculares. Lembrava-se, agora, das figuras que lhe pediam auxílio, mas as via multiplicadas por existências incontáveis, encarnações terríveis, quando participavam de épocas tenebrosas da história humana.

Amanto, o professor, tirou-a gentilmente da abstração.

- Neiva, – disse ele, carinhoso – creio que, por hoje, já basta. Você agora tem material suficiente para entender os políticos que vão lhe procurar em número crescente. Mantenha, sempre, a sua calma e lembre-se de que é simples portadora da mensagem divina, simples espírito consolador.

Ela acordou, suavemente, no seu corpo refeito, e retomou suas tarefas.

A ILHA DE OMEYOCAN

A situação política do país evoluiu para novas fases e novos sistemas. A perplexidade dos primeiros momentos foi sendo substituída pela expectativa de mudanças e, aos poucos, as novas formas foram se firmando. Naturalmente, isto acarretou a queda de alguns e a ascensão de outros. Lentamente se foi formando novo conceito geral das coisas e as queixas passaram a ser privativas de pequenos grupos ou indivíduos, sem possibilidades de extravasamento público.

Esse fenômeno, compreensível no contexto existente, resultou no aumento de sigilo no atendimento de Neiva e no tratamento de dores mais profundas. Seu coração doía cada vez mais ao amparar aqueles homens sofridos, e sua dor era maior face à discrição que era obrigada a manter. Penalizados da sua solidão, seus amigos espirituais não a abandonavam nem um minuto.

Mas Neiva não era portadora, apenas, de um coração sensível. Sua mente ágil comparava, deduzia e induzia, com base nos novos elementos fornecidos pela história dos Equitumans. Sempre que algum caso lhe despertava maios comiseração, ela ia buscar o fio da meada naquelas vidas de um passado remoto.

E assim, fazendo repetidas viagens ao Titicaca e outras paragens desconhecidas, sempre assistida pelo gentil Amanto, ela foi acumulando conhecimentos e informações. Mas, o local que mais a atraía era o lençol líquido do cimo dos Andes. Amanto constantemente a lembrava dos tesouros que ali estavam submersos, e ela procurava entender o sentido desta advertência.

Certa vez, Amanto disse:

- Veja, Neiva o cabedal de conhecimentos que essas coisas irão representar para a Ciência atual!

- Não vejo o porquê disso, Amanto. Afinal, são simples corpos e algumas máquinas...

- Sim, Neiva, são simples corpos e máquinas. Mas, você já pensou no que irá representar, para o Homem atual, o encontro disso tudo? Imagine o choque que irá causar para a mente estratificada e antropomorfa saber que essas máquinas e esses seres já viajaram pelo espaço sideral, moveram montanhas e representam um conhecimento da Química e da Física quase inconcebível atualmente!

- E você acha, Amanto, que isso será descoberto e que o Homem atual vai, realmente, tomar conhecimento desse fato?

- Sim, Neiva, e de formas várias. A pressão dos acontecimentos humanos, o verdadeiro torniquete de dor por que a humanidade vai passar, produzirá uma sensibilização da psique que irá extravasar a sofisticação intelectual. Com esse aumento de receptividade, o fenômeno mediúnico deixará de ser privativo do Espiritismo para se tornar mais uma forma vivencial cotidiana. Cada vez mais, os cientistas lançarão mão dos recursos psíquicos como instrumento de pesquisa. Você já imaginou, Neiva, esse mesmo fenômeno que está acontecendo agora – você e eu em corpos etéricos, penetrando na intimidade do passado, invisível aos olhos físicos – reproduzido por pessoas comuns? E se fosse combinado o processo mediúnico com os recursos científicos? Você

já pensou, Neiva, no fato de que, em cinco segundos, nós podemos nos transportar para qualquer parte da Terra e registrar os fatos com a mesma acuidade dos sentidos ou das máquinas? Pense em tudo isso, Neiva, e você entenderá a nossa tarefa, o porquê de estarmos sempre em busca de alguma informação adequada aos problemas que afligem seu povo. Por outro lado, Neiva, o ciclo atual está se fechando com grande rapidez. Da mesma forma que no passado, a Terra se convulsiona e se transforma. Não creio que irá ser preciso os homens mergulharem nessas águas. A montanha se contrairá e despejará, pelas encostas, terra e água, nas quais rolarão corpos e máquinas, os testemunhos físicos desta era remota!

- Mas, Amanto, com cataclismos desse jaez, não creio que haja pessoas em condições de tomar conhecimento, nem isso irá ser fisicamente possível.

- Talvez você tenha razão, Neiva, talvez... Tudo irá depender da reação humana aos avisos que estão cada vez mais constantes. Não se esqueça de que a misericórdia divina exaure até o último ceitil de oportunidade. O Homem moderno, apesar das angústias em que vive, tem também, à sua disposição, magníficos instrumentos de alerta. Veja, Neiva, as maravilhas da comunicação atual e o desprendimento cada vez maior dos preconceitos, até mesmo científicos, e a avidez com que o ser humano atual absorve as coisas do Céu. Veja tudo isso, e você entenderá as possibilidades que existem daquilo que os religiosos chamam de “salvação”.

E assim, através dessas inúmeras oportunidades, Neiva foi compreendendo o alcance das palavras de Amanto. O tempo terreno corria na lentidão das volutas astrais.

Certa vez, a chalana pairava sobre os Andes e ela, com a perspicácia dos seus olhos espirituais, a tudo observava. Amanto apontou para uma pequena ilha, perdida na imensidão azul.

- Ali, Neiva, está o que resta da grande Omeyocan de Jaguar. Atualmente, ela se chama Ilha de Páscoa. E é, apenas, um recanto turístico, a despertar a curiosidade de todos.

A chalana eterizada pousou suavemente numa elevação deserta, e Neiva pôde observar a Ilha de Páscoa. De pronto, sua atenção foi atraída pelas estátuas enormes que cercavam quase toda a ilha. Todas iguais, em sua maioria enfileiradas próximas ao mar, mais pareciam sentinelas grotescas de um exército mudo. Algumas jaziam deitadas na encosta de um monte central, e quase todas ostentavam uma espécie de chapéu. Já habituada na observação do lago Titicaca, ela se pôs logo a rememorar o conjunto de idéias e imagens que lhe assomavam à mente, e a recompor estórias. Amanto, então, começou a conduzi-la em perfeita viagem mental. Ele disse:

- Neiva, você me perguntou, uma vez, se a civilização dos Equitumans havia falhado, e eu lhe disse que isso havia acontecido apenas parcialmente. Pois bem, observe, agora, um dos resultados de seu trabalho. O que você está vendo agora, aconteceu, mais ou menos, vinte e cinco mil anos depois que eles já haviam desaparecido; portanto, há uns cinco mil anos. Das tribos redistribuídas pelo Grande Orixá da Estrela Candente, haviam se formado inúmeros clãs, que percorriam as terras planetárias, formando toda a espécie de povos e gente. A tarefa construtiva prosseguia sempre, em todos os recantos da Terra, e os Equitumans de boa índole, sintonizados com os Mestres, iam e vinham entre Capela e a Terra, no contínuo processo reencarnatório. Mas, apesar dos milênios que decorriam, as bases de sua formação inicial continuavam atuantes. Sua luta maior era contra o pavor da morte!

- Mas, Amanto, – observou Neiva – não consigo entender isso muito bem. Se eles eram espíritos evoluídos, a ponto de se prestarem a essa árdua tarefa, não sabiam eles que a morte não existe, que eles apenas mudavam de estado a cada fim de existência?

- Neiva, sei que isso é difícil de ser entendido, até mesmo por você, mas o processo de habitação de um espírito num corpo físico é sempre penoso e complexo. Você já ouviu falar num escafandro, desses que os homens usam para descer ao fundo dos mares? Pois bem, a situação de um espírito encarnado é semelhante à de um escafandrista. Seus movimentos são inibidos pela pesada roupagem carnal e suas comunicações são esporádicas e difíceis. Observe sua própria vida, Neiva, e você entenderá o que quero dizer. Agora, por exemplo, você está lépida e desinibida, não está? E o que acontece quando você volta para o corpo? Vê as dificuldades, entendeu?

- É, creio que entendi.

- Aqueles espíritos – prosseguiu Amanto – habituados a milênios de vida sutil, só aos poucos iam se acostumando com os percalços das jornadas no planeta Terra. Foi preciso muitas encarnações para que aqueles Capelinos se transformassem em terráqueos! A história dos Tumuchy mostra bem isso.

- Tumuchy?

- Sim, Tumuchy! Havia um grande Orixá chamado Jaguar que, juntamente com sua alma gêmea, plantou a mais linda flor civilizatória nesta região.

- Que nome esquisito para um Orixá! – exclamou Neiva.

- Esse nome, Neiva, foi-lhe outorgado pelos habitantes andinos, cuja língua ficou sendo conhecida como quíchua. Significa sangue, luta, briga, valentia, e acabou por nomear os felinos, como as onças, panteras, etc. Aliás, Neiva, a ligação com felino serviu para testemunhar a existência desse Orixá em inúmeros monumentos e inscrições, através da sua representação pictórica. Com sua longa experiência na Terra, ele encarnou, com sua alma gêmea e cerca de oitocentos espíritos escolhidos. Formado o clã, eles passaram a ser conhecidos como Tumuchy. Em sua maioria, seus membros eram cientistas, principalmente grandes químicos e físicos. Por seus próprios meios, eles construíram uma chalana que lhes permitia se deslocar para qualquer parte da Terra. Isso os diferenciou, logo, das outras tribos, e garantiu para eles certa paz em meio às lutas permanentes. Dedicavam-se a várias artes e eram grandes tecelões. Viajavam muito, e tinham seus próprios rituais. Como medida de precaução contra o desencarne incerto, eles traziam um sistema de não procriação e de melhor durabilidade física. Eles viveram, em média, duzentos anos da Terra, e traziam, impressa no peito, a data de seu desencarne. Comunicavam-se, constantemente, com os Mestres Capelinos, e sua chalana mantinha contatos com outros povos da Terra. Mesmo com todas essas medidas de precaução, cedo se manifestaram grandes dificuldades. A partir de certo estágio, eles começaram a perceber que os contínuos contatos com os Mestres, que vinham em suas poderosas naves, iam produzindo certo enfraquecimento na vida animal e vegetal local. Os indivíduos das áreas afetadas morriam cedo e a vegetação se tornava raquítica. Por outro lado, o contínuo estado de belicosidade das tribos com que entravam em contato feria fundo sua susceptibilidade.

- Amanto, – interrompeu Neiva – quero que me explique uma coisa que está difícil eu entender: se esses Tumuchy eram tão adiantados, a ponto de possuírem uma chalana, como é que se explicam suas lutas, suas guerras e as dificuldades com o meio-ambiente?

- Essa é uma boa pergunta, Neiva. Sim, por que? Para que eu lhe responda, é preciso comparar as idéias do que seja “civilizar”, nos termos dos planos daquele tempo, e o que seria a mesma coisa, em termos do seu tempo, Neiva. “Civilizar”, para os Mestres Capelinos, significava trazer, ou melhor, criar um tipo humano, de acordo com um processo evolutivo, em três planos diferentes: o físico, o psíquico e o espiritual. A natureza da Terra tinha um determinado ciclo em andamento, com suas variações geológicas, vegetais, minerais e animais. O transformismo lento modifica a superfície e as várias camadas, mas essa lentidão é, apenas, relativa ao período de modificações. Naquela época, as transformações da Terra eram violentas e rápidas, emergindo dos degelos, devido à maior aproximação do Sol. Os vegetais, em adaptação e escassos nas regiões montanhosas, convidavam ao nomadismo espontâneo. Os animais, em sua maioria de grande porte, como o javali, o urso, os felinos e outros, constituíam ameaça permanente à integridade física. Civilizar constituía, pois, a modificação daquela tônica agressiva para uma harmonia ecológica mais propícia ao Homem. A missão era a de tornar a Terra habitável para o Homem. É preciso não esquecer que o Homem já existia, porém todo absorvido pela luta da sobrevivência, no estado de defesa permanente, submisso à natureza e à vida instintiva. A predominância, embora variável, era da tônica física. O psiquismo ficava colocado em segundo plano, um psiquismo mais voltado para o plano físico, para as coisas mais imediatas da vida quotidiana. Os olhos vivam voltados para o chão, para o ambiente imediato. Sabedor isso, Jaguar vinha munido de duas armas fundamentais: a ausência da procriação e um instrumento de reconhecimento aéreo, que era sua chalana. Sem o empecilho dos filhos, eles podiam se dedicar às artes criativas e estudar as formas de domínio do ambiente, criar instrumentos mecânicos e científicos. Com sua chalana, Jaguar percorria os pontos da Terra onde outros Orixás executavam a mesma tarefa, em ambientes físicos diferentes. Isso, Neiva, explica as questões de conhecimentos de Astronomia, dos calendários, dos cultos, do trato com os materiais e as semelhanças nos templos, pirâmides, esfinges, estátuas, cerâmicas, cerimônias, que a Ciência atual se esforça para explicar em termos de migrações e contatos puramente físicos. Naturalmente eles não dependiam exclusivamente da chalana, pois eram profundos conhecedores dos sistemas de comunicação psíquicos, além das preciosas fontes de informações, que eram os Mestres Capelinos. Tais recursos, porém, não eram suficientes para compensar a rudeza da tarefa. Ao

perceberem que poderiam ser esmagados pelo ambiente, contrariando seus propósitos, que eram opostos, ou seja, de domínio do ambiente, eles optaram por uma tangente, e os Tumuchy voltaram seus olhos para a então grande Ilha de Omeyocan. Isso oferecia várias vantagens e, dentre elas, a mais importante era a distância do continente. Com seus instrumentos, sua Química e sua Física, construíram barcos e se apossaram da ilha, até então desabitada.

- Amanto, – interrompeu Neiva – isso que eles estavam fazendo é o que vocês chamam civilizar. E o que seria civilizar nos dias atuais?

- É verdade, Neiva. Ainda não lhe expliquei a diferença. Civilizar, para o Homem atual, é inculcar a tônica predominante de padrões existentes, sejam tecnológicos, morais ou religiosos. Por exemplo: os conquistadores europeus consideravam civilizar a transformação das populações indígenas, de um *status* religioso e moral, para o *status* de que eram portadores, no caso em apreço, o Cristianismo. Disso resultava, apenas, uma transformação, a substituição de uma forma civilizatória por outra, considerada mais adiantada. Não havia, nisso, criação, mas, apenas, modificação. No caso dos Tumuchy, havia a criação, não segundo padrões preestabelecidos, mas, sim, segundo um plano harmonioso de conjunto, cujos padrões iam sendo criados, pois inexistiam na Terra. Com o avanço nestas revelações, Neiva, você irá tendo uma idéia mais clara a respeito. Voltemos, agora, aos Tumuchy. Na realidade, eles não abandonaram o continente, pois mantinham pontos de irradiação, onde concentravam suas realizações. Nesses pontos foram construídos fabulosos monumentos, planejados cuidadosamente para as finalidades a que se destinavam. Com seu poder de levitação mecânica, usando processos físicos de forças magnéticas, eles podiam movimentar, com relativa facilidade, grandes blocos de pedra, qualquer que fosse sua natureza. Tais pedras eram lavradas por processos químicos e trabalhadas com ciência e arte. Sua arquitetura era orientada em função de um relacionamento, visando a recepção de forças do planeta-mãe e de outros corpos do Sistema Solar. Tais finalidades estão sendo estudadas, hoje, em função de seu aspecto religioso, e isso se constitui em mais um triste engano antropomorfo. Na realidade, elas eram múltiplas e variáveis, inclusive no tempo. O que ontem servia para a captação da energia lunar, poderia ser, hoje, um simples depósito ou túmulo. É preciso que a gente não esqueça da dinâmica do mundo físico de então e suas modificações violentas. A prova de que os Tumuchy, como outros grupos de épocas diferentes, tomavam em consideração a movimentação geológica, está na sobrevivência, até hoje intacta, de muitos desses monumentos. Outro aspecto notável é que os descendentes dos Equitumans eram hábeis metalúrgicos e sabiam avaliar as condições geológicas do solo. É preciso, ainda, que a gente se lembre de que não se tratava de uma experiência isolada. Nos sete pontos fundamentais do globo, as mesmas coisas se desenvolviam, com características próprias. No Egito, por exemplo, eles faziam suas pedras utilizando os sedimentos desérticos e o material da superfície. As coincidências entre pirâmides das Américas e do Egito não são apenas aparentes. Na realidade, havia ampla troca de informações e experiências nas construções de ambos os lados. Outra coisa notável, que ainda não foi bem examinada pelos cientistas atuais, é a relação posicional dessas construções. Tais monumentos foram construídos em função de um plano global do planeta. Os Tumuchy possuíam o que eles chamavam de **Mutupy**, que eqüivalia a uma aerofotografia da Terra, como a feita pelos satélites artificiais, e é evidente que seu uso se destinava a consultas em função desse planejamento. E, assim, a Ilha de Omeyocan foi transformada na sede científica do planeta e no centro da comunicação interplanetária. Ali chegavam e dali partiam as grandes chalanas, vindas de Capela. Ali, também, se realizavam as grandes conferências dos Orixás, os chefes máximos dos planos civilizatórios da Terra.

- Mas, Amanto, – objetou Neiva – o que estou vendo é uma pequena ilha, e está me parecendo acanhada demais para conter tudo isso que você fala.

- Neiva, faça a mesma coisa que você fez com relação ao Titicaca, e você verá!

Neiva intensificou sua visão espiritual e percebeu que a ilha fora bem maior, e o que ela via atualmente era apenas uma ponta emergente, a parte mais alta, que ficara acima do nível do Pacífico. Embaixo, nas profundezas do oceano, havia complicadas construções de pedra, túneis, grandes abóbadas e um enorme túnel que, aparentemente, ligava a ilha ao continente.

- E essas estátuas, Amanto, para que serviam?

- Elas tinham várias finalidades e, dentre elas, serviam como portas indicativas. Embaixo de algumas delas existem entradas para as câmaras subterrâneas. Elas também faziam parte de

um plano de padronização e estavam para ser exportadas quando o período dos Tumuchy chegou ao fim. Ali existia uma espécie de usina, onde elas eram fabricadas em série.

- Mas, Amanto, o que aconteceu com eles?

- Como sua missão não era o estabelecimento de uma estirpe e suas vidas eram muito sacrificadas no penoso relacionamento com Capela, deram-na por terminada. Embora eles tivessem qualidades físicas especiais, viviam em distonia com as realidades planetárias, sem a osmose natural. Na verdade, eles viviam em constante luta com o conjunto de leis que regem os planos físico e psíquico da maioria. Mas, sua missão já havia sido cumprida, e o grande Jaguar deixara sua marca em vários pontos da Terra. Sabendo que seu fim se aproximava, pois trazia no peito a data de sua passagem, ele visitou, em companhia da esposa, os locais de trabalho, e desapareceu. Seu povo continuou, ainda por algum tempo, a missão, mas, sem o impulso do seu líder, acabou por abandonar a ilha e se dissolver. Mais tarde, em encarnações sucessivas, foram portadores de notáveis traços civilizatórios, que serviram para o preparo do grande berço do III Milênio. As recordações de suas atividades iam se transformando em lendas e ele foram chamados de deuses. Sua experiência foi retomada, depois, pelo povo que veio a se chamar Inca. Mas a orientação aguerrida que estes seguiram impediu a encarnação dos antigos cientistas Tumuchy, e a civilização incaica tomou aquelas características semibárbaras que a História registra.

- Mas, Amanto, o que aconteceu com a Ilha de Omeyocan?

- Foi, praticamente, engolfada pelo mar. Naqueles dias, as irregularidades da natureza se manifestavam em degelos, alternados com secas terríveis. Em cada degelo, os mares se enfureciam e varriam os litorais com violência, enquanto as águas dissolviam terras e montanhas. A Terra procurava novas acomodações em torno do Sol, e isso causava verdadeiras convulsões em suas entranhas. Isso explica, Neiva, as dificuldades dos cientistas atuais em estabelecer uma cronologia exata dos fatos civilizatórios. Ele se baseiam em fragmentos e objetos, mas esquecem as transformações por que todo esse material passou, no contínuo transformismo das rochas e metais abaixo da superfície. O mesmo acontece na interpretação dos registros escritos ou pictóricos, diferenças de calendários ou símbolos representativos. Há, ainda, um fator que não costuma fazer sentido no *aproach* científico, que é a atividade deliberada no fazimento das coisas da natureza.

- O que você quer dizer com atividade deliberada, Amanto?

- Refiro-me a modificações em que o curso da natureza era alterado com certas finalidades. Por exemplo, a existência de grandes animais, como os mastodontes. Eles tiveram que ser banidos desta região, e isso foi feito. Outras coisas desse tipo aconteceram, e ainda acontecem, quando há uma relação direta entre os Mestres e a Humanidade. Os poderes do Homem em relação ao meio são imensos, principalmente em seu aspecto destrutivo. Mas, esses poderes são consideravelmente aumentados quando a força do Homem se conjuga com as forças do espírito, construtivamente.

- É, Amanto, isso parece lógico. Mas nada disso está acontecendo atualmente, pelo menos que a gente saiba!...

- Está sim, Neiva, e em maior escala do que o Homem possa pensar. Não esqueça que os seres humanos são relativamente condicionados em relação às notícias do que se passa no seu planeta. Em muitas regiões da Terra estão acontecendo fatos extraordinários, principalmente onde a atual civilização ainda não penetrou. No interior da África, por exemplo, estão sendo feitas modificações na vida animal, com que o Homem nem sonha. Em cada plano de vida existe sempre uma interferência, sempre visando o aperfeiçoamento das condições do planeta.

- Mas a verdade é que a gente nada percebe disso, Amanto. Digamos, por exemplo, nós aqui em Brasília. Tudo que a gente sabe que acontece, é coisa natural, corriqueira...

- Mas acontece, Neiva, e acontecerá mais. Não esqueça o que já lhe disse, quando me referi a cada plano. Três são as tônicas: a física, a psíquica e a espiritual. Há regiões de predominância física, outras de hegemonia psíquica e outras, ainda, de domínio espiritual. A tônica de Brasília e das regiões próximas é, essencialmente, psíquica, com tendências ao espiritual. É, pois, natural que as modificações sejam de ordem psíquica ou espiritual, e não animal ou física. Repare bem, Neiva, como um bom exemplo, o que se passa no Templo do Amanhecer, e você irá entender a diferença entre o “natural” e o “deliberado”. A própria mediunidade da Doutrina do Amanhecer é uma prova disso. Creio que será relativamente fácil, a qualquer conhecedor dos

princípios da mediunidade, compreender essa diferença se observar os trabalhos sem idéias preconcebidas.

- É, Amanto, foi bom você me advertir disso. Afinal, para nós da Corrente, tudo é tão natural, tão espontâneo, que a gente nem nota a presença da mão de Deus!

- Sim, Neiva, a presença da mão de Deus. E o que é a mão Dele senão a presença constante dos Mestres, os grandes Orixás que orientam a fenomenologia mediúnica, tão característica de nossa Corrente? E assim, Neiva, acontece em todos os setores de atividades do mundo. Existe, sempre, a presença deliberada. Apenas, o orgulho humano, o egocentrismo exacerbado, é que não deixa perceber isso. Felizmente, os Planos Divinos não ficam na dependência da percepção da sua forma de agir. Pouco importa, para os Mestres, que os Homens percebam ou não sua ação na Terra. Na verdade, isso fica reduzido a uma questão de foro íntimo, de cada ser humano, individualmente. Cada um vê a mão de Deus à sua maneira. Essa despreocupação com o reconhecimento das atividades dos emissários do Alto é porque os Mestres sabem que, tão pronto o espírito desencarna e consegue chegar a certos planos, logo se conscientiza e fica sabendo.

- É verdade, Amanto. Agora posso compreender melhor o juízo humano. De fato, não adianta muito tentar explicar as coisas. É preciso que as pessoas entendam por si mesmas, se compenetrem das realidades.

- A tônica do Brasil, variando as regiões, é de psiquismo inclinado ao espirito. Em algumas, predomina o psiquismo puro, sem a direção espiritual. Isso explica, Neiva, as tendências para as superstições ou o animismo e, explica também, as pretensões iniciáticas. Estas resultam, geralmente, da intelectualização dos fatos do espírito, da confusão entre a mente concreta, racional, e a mente perceptiva do transcendente.

- Mas, Amanto, em vez de se explicar esse fenômeno em termos de regiões, não seria melhor falar em grupo humanos?

- Sim, Neiva, em parte você tem razão. Apenas cumpre notar que os espíritos planejam suas encarnações em famílias e tipos humanos condizentes com sua tônica evolutiva. Isso produz certo padrão de comportamento. Observe os hábitos regionais dos habitantes do Sul do Brasil e os do Norte, e você irá perceber bem a nuança. Voltando agora aos Tumuchy, Neiva, quero lhe relatar certos acontecimentos e características que irão explicar muitas coisas desse passado. Uma delas, de suma importância, é o início dos núcleos civilizatórios em regiões montanhosas. O principal motivo deriva das primeiras tribos de Equitumans, que vinham para o estabelecimento de uma era dos metais. Repare, Neiva, como seus historiadores dividem as civilizações antigas em termos de metais, referindo-se, sempre, ao cobre e ao bronze, com base nos instrumentos que encontram nas escavações. Na verdade, os Equitumans já vieram com pleno conhecimento dos metais existentes na Terra, e para cada núcleo havia especialistas. Nos Andes, por exemplo, havia abundância da prata, do ouro e do cobre, e eles se deleitavam na confecção de objetos de adorno, jóias e instrumentos de precisão. Esse acervo de conhecimentos no manuseio dos metais é que lhes proporcionou o avanço tecnológico que, hoje, espanta os arqueólogos. Mas, os processos que utilizavam são ainda desconhecidos do Homem atual.

- E sobre as pirâmides, Amanto, para que foram construídas?

- As pirâmides, Neiva, eram centros de manipulação de energias, verdadeiras usinas de força. Ali se concentravam os grandes cientistas para a conjugação de suas forças psíquicas, como hoje se reúnem os médiuns nos templos iniciáticos. Ali se concentravam os conhecimentos e a documentação dos planos planetários, os instrumentos básicos e os meios de comunicação. O grande Jaguar era um especialista na construção de pirâmides. Ao perceber que o fim de Omeyocan se aproximava, ele deslocou-se para o Egito e lá emprestou sua colaboração aos Orixás responsáveis por aquela área. Com sua química, eles decompunham as rochas e as moldavam de acordo com as necessidades. Possuíam prensas com as quais moldavam grandes blocos e tijolos. Por processos eletromagnéticos, eles vitrificavam as superfícies e movimentavam os blocos gigantescos, com a mesma facilidade como os pedreiros atuais movimentam tijolos.

- E quanto ao Sol, Amanto, por que essa constante referência a esse astro?

- O Sol era, para eles, o centro de energia vital, e sua preocupação constante era a de manter a sintonia com suas forças. A variação da órbita da Terra obrigava a constantes reajustes dos aparelhos e construções. Cada variação na posição da Terra em relação ao Sol, à Lua e a outros corpos celestes, produzia fenômenos violentos, que alteravam constantemente os planos.

Foi isso que aconteceu com Omeyocan, hoje chamada Ilha de Páscoa. Numa dessas aproximações, grande massa de gelo dos Andes se derreteu, e o Pacífico envolveu a ilha, varrendo suas praias com violência. Os Tumuchy abandonaram-na com relativa pressa, embora não tenha havido vítimas. Essa é a impressão que nos dá a ilha, atualmente: a de ter sido abandonada precipitadamente. Essa constante preocupação com o Sol gerou toda uma série de hábitos e práticas, os quais, pela sua natureza, derivaram em religião.

OS APRENDIZES DE FEITICEIRO

- Amanto, – disse Neiva – de tudo isso que você me mostrou e contou, não consigo formar uma idéia de conjunto do porquê de tantos altos e baixos, tantos fracassos. Afinal, esses séculos de lutas, com instrumentos tão preciosos nas mãos dos espíritos evoluídos, tudo isso para termos um fim melancólico como esse que está sendo profetizado? Onde está a lógica disso tudo?

- Neiva, – respondeu ele – você conhece a lenda do aprendiz de feiticeiro?

- Não, nunca ouvi falar dela.

- Certa vez, diz a lenda, um mago poderoso, que vivia num castelo, saiu para uma viagem e deixou seu aprendiz tomando conta da casa. Este, tão pronto se viu a sós, resolveu experimentar os conhecimentos que julgava haver aprendido do seu mestre. A primeira coisa que lhe ocorreu foi usar aqueles poderes mágicos para executar as tarefas desagradáveis pelas quais era responsável. Assim, usando as palavras apropriadas, ordenou à vassoura que varresse o castelo, e esta entrou em ação na mesma hora. O mesmo aconteceu com o balde de água, e o aprendiz se deleitou com seus poderes. Mas, a vassoura varria tanto e o balde jogava tanta água, que o castelo começou a ser inundado. O aprendiz não sabia as palavras mágicas para pará-los.

- E como terminou a estória?

- Não sei bem. Creio que o feiticeiro pressentiu qualquer coisa de errado, e voltou a tempo de salvar o castelo, mas não pode impedir o aprendiz de quase morrer afogado e de passar um bom susto...

- Quer dizer nós estamos na mesma situação desse aprendiz?

- Em termos, de certa forma, sim. Através de todos os tempos, os Mestres promoveram todo o necessário a cada situação, a cada programa civilizatório, sempre visando adequar o planeta para a realização dos espíritos, dar a eles os meios de continuar sua evolução e colaborar na obra divina.

- Mas, Amanto, esse é outro ponto que a gente sempre interroga. Afinal como é isso? Os espíritos são perfeitos e, depois, decaem, passam a precisar evoluir de novo?

- Minha filha, essa pergunta vem sendo feita pelos Homens há milhares de anos. A mesma interrogação é feita em outros recantos do Universo, mas a resposta é sempre o silêncio e a incógnita. E possivelmente obtenhamos essa resposta quando estivermos integrados em Deus. Talvez os espíritos que já atingiram essa meta saibam o porquê de tudo! Mas, isso é impossível, tanto para você como para mim, pois somos, apenas, retas entre o menos e o mais infinito, somos espíritos a caminho... Voltando ao nosso aprendiz de feiticeiro, no caso o ser humano desses últimos trinta e dois mil anos, eles muitas vezes usaram sua mágica para varrer e lavar. Veja o exemplo dos Incas, dos Maias e dos Astecas. Eram herdeiros de profundos conhecimentos científicos, recebidos de seus ancestrais, aos quais tinham acesso através da herança tecnológica arquivada no recesso dos seus templos e palácios. Entretanto, esse tesouro era usado para o engrandecimento de seus egos hipertrofiados, do seu egoísmo palaciano e de suas conquistas insensatas. Preocupavam-se, muito, em receber, obter cada vez mais assistência dos Mestres, e, para isso, não poupavam esforços. Por isso, construíram complicados sistemas de propiciação aos deuses e observavam religiosamente seus calendários iniciáticos. Tudo visava a obtenção de energias do Céu, no caso representadas pelo deus Sol e pela deusa Lua. Pelo que a história da Terra registra, eles rezavam mais do que trabalhavam.

- Mas você não pode dizer que eles não trabalhavam! Se assim fosse, como é que poderiam ter construído aqueles majestosos monumentos, que até hoje estão de pé?

- Tais monumentos não foram feitos com o trabalho braçal. Isso é um engano que os cientistas cometem, ao interpretá-los em termos da atual capacidade humana e devido ao desconhecimento das técnicas empregadas naquele tempo. As teorias atuais se ressentem de

lógica. A confusão ainda é maior devido à interpretação religiosa que se dá, atualmente, aos fatos, ou melhor, somente religiosa. É preciso unir as duas coisas, os atos psicofísicos e as finalidades do espírito, para se ter uma idéia mais precisa. Já lhe disse que não só os monumentos como, também, as cidades, foram feitos mediante processos fisioquímicos e forças magnéticas. Os construtores eram os nobres, os sacerdotes e os especialistas nas várias artes e ciências, principalmente os astrônomos. O povo mesmo, as massas daqueles tempos, era apenas espectador. Aliás, isso pode ser facilmente verificado nos episódios registrados em épocas mais recentes, como, por exemplo, no Século XVI da era atual. Toda a classificação sociológica dos povos antigos demonstra, sempre, essa defasagem entre os círculos dominadores e as massas.

- Mas, isso não é assim, também, em nossos dias?

- Sim, mas com distanciamento bem menor e com o fenômeno participativo cada vez maior. Mas, entre os Incas, por exemplo, a distância era imensurável. As referências a essas civilizações são sempre em termos de monumentos, riquezas em metais preciosos, rituais estranhos e templos. A gente não houve falar de ruas, casas, comércio e povo. Veja a facilidade como abandonavam suas cidades e se mudavam para outros sítios. Eles não tinham muito a carregar; os dirigentes, porque refaziam suas coisas com relativa facilidade, e os da periferia porque viviam do meio ambiente, sem muitas exigências. Até hoje isso pode ser visto nos países latinos, essa defasagem entre o monumental das cidades e a pobreza dos bairros, subúrbios e zonas rurais. O exemplo mais frisante se encontra na história dos Maias, que ocupavam a península de Yucatan.

- Mas, Amanto, isso faz surgir uma indagação: por que, realmente, eles se mudavam e abandonavam suas cidades? Pelo que ouvi um professor de História dizer, isso constitui um dos maiores mistérios dessas civilizações.

- Devido à degenerescência da natureza em torno deles, dado o abuso das forças nobres como o magnetismo, a fissão atômica e a fisioquímica em geral. Essas forças provocavam alterações na coesão molecular das coisas vivas e, com isso, seu enfraquecimento. As plantas e os animais morriam com facilidade, enquanto os seres humanos se tornavam apáticos e preguiçosos. Isso explica, em parte, a derrota desses povos diante dos espanhóis, numericamente inferiores, e as humilhações sofridas diante dos invasores. A história dos Astecas demonstra isso claramente.

- Mas, se eles podiam manipular forças atômicas e magnéticas, e tinham tais conhecimentos científicos, como no caso da Astronomia, como é que se explicam essas contradições que tanto confundem os pesquisadores atuais?

- Já lhe falei, Neiva, das dificuldades da transformação dos Capelinos em terráqueos, da adaptação desses espíritos à missão a que se propuseram. Mesmo depois do desaparecimento dos Equitumans e das catástrofes que se sucederam na superfície terrestre, eles continuaram indecisos quanto ao rumo certo. Milhares de anos se passaram, cerca de cento e vinte e cinco séculos depois da tragédia do Titicaca, até surgirem os conceitos da realidade humana, da necessidade de autonomia, do uso do livre arbítrio e do caminho criativo. Podemos traçar uma analogia desses tempos com o fenômeno migratório atual. Os imigrantes que chegaram ao Brasil nos fins do século passado, principalmente no Sul do país, levaram três gerações para abandonar os hábitos de seus países de origem, e assim mesmo ainda se nota, nos seus descendentes, a nostalgia, o saudosismo. A maior dificuldade era a adaptação ao ciclo vital – nascer, viver, reproduzir, morrer e nascer de novo. Sua grande preocupação era a de garantir os vínculos com os Mestres, e isso durou até a derrocada diante dos europeus. Aliás, esse traço da psique, de se garantir fora de si mesma, se renova agora, nas preocupações com o extraterreno, na busca de novos mundos, onde possa se perpetuar.

- Mas, – perdoe-me por tantos “mas” – você não disse que a derrota dos Equitumans foi devida à perda de sintonia com os Mestres, com os planos originais? Como explica você, agora, que seu fracasso seria devido a essa mesma preocupação?

- Isso se explica, Neiva, pela errônea interpretação de Deus. Eles se esqueceram, como o Homem sempre se esquece, de que Deus é intrínseco na natureza, no íntimo do ser e não exterior a ele. A projeção antropomórfica é que O faz assim. Em vez de se voltarem para si mesmos, de usarem sua força criativa e seus instrumentos no fazimento do mundo, na tarefa construtiva, eles se preocuparam mais em manter vivo seu cordão umbilical e em voltar para o útero materno. Aliás, as pirâmides nos dão uma idéia bem aproximada disso. Enquanto eles usavam a energia atômica,

até para a iluminação delas, nos arredores os homens plantavam milho e trigo com paus pontudos, na forma mais primitiva. O mesmo sucede hoje, num paralelo absolutamente nítido. Enquanto os cientistas colocam milhares de custosos satélites em órbita e fabricam onerosas bombas atômicas, populações inteiras morrem de fome e a superfície do planeta se esvai no enfraquecimento progressivo da natureza. Esse é o aspeto fundamental de todos os problemas que afligem o Homem. É na luta básica dos campos de força que está situada a defasagem. O planeta foi planejado para determinada tônica de coesão molecular, uma dinâmica que se ajusta automaticamente a cada estágio posicional em relação ao sistema. A utilização de energias nobres deveria ser feita com critério espiritual, isto é, apenas nas tarefas criativas de impulso e em harmonia com o sistema. Nesse caso, “deus” seria considerado como “criador”. Mas, se essas forças são usadas indiscriminadamente, sem o planejamento cuidadoso, elas se transformam em destruição, e, nesse caso, “deus” se confunde com “vingança”. O mundo que, depois, se chamou América, se enfraqueceu no contraste energético, e isso se verifica na atual desarmonia da superfície, na sucessão de florestas e desertos e nas contradições da dinâmica humana. Por isso, as civilizações pré-colombianas eram civilizações de pedra. As florestas que, atualmente, cobrem suas ruínas, resultam de um custoso trabalho da natureza na retomada da tônica adequada. Houve um momento em que a Humanidade pareceu compreender isso: no Século XIX. Observe a história atual e você verificará os movimentos sérios que nasceram naquele século. Mas a euforia resultante está levando, novamente, ao fracasso. Se não houvesse o desencadeamento mal feito da energias atômicas, não haveria o triste 1984, que já começa a se manifestar. Os atuais aprendizes de feiticeiro se comprazem em “varrer” territórios com a bomba atômica, esquecendo-se de que são incapazes de parar as “vassouras” e os “baldes de água”. Isso explica, Neiva, a ausência de provas das civilizações mais antigas. Seus restos foram devorados nas transformações ciclópicas sofridas pela natureza. Depois, na medida em que a tônica própria foi sendo readquirida, o planeta foi conseguindo conservar suas amostras civilizatórias, que permitem as atuais cronologias da História. De cinco mil anos A.C. para trás, apenas existe o nada, ou o quase nada...

Neiva se quedou pensativa. No plano etérico em que se encontrava, na sintonia cada vez mais perfeita com sua existência transcendental, ela compreendia as lições profundas que estava recebendo. Mas, o ser humano que havia nela se manifestava, na preocupação de armazenar informações. Procurando manter os pés na Terra, ela se defendia com perguntas que Amanto, pacientemente, respondia.

- Amanto, – pergunto ela – e as pirâmides? Explique melhor sobre elas.

- Sim, explico. O grande Jaguar, o Tumuchy, era um cientista, conhecedor profundo da fisioquímica, e, com sua chalana, ele viajou para o Egito e outros pontos do planeta. Ele trabalhava com maestria o cobre e seus compostos e, com isso, ensinou a fundir grandes tubos e utensílios de metal, que eram usados em vários pontos da Terra. Isso permitiu o florescimento de núcleos tecnologicamente avançados, sendo um deles localizado na região coberta, atualmente, de gelo, que correspondem ao Pólo Norte e à Sibéria. O degelo dessa região, agora começando, vai revelar tudo isso. Mas, foi no Egito que teve início a conscientização da realidade humana. Observe a história dos egípcios, e verá as transformações básicas que ali tiveram lugar.

- E essas máquinas, esses tubos, ainda existem?

- Sim, são coisas recentes, de cinco ou seis mil anos passados. Sob a areia dos desertos e no fundo lamacento do Nilo, encontram-se objetos que irão espantar os cientistas de hoje, quando forem encontrados.

- Mais uma pergunta: essa história da arca de Noé tem algum fundamento?

- Há muitos fatos que se transformam em lendas. Na verdade, sempre existiram noés que precederam as catástrofes. Essa lenda se prende à seleção do mundo animal, feita sob a orientação dos Mestres. Sempre foram feitas experiências nesse sentido, e a habilidade do Homem em relação aos animais existe até hoje. Veja a miscigenação dos rebanhos atuais e todas as experiências com animais, e você poderá fazer uma comparação com o que acontecia.

- Outra pergunta, sobre essa questão de contatos com os Capelinos. Quais os problemas que havia?

- Os mesmos que existem hoje. Nós habitamos um planeta de constituição diferente, embora física, material. Para que possamos nos aproximar em nosso estado natural, somos obrigados a alterar o campo vibratório dos lugares onde chegamos, e isso provoca uma série de

alterações na natureza. Assim mesmo, não podemos sair do interior de nossas naves, pois seríamos esmagados pela densidade do plano da Terra. Naqueles tempos, ainda conseguíamos estabelecer bases na superfície, onde podíamos sair das naves com relativa segurança. Mas isso era uma anormalidade que exigia enorme dispêndio de preciosas energias, e só era feito em função dos planos da época. Mas não era qualquer ser humano que podia chegar até nós. Apenas os missionários, que tinham o conhecimento das técnicas empregadas e organização física adequada, o faziam.

- E essas bases, como eram elas?

- Campos magnéticos preparados no subsolo e delimitados na superfície. Ainda hoje, se os cientistas usarem instrumentos adequados, eles irão detectar a diferença desses solos em relação às regiões circunvizinhas. Em sua maioria, esses pontos eram demarcados, e a aproximação totalmente vedada aos seres humanos comuns. Tais lugares ainda são considerados sítios sagrados ou malditos, conforme o folclore local, pois são, realmente, inadequados ao equilíbrio psicofísico dos seres humanos. Esse mesmo fenômeno ocorre em todos os lugares onde foram utilizadas energias magnéticas ou atômicas. Os discípulos do Jaguar usavam uma espécie de pincel atômico, que lhes permitia esculpir, com perfeição, os mais duros metais ou pedras. Os ambientes onde trabalhavam, bem como os objetos, ficavam emanados com essas energias, e se transformavam em tabus. Com o passar do tempo, essa emanação vai desaparecendo, mas ainda existe muito perigo nesse sentido. O desequilíbrio que isso provoca é facilmente confundido com problemas mediúnicos, daí surgirem as lendas e superstições. Naqueles tempos, isso mantinha os curiosos afastados, mas isso gerou o mistério religioso. Tais mistérios sempre foram habilmente utilizados pelos sacerdotes de todos os tempos, e incorporados aos rituais. No Templo de Salomão havia uma câmara onde somente o supremo sacerdote entrava, uma vez por ano.

- E havia algum perigo para outra pessoa que penetrasse nessa câmara?

- Havia, sim, Neiva, porque ali estava localizado um núcleo de captação de energias que somente aquele sacerdote sabia como manipular. O fenômeno acontece, hoje, no Templo do Amanhecer. O cristal que existe na cruz, atrás da Pira, emite um tipo de energia recebida do plano astral. É por isso que o ritual exige a abertura dos braços quando se cruza a linha mediana do Templo. Mas a energia que é emitida no Templo não oferece perigo algum para as pessoas de fora do ritual, pois não estão sintonizadas com a onda vibratória emitida. Já os médiuns em trabalho, recebem uma pequena carga todas as vezes que atravessam a linha de emissão.

- Quer dizer que os médiuns que atravessam a linha sem fazer o gesto apropriado recebem carga?

- Receberiam, se não fosse a proteção das entidades que os assistem. Você sabe muito bem, filha, o trabalho que nos dá a proteção dos médiuns incautos!... É preciso não esquecer que, embora semelhantes, os fenômenos são diferentes. No caso das civilizações antigas, eram energias fisioquímicas, mas, no presente caso, se tratam de energias ectoplasmáticas, flluídicas.

- Amanto, ainda lembrando Noé, o mundo não foi inundado naquele tempo?

- Não, se você se refere ao dilúvio como diz a lenda. Na verdade, as catástrofes sísmicas e os degelos já fizeram imensas inundações e afundamentos de terras. Muitas regiões da Terra foram submergidas e outras emergiram. Mas, esses foram fenômenos localizados, e não gerais. A idéia do geral se deve ao fato do conceito de mundo como sendo apenas a região onde o fato foi registrado.

- E agora, o mundo vai ser inundado?

- Apenas parcialmente, como já ocorreu no passado. Desta vez serão submergidos vinte e um países, que desaparecerão totalmente.

- Amanto, o que podemos fazer ou, então, deixar de fazer para evitar tantas perdas?

- O que o Homem pode fazer é se compenetrar de si mesmo, da sua situação de espírito em caminho, e acomodar sua mente às coisas do transcendente. As catástrofes e os acontecimentos planetários pouca diferença fazem ao indivíduo. Para aqueles que já vão desencarnando nos desastres e nas doenças incuráveis, o fim já chegou, embora muitos continuem, talvez, até os reajustes finais.

- Mais uma pergunta, que me escapou quando você falava dos contatos dos Capelinos com a Terra. Esses contatos traziam algum mal à Terra?

- Sim, Neiva, embora esses males fossem bem menores do que aqueles causados pelos próprios terráqueos. Quando os Tumuchy perceberam que os repetidos encontros conosco

produziam danos à Terra, eles se entristeceram demais. Depois disso, eles rarearam muito, pois nos cercamos de imensos cuidados. A melhor forma de nos comunicar é através do plano etérico, como estamos fazendo neste momento com você. O problema que se apresenta, porém, é a falta de terráqueos equilibrados, para um trabalho dessa natureza, como é o seu caso, Neiva. A prova dessa dificuldade são os incríveis relatos de pessoas que dizem ter viajado em nossas chalanas, pois isso é tecnicamente impossível, em corpo físico. O mesmo acontece conosco em relação à Terra, embora muitos tenham afirmado terem visto e conversado conosco, fisicamente... Entretanto, existe em andamento toda uma série de acontecimentos, técnicos e naturais, que irão permitir esse contato. Quando o grande Seta Branca lhes diz que o "Céu irá se encontrar com a Terra", ele se refere a esses acontecimentos. Mas tenha certeza, Neiva, que, quando isso vier, as coisas serão bem diferentes no seu planeta.

- Bem, Amanto, acho que, por hoje, me dou por satisfeita. Deixe-me voltar ao meu corpo.

- Sim, Neiva, creio que hoje a dosagem foi grande. Aliás, nos preocupa muito nos servirmos tanto do seu trabalho. Mas você é o repositório desses antepassados e a intelectual de nossos dias.

- Eu, intelectual? – retrucou Neiva, dando uma risada.

Então, ouviu o eco da risada que dera, como se estivesse reproduzida por um aparelho eletrônico, e disse:

- Que foi, Amanto? É minha esta risada?

- Sim, Neiva, – respondeu ele, rindo – isto foi um pequenino carinho eletrônico, pois você é tão querida para nós, como sabemos que o somos para você. Que você seja bem-aventurada até o término da sua missão. Bem-aventurados sejam todos os que, esquecendo-se de si mesmo, cuidam do seu próximo! Por hoje, chega, Neiva. Noutra oportunidade voltaremos aos Tumuchy e seus descendentes, e às proximidades do Titicaca.

- Ao Titicaca de novo?

- Não. Desta vez iremos adiante, subindo as cordilheiras dos Andes!

A SERPENTE MORDE O RABO

Neiva ouvia Amanto dissertando:

- Um a um, os ciclos civilizatórios foram se exaurindo, e inúmeras vezes a serpente mordeu o rabo, fechando o circuito. Cada ciclo, entretanto, representava dois milênios de vida, vinte séculos de penosas experiências, de erros e acertos. Não houvesse a providencial interferência de fatores externos, independentes da vontade humana, os terráqueos perderiam o sentido do transcendental, o Céu ficaria separado da Terra. Mas o planejamento sideral continuou, sempre na sua trajetória inconcebível, o Sistema Solar se movendo na galáxia, e esta se incluindo no movimento do Universo. Presa ao sistema, a Terra evolveu sempre, reajustando sua posição, evoluindo com o conjunto, e os Homens, por sua vez, se evoluindo na Terra. Para que houvesse consciência de conjunto e sintonia com os planos siderais, a permanência do Homem na Terra foi diminuindo de prazo. Da imortalidade dos Equitumans, seus sucessores passaram a ter vidas mais curtas e desencarnes mais numerosos. Com isso, foi nascendo o temor da morte e a preocupação em se perpetuar na Terra. Esse fato fundamental é que explica as contradições daquelas civilizações e explica, melhor ainda, as contradições da atual civilização do Século XX. Os espíritos transcendentais que aqui aportavam, vinham cheios de Deus e de Eternidade. Suas constituições eram de pura luz e, como tal, pouco se diferenciavam da Luz Divina. Sua individualidade era conhecida, apenas, de Deus e dos Grandes Mestres. Dessa situação seráfica, eles passaram a habitar corpos densos e, para operar esses corpos, tinham que lançar mão do recurso da criação dos corpos intermediários, dando existência às **almas**. A experiência era terrível e sedutora, ao mesmo tempo. Até então, viviam seu cuidados pessoais, com poucas responsabilidades. Mas, a partir do momento em que chegaram à Terra, começou sua odisséia individual. Para que não desanimassem da tarefa, foi-lhes concedida a imortalidade relativa. Os Equitumans não eram sujeitos às doenças e ao desgaste energético, e não tinham, a princípio, o fantasma do desencarne, da morte. Por outro lado, a presença dos Mestres, com suas naves e seus equipamentos, representava a segurança do planeta de origem, a presença de Capela. A tônica de suas vidas era a do espírito. Seus corpos, exigindo poucos cuidados, desenvolviam a psique

adequada, suas almas eram simples e básicas. E, assim, deram início à tarefa. O meio físico – a Terra – já estava sedimentado e sujeito apenas a pequenas variações. Os colonizadores extraplanetários receberam um mundo estratificado e com bilhões de anos de vida. Da nebulosa inicial, restava, apenas, a pirosfera. Do fogo interior saíam os fatores magnéticos que mantinham o equilíbrio em relação ao calor solar. Rochas, corpos simples diferenciados, variações topográficas, distribuição de águas e sistemas atmosféricos, tudo se enquadrava num cenário testado e balanceado. O que restava fazer podia ser feito, agora, pelo Homem. A tarefa principal já estava concluída. O restante era a oportunidade de fazimento, de criação, que Deus dava de presente àqueles espíritos, um terreno para que fizessem o seu jardim, a sua horta, o seu mundo. Seus instrumentos eram quase perfeitos. Cuidadosamente sedimentada no seu mundo atávico, na sua memória espiritual, eles tinham toda a história da Terra, todos os planos, todos os sofrimentos, todos os fracassos e todos os sucessos. Tinham, ainda, nesse repositório inconsciente, o sentido de uma tarefa finita, e sabiam que, como a seus antecessores, a eles apenas cabia a continuação do trabalho, retomado onde os outros haviam deixado. A razão de sua vinda era fazer sua parte e voltar para o planeta-mãe. No princípio, eles estavam perfeitamente conscientes disso. E, assim, se lançaram ao trabalho. Sua matéria-prima era constituída de rochas e metais elaborados em bilhões de anos. Seu trabalho era essencialmente físico, e os estímulos vinham diretamente de seus espíritos. As relações entre eles obedeciam às normas espirituais e não havia necessidade de complicadas elaborações psíquicas. Por isso, suas almas eram singelas, e sua linguagem direta. Um simples olhar ou gesto bastava para que se entendessem. Assim era, no princípio. Por isso, dispunham de condições para manipular forças extraterrenas. Usavam a desintegração molecular e atômica, por meio de instrumentos, e as forças magnéticas de polarização interplanetária. O Sol, a Lua e os corpos do Sistema Solar eram fontes de energia a serem utilizadas, e eles sabiam como fazer isso. Com tais conhecimentos, eles aplainavam montanhas e furavam a terra, com base nas plantas gerais para o planeta. Esse trabalho se realizava em sete lugares diferentes da Terra. Em cada um desses pontos havia um grupo diferente, com corpos adequados às condições locais. Os elos de ligação entre eles eram vários. Seus espíritos se comunicavam com facilidade, e seus chefes se deslocavam nos seus veículos polarizados, transportando instrumentos, máquinas e operadores. A tarefa era a mesma para todos, mas as condições inteiramente diferentes. Aos poucos, eles foram padronizando a exploração das energias vitais, visando o abastecimento energético do globo. As poderosas usinas solares eram contrabalançadas pelas usinas lunares, numa complicada rede que visava a cobertura da Terra inteira. Em cada região, o plano obedecia a normas próprias, e seus instrumentos registravam, por antecipação, as acomodações da Terra. Eles tinham, portanto, todas as condições para conduzir a evolução física da Terra e sua adequação aos ciclos que se seguiriam. Por isso, eram senhores da natureza e controlavam as vidas mineral, vegetal e animal. Entretanto, eles não eram os únicos, pois chegaram a uma Terra já habitada pelos remanescentes das civilizações anteriores. A relação com esses habitantes os obrigou ao desenvolvimento dos sentidos psíquicos, da linguagem articulada e das emoções psicológicas. Aos poucos, suas almas foram aumentando os estímulos e as suas consciências, cujo campo foi sendo invadido pelas emoções psicológicas. Na proporção em que a tônica anímica foi crescendo, a espiritual foi diminuindo e, aos poucos, eles foram deixando de ser puros espíritos que tinham um corpo físico, para se tornarem mais corpos físicos que tinham uma alma. Essa involução se foi agravando na proporção em que geravam filhos, cujos corpos não tinham as mesmas qualidades de sobrevivência de seus genitores. A necessidade de se resguardarem dos percalços da vida física aumentou sua vida psicológica. A degenerescência dos corpos obrigou ao desenvolvimento de sentidos psíquicos cada vez mais apurados. Ao aproximarem sua tônica magnética da dos habitantes das regiões onde operavam, começou sua miscigenação e, com ela, o enriquecimento da sua psique. Eles passaram a ser tão ocupados nas suas tarefas, cada vez mais complicadas, que já não tinham tempo de sintonizar seus espíritos com os Mestres responsáveis. A insistência dos Mestres na manutenção dos planos originais foi entrando em conflito com a autonomia, cada vez mais ampla, daqueles espíritos que se transformavam, progressivamente, em seres humanos. No fim do primeiro milênio, os Mestres já começaram a perceber que haviam cometido erros de cálculos.

- Erros de cálculo?

Neiva, sentada em sua mesa, inteiramente mediunizada e registrando a narrativa de Amanto, espantou-se tanto com essa afirmação que saiu do seu torpor semicataléptico.

- Sim, Neiva, e por que não? Afinal, nós não somos Deus, somos apenas seres individualizados, diferenciados, portanto, de Deus. Não esqueça, também, filha, que somos habitantes de um mundo maior, mas um mundo que se chama Capela. O fato de Capela presidir a Terra como sua filha, não quer dizer que seja perfeito ou que seus habitantes sejam perfeitos. Sem dúvida, existe ali maior perfeição do que na Terra. Mas isso, apenas, num sentido de proporção. Afinal, tudo é muito pequeno em relação à grandiosidade do Universo e de Deus. O erro é, pois, a característica fundamental dos espíritos. Só não há erro quando o espírito se integra no Todo Divino. É verdade que tudo é proporcional e na dependência da perspectiva. Nós recebemos os planos prontos para a evolução da Terra, e os executamos. Durante milênios, fomos arregimentando espíritos e preparando-os para a tarefa. Chegado o momento, os conduzimos para os locais de trabalho e lhes demos todas as condições. Mas, se os planos eram perfeitos, o mesmo não aconteceu com sua execução. Um exemplo típico disso foi o excesso de autonomia que demos aos trabalhadores, devido à nossa limitação no plano físico. Éramos obrigados a nos manter em etérico, para não sermos influenciados pelas condições do plano físico. Com isso, nos comunicávamos diretamente com os espíritos, e eles sempre concordavam com as instruções. Mas, na hora da execução, eles encontravam dificuldades em suas próprias psiques, e quando a tarefa era feita, já não correspondia ao que fora combinado. Isso produzia emoções conflituosas e dilemas para o livre arbítrio. Diante das dificuldades na execução dos planos, começaram a se perguntar se o que lhes sugeríamos seria o certo e, na ausência de uma resposta positiva, eles ou desistiam ou prosseguiam, na incerteza. Dúvida é sinônimo de fraqueza, e para não se sentirem fracos, eles começaram a erigir tabus e pontos de referência psicológica. Esses tabus foram se transformando em mitos, e dos mitos nasceram as religiões. Nossos contatos foram, então, rareando, e os esforços foram sendo redobrados, para guiá-los na direção certa. Mas a volúpia da autonomia aumentou, a tal ponto, que os planos foram se distanciando, cada vez mais, dos originais. Isso nos obrigou a recorrer aos grandes Orixás, Mestres que ocupavam posições mais evoluídas que as nossas, e que tinham poderes mais amplos. No fim do segundo milênio da existência dos Equitumans e outros seis grupos, a intervenção começou a ser feita, produzindo as grandes catástrofes físicas na Terra. Os Equitumans foram virtualmente sepultados nos Andes, e os outros grupos nos seus pontos de irradiação. Houve, então, um período de estagnação, de refazimento da natureza, e a tarefa foi reiniciada pelos espíritos que se salvaram. No caso das Américas, o grande Orixá responsável foi Seta Branca.

Neiva se maravilhava com as explicações de Amanto, que continuou:

- A situação da Terra, entretanto, se tornara mais complexa. Os espíritos que desencarnavam estavam tão imbuídos, nas suas almas e em seus corpos, que não conseguiam condições de retorno a Capela. Como só poderiam reencarnar pelos processos do planeta-mãe, permaneciam em etérico e exerciam sua influência nesse mundo ilusório. Nele foram nascendo poderosas organizações de seres etéricos, em cujas consciências mal penetrava a voz do espírito. Assim nasceu o “outro mundo”, o mundo das almas, o mundos dos que vocês, atualmente, chamam de **espíritos sofredores**. Os espíritos sensatos, que tinham condições de retornar a Capela, eram recolhidos e recebiam novas instruções dos Mestres. Em seguida, encarnavam, já preparados para os novos planos que se delineavam para o planeta. Foi assim que surgiram os Tumuchy, os Jaguares e os Mussuman. Esses eram antigos Equitumans, que tinham liderança e vinham em condições superiores aos habitantes. Para facilitar a tarefa, eles recebiam corpos preparados para certa longevidade e ações, vedadas aos outros. Assim, foram decorrendo milênios sem conta. As populações iam aumentando, e os conflitos se sucedendo, com maior ou menor resultado, conforme as épocas e os lugares. Mas, o tempo ia destruindo seus rastros. O planeta, que estava destinado a conter a marca transcendental do espírito, ia ficando à mercê da alma. Alma, psique, significa conflito, relacionamento pela diferença, fatores positivos e negativos, em ação. O espírito tem a criação intrínseca no ser âmago, pois traz a marca de Deus, está mais próximo da Eternidade. A alma traz a marca do criado, do transitório, da elaboração transformista e suas marcas tendem a se apagar. É por isso, Neiva, que não temos quase provas palpáveis dessas civilizações. Se houvesse predominado a tônica espiritual, o tempo dos homens não seria contado em termos de anos, mas, sim, em milênios. Você pode comparar bem isso na sua época. Veja o Cristianismo como é atual, dois mil anos depois de Jesus, e observe o pensamento humano nas suas várias nuanças. Enquanto o primeiro se manifesta sensível, independente das elaborações psicológicas, as criações humanas são imperfeitas e dependentes de uma porção de

fatores para poder exercer sua influência. É por isso que a história humana só é registrada oficialmente de uns cinco ou seis mil anos para a frente. Esse registro depende de fatores físicos e psicológicos. Os monumentos das civilizações mais antigas já viraram pó! As coisas que foram preservadas são poucas e, talvez, o tenham sido apenas para a revelação final, para que os atuais espíritos tenham idéia da sua antigüidade.

- Mas, Amanto, o que você quer dizer com isso, com essa "antigüidade"?

- Quero dizer, Neiva, que esses espíritos somos nós, são vocês e são os que já habitam outras paragens. Sim, Neiva, essa é a razão do presente relato, dessas revelações. Tudo o que falei até agora se refere a nós mesmos e a vocês. Queremos que você encerre este livro e comece outro, que irá se chamar "De Esparta a Brasília". Nele registraremos a trajetória de alguns espíritos escolhidos, desde esses tempos até os tempos atuais. Talvez, em alguns casos, nos reportemos, até mesmo, a situações desses espíritos anteriores a Esparta.

A ORGANIZAÇÃO CRÍSTICA

Amanto prosseguiu:

- O povoamento da Terra continuou por muitos milênios, em meio à luta pela hegemonia. Às vezes, predominava o plano puramente físico, principalmente nos períodos de cataclismos e refazimento da superfície. Outras vezes, predominava o plano psíquico, nas lutas travadas entre civilizações que se adiantavam e outras, menos evoluídas. O espírito só conseguia predominar nos pontos estratégicos e no relativo anonimato. Esse fato é que deu nascimento aos repositórios da herança espiritual, às cavernas, aos subsolos das pirâmides, aos templos proibidos e aos agentes secretos do mundo espiritual. Essa é a origem das doutrinas herméticas, das iniciações, do ocultismo e do esoterismo. Cada grupo evoluiu de acordo com sua situação geográfica e a tônica especial de sua missão. Isso explica, também, a diferença entre as iniciações e as religiões. As religiões nasceram do psiquismo, dos anseios da alma e da necessidade de apaziguar a angústia. Por isso, não existe religião divina, mas, apenas, humana, antropomórfica. As coisas foram evoluindo, num crescendo cada vez mais amplo e mais complexo. As relações com os Mestres foram se reduzindo a contatos esporádicos dos iniciados, dos sacerdotes, com eventuais caminheiros dos planos superiores. Espíritos de grandes Orixás encarnavam em penosas missões e eram derrotados pela alma barbarizada. Felizmente, o perigo da manipulação de forças extraterrestres foi sendo afastado pela própria grosseria humana, pela impossibilidade dele se haver com forças mais sutis do que as físicas. Os Mestres materializados já tinham se convencido da inutilidade dos seus esforços, pois a energia que conseguiam manipular se transformava em arma mortal contra a natureza. Até os contatos passaram a ser perigosos, e eles tinham que isolar vastas áreas territoriais para poderem receber minguadas instruções dos Mestres eterizados. Foi isso, aliás, que deu origem aos **jinas**, os lugares sagrados, protegidos pelas falanges dos elementais.

- Mas, Amanto, – interrompeu Neiva – por que essa proteção tinha que ser feita pelos espíritos elementais? Ela não poderia ser feita pelos mecanismos terrestres?

- Sim, Neiva, eles sabiam se proteger dos encarnados e, raramente, um ser humano chegava até os lugares proibidos. O programa, porém, era de protegerem dos espíritos do plano etérico. Aliás, essa era a maior dificuldade que havia para a execução dos planos de Capela na Terra. Entre a Terra e o mundo sutil de Capela, formara-se um verdadeiro mundo denso, uma barreira quase intransponível de ectoplasma, vigiada por falanges organizadas. Seu propósito era o de tomar, de Capela, o comando da Terra. A resultante foi a saturação da Terra com espíritos que desencarnavam e não podiam subir ao planeta-mãe. Aprisionados entre duas dimensões, esses espíritos se apegavam aos corpos físicos, o que resultava no processo obsessivo em massa. É por isso, Neiva, que os últimos cinco mil anos antes de Cristo foram tempos de terríveis movimentos humanos, de guerras e destruições. A barbaridade, a impiedade, a sensualidade da carne resultavam na desagregação, cada vez mais intensa, da mente humana, sujeita às suas almas deformadas, com poucas possibilidades de ouvir as vozes de seus próprios espíritos. Daí serem criadas as mitologias, complicadas construções intelectuais de fatos não compreendidos à luz do espírito. Egito, Babilônia, Grécia, Cartago, Roma e todos os povos que constituem a base da História conhecida, nos dão idéia nítida desse fato. E em meio a esses movimentos de massas

destruidoras, surgiam, vez por outra, as vozes clamando nos desertos, o grito angustiado do espírito a exigir justiça. E nos sete oásis da Terra, nos sete pontos onde haviam desembarcado os privilegiados Equitumans, as coisas secretas eram cada vez mais enterradas, tornando-se cada vez mais inacessíveis. Os missionários ocultos clamavam a presença de Deus, mas os esforços dos Capelinos resultavam inúteis. E então, Neiva, o Grande Orixá, o Mestre dos Mestres, decidiu vir pessoalmente. Nasceu Jesus, e com ele, teve início a mais perfeita organização que o planeta conheceu. Naves gigantescas, com pilotos experientes dos planos etéricos, vararam a densa matéria e foram abrindo caminhos para o Céu. Plataformas espaciais foram estabelecidas, a fim de receber os espíritos que começavam a se libertar do jugo físico e da prisão etérica. No plano físico, os missionários encarnados se organizavam em sistemas mediúnicos e os primeiros médiuns começaram a exercer sua piedosa missão de dar oportunidade aos espíritos acrisolados. A esse fato se deve a confusão inicial do Cristianismo e o nascimento de tantas seitas. Para que houvesse ectoplasma adequado às desobsessões maciças não poderiam existir os grupos harmônicos e espiritualizados. Por outro lado, a tônica predominante ainda era a da psique obsidiada pelas especulações filosóficas e intelectuais. O orgulho humano personificava-se nas figuras de César, do Império Romano, dos bárbaros e dos conquistadores de povos e nações. E assim, lentamente, num processo seguro e inexorável, o espírito foi retomando sua posição no planeta, na luta sem tréguas e contínua.

- Mas, Amanto, – atalhou Neiva – se o Cristianismo veio resolver o problema, como se explica a situação atual, com toda essa barbaridade, guerras e injustiças sociais?

- Apenas por não ter se completado, ainda, o processo. Daqui para diante é que veremos o triunfo do espírito, a realização final do ciclo redentor. Afinal, Neiva, o que são dois mil anos diante dos milênios anteriores? Não se esqueça, filha, de que não se tratava, apenas, de equilibrar a população encarnada do mundo que, por sinal, era muito pequena quando o processo teve início. Tratava-se, realmente, de proporcionar a libertação de milhões de espíritos dos planos próximos à superfície, e isso vem se efetuando sem interrupção. Cada vez mais o sistema se aperfeiçoa em todos os planos. As Casas Transitórias funcionam com eficiência, e as falanges das sombras vão sendo reformadas pela luz do Amor, da Tolerância e da Humildade. A densidade do etérico terrestre vai diminuindo, enxertada pela luz física do mundo mediúnico, de um lado, e pela presença das falanges de Capela, do outro. Espíritos tenebrosos, acrisolado, há milênios, nas sombras. Vão sendo desalojados e lançados na Terra física. É por isso, Neiva, que o mundo se apresenta tão cheio de contradições, de indivíduos enlouquecidos e de obsessores tão terríveis. Assim o exige o reajuste final, os últimos estágios de um drama que começou há milênios. Mas você pode perceber que, em meio a provas tão terríveis e tragédias imensuráveis, o processo redentor funciona sem parar. Enquanto o mundo se degladia e se destrói, espíritos evoluídos e altamente cristianizados trabalham sem cessar, consolando, redimindo e abrindo novas perspectivas aos espíritos sofridos. Essa é a beleza e a grandiosidade dos tempos atuais. Dos sete pontos de irradiação partem as luzes que iluminam as consciências e preparam os espíritos para a caminhada de retorno. Em meio ao sofrimento, a sensibilidade aumenta, dia a dia, enquanto a proximidade do fim aguça a ansiedade do encontro com a realidade. Aos poucos, as máscaras vão caindo e, com elas, caem as falsas concepções. Mas, tudo tem uma relação direta, cada vida se alimenta das raízes do seu passado e floresce de acordo. Vamos, Neiva, vamos escrever “De Esparta a Brasília” e traçar os perfis dos velhos Equitumans nas suas vidas atuais, principalmente daqueles que habitam um dos sete pontos de irradiação, que se chama Brasília!

Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly

- F I M -

Adjunto Romar
Mestre Rômulo Acioly